







**Este** número do *Caderno de Registro Macu* é especialmente dedicado à experiência histórica de adaptação de nossos processos artísticos e pedagógicos para o universo virtual. Desde o início do isolamento em decorrência da pandemia causada pela COVID-19, a equipe da escola, direção, coordenação e professores, decidiu coletivamente por colaborar com o afastamento social e, ao mesmo tempo, dar continuidade às aulas em outro formato. A partir de então, temos pensado nosso projeto pedagógico *online* na perspectiva do desenvolvimento do *ator sobre si mesmo*, que antecede a relação palco/plateia e transcende a presença física. Não estamos, desta forma, ignorando a condição em que nos encontramos, mas investigando procedimentos com foco na continuação do processo formativo de nosso corpo discente.

Para tanto, mantivemos a eleição de um tema a ser investigado, que por sua vez se desdobra na elaboração de um projeto e orienta as práticas criativas. O tema do segundo semestre de 2020 foi inspirado no pensador e sociólogo francês Edgar Morin, que teceu em suas obras, profundas reflexões sobre a educação. E, após algumas elaborações, o enunciado O Despertar Para uma Consciência Planetária fixou-se como um guia para os processos do semestre. Sendo que a noção de *planetária*, para Morin, remete à condição de que todos os indivíduos, independente da nacionalidade e do contexto em que estão inseridos, fazem parte de um mesmo planeta, que requer cuidados e que necessita ser valorizado.

Assim, em nosso projeto, alguns despertares foram evidenciados, entre eles: tomadas de consciência conceituais e práticas dos princípios do Sistema Stanislávski enquanto questões éticas e humanas. E, a fim de contemplar este objetivo, os processos criativos foram divididos em etapas, conforme sugeria o próprio mestre russo. Estas, no entanto, não podem ser entendidas de modo estanque, já que se interpenetram e se constituem como processos de um processo maior, sendo elas: Busca, Vivência, Encarnação e Impacto.

A primeira etapa, a Busca, se define pela análise dos desejos coletivos em diálogo com o tema a ser investigado. É o primeiro passo para a construção de uma unidade a partir dos quereres individuais e, portanto, para a localização de um material poético capaz de revelá-los. A Vivência é o momento de encontro com a obra. É nesta etapa que nos aproximamos de seu contexto de escrita, que estudamos o universo do autor ou da autora e que levantamos as Circunstâncias Propostas.

Já a Encarnação marca a síntese entre o que se expressa na obra e a criação do ator/atriz a partir de si mesmo(a). Nesta etapa, o papel deixa de ser um esboço literário e ganha vida, a vida de um espírito humano. O processo de Impacto, por sua vez, consiste na recriação de todas as experimentações diante dos espectadores. Assim, ele conclui a tarefa final da arte, que é a comunicação do artista com o público pelas imagens cênicas.

Para complementar estas etapas, realizamos também uma abertura de processo, procedimento artístico-pedagógico que consiste em um encontro entre diferentes turmas e períodos para compartilharem e trocarem reflexões sobre suas criações e aprendizagens. Este se configurou também com um importante momento de parada, de avaliação dos caminhos já percorridos, para a projeção de novas trajetórias.

Grande parte destes processos de criação está agora documentada nos artigos que compõem este número do *Caderno de Registro Macu*. As reflexões estão divididas por seções, conforme os enfoques dos textos: O Despertar Pelo Corpo, O Despertar Pelo Texto, O Despertar Pelo Processo, O Despertar Pela Criação. Mas, apesar das diferentes abordagens, todos os artigos contemplam as etapas criativas aqui citadas e se aproximam em muitos outros aspectos.

Com este projeto arrojado e seus múltiplos desdobramentos pretendíamos ainda criar condições e alternativas que estimulassem nossos alunos e alunas a terem concepções e posturas cientes de suas responsabilidades como integrantes do meio ambiente social, cultural e político. Este ponto de chegada, também exposto em nosso projeto, tange à utopia. Mas, de acordo com o que acreditamos, felizes as nações e gerações que ainda são por elas alimentadas, pois as utopias são capazes de deslocar o irremovível!



### ISSN 2238-9334

### **IDEALIZAÇÃO E EDITORAÇÃO**

Roberta Carbone (MTb 0088828/SP)

### **ASSISTÊNCIA EDITORIAL**

Igor Bologna

Kleber Danoli

### **COLABORADORES DESTA EDIÇÃO:**

Adriana Costa

Alexandra Tavares

André Haidamus

Camila Andrade

**Christiane Lopes** 

Lúcia de Léllis Manso

Marcela Grandolpho

Maria Carol Costa

Mônica Granndo

Naiara Soares

Paco Abreu

Renata Hallada

Renata Kamla

Rodrigo Polla

Tieza Tissi

### **AGRADECIMENTOS**

Aos professores e professoras que fizeram possível este número. Aos nossos alunos e alunas, cujos pesquisas, registros e depoimentos foram essenciais à escrita dos artigos. E a todos aqueles e aquelas que direta ou indiretamente colaboraram com esta publicação.

### **DIREÇÃO EXECUTIVA**

Luciano Castiel

### **SUPERVISÃO**

Debora Hummel

### **PROJETO GRÁFICO E ARTE**

Fernando Balsamo

### **INFORMAÇÕES DA CAPA**

Projeto de Eva Castiel

#### **TIRAGEM**

3000 exemplares



Proibida a reprodução total ou parcial dos textos, fotografias e ilustrações, sem autorização do Teatro Escola Macunaíma.

o despertar pelo corpo	
O despertar de um corpo	6
Outros continentes diferentes de nós.	
Como despertar para uma consciência planetária através da arte teatral?	12
o despertar pelo texto	
Estado de sítio.	
Será que a vida pode voltar a ser como antes?	22
Como a comunicação auxilia no despertar de uma consciência planetária	38
Registro do processo de <i>A Vida de Galileu Galilei</i>	44
Nosso Berço:	
Reminiscências do processo de formação e criação autoral com alunos do	
Teatro Escola Macunaíma a partir da obra O Berço Herói, de Dias Gomes	50
Notas sobre um processo de criação de teatro online	66
o despertar pelo processo	
O despertar para uma consciência planetária	74
O teatro <i>online</i> e os novos desafios da comunicação	82
Impactos - o despertar para uma consciência planetária	90
Registro síntese do vivido:	
Marcas, caminhos e rabiscos atravessados no processo investigativo	
do tema O Despertar Para Uma Consciência Planetária	96
o despertar pela criação	
Processo de criação: busca, vivência, encarnação e impacto	104
De quantos brasis se faz um Brasil?	122
Registro investigativo do processo online	136
Teatroamorafeto. O amor em 5 atos -	
uma experiência cênica sobre a revolução através do amor	146

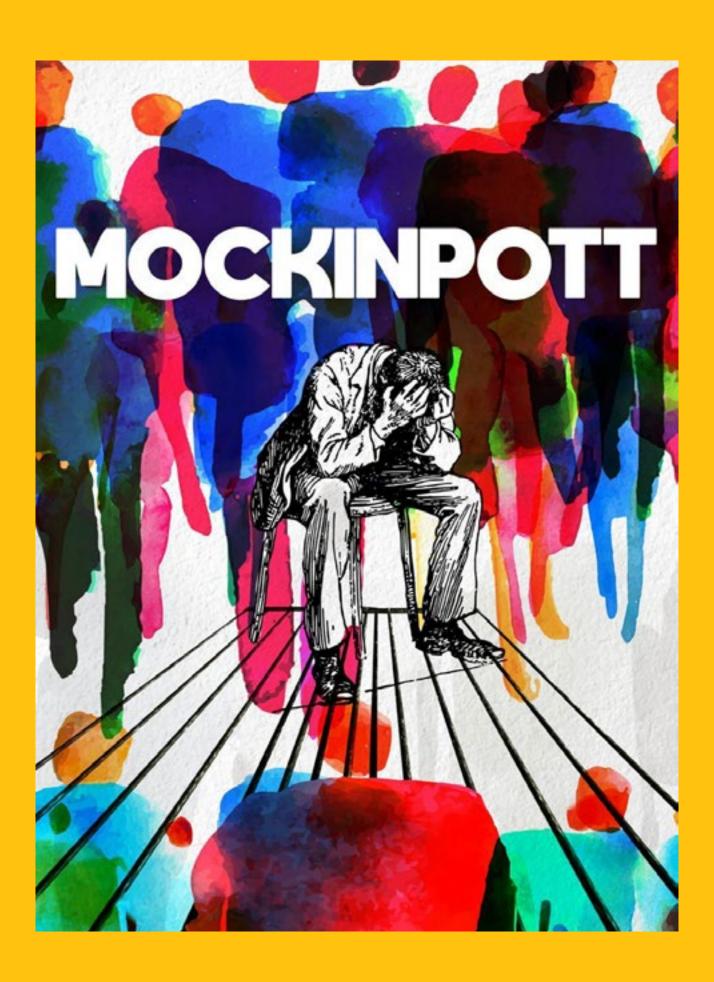
# O despertar de um corpo

### **DIRETORA-PEDAGOGA – ADRIANA COSTA**

Atores e atrizes-criadores(as) – André Show, Arthur Mariano, Felipe Ramos, Gabriela Rueda, Jhow Doimo, João Oliveira, Mery Jho, Mo Orra, Vinicius Oliveira.

Quando se vê uma peça pronta, ninguém imagina os mundos pelos quais os atores- criadores atravessaram até chegar a esse novo universo dos sentidos. E essa viagem foi ainda mais intensa no ano passado. O ano de 2020 entrou para a história em decorrência dos efeitos da pandemia de Sarv-Cov-2, que impôs um distanciamento social em todo o planeta. E, mesmo com a impossibilidade do encontro entre os alunos e destes com o público no sagrado tablado do palco, conseguimos fazer com que o teatro renascesse, mesmo se utilizando de plataformas digitais de comunicação.

Fui diretora-pedagoga de uma turma de PAMIX aos sábados de manhã, que deveria ter sido um grupo de estudos híbrido, mas que infelizmente, com o avanço inexorável dos contágios de COVID-19, mantivemos as aulas no ambiente *online*. Foi interessante desenvolver esse trabalho, porque a maioria dos alunos dessa turma já havia realizado um espetáculo sob a minha direção em sua primeira montagem. Esse grupo era formado por nove atores-criadores da Unidade Pinheiros.



O primeiro encontro que realizamos teve como finalidade conhecer a trajetória e a expectativa de cada um dos alunos. Esse também foi um momento para promover um sentido de coletividade e de aprofundamento da interação. Logo nas primeiras aulas, busquei apresentar aos alunos o tema da mostra, que em seu âmago, traz a busca de um caminho para se Despertar Para uma Consciência Planetária por meio da arte.

Com essa ideia, debatida ao longo das reuniões de planejamento, apresentei a questão do tema da mostra na segunda aula. E, para chegar a esse ponto, apresentei aos alunos o texto do filósofo, antropólogo e sociólogo Edgar Morin, no qual ele debate a solidariedade humana. Aproveitando esse debate, instiguei os alunos a responderem, em processo colaborativo, as principais perguntas do Problema Certo, a saber: "Como despertar a consciência planetária?", "Como despertar o 'nós'?" etc.

De acordo com as reflexões do grupo, o ser humano foi perdendo a noção de viver coletivamente e da importância de cuidarmos uns dos outros. E, consequentemente, esquecendo-se de cuidar do nosso planeta. E isso se acentuou após a Revolução Industrial, devido ao aprofundamento do capitalismo, que além de explorar, dividi o mundo do trabalho. Algumas perguntas surgiram: "Como falar e agir com solidariedade e humanidade diante de uma sociedade que incita a violência diante da polaridade ideológica e política?" "Como combater a hipocrisia de quem assume um discurso libertário, porém mantém ações conservadoras?"

Outra leitura que realizamos foi a de um dos textos do Tempero do tema da mostra, que tem como tema a felicidade e foi elaborado pelo pensador Edgar Morin. A partir da pergunta sobre o que o texto suscitou nos alunos, eles deveriam procurar imagens, músicas e textos que representassem essas sensações. E, também, criarem um estudo. Após a apresentação do estudo, foram feitos comentários sobre a experiência coletiva e as inquietações pessoais. Este material serviu como fonte criativa e como referência para a escolha da peça.

Como forma de instigar os alunos a refletirem sobre o papel do ator na coletividade, apresentei um texto do dramaturgo Plínio Marcos chamado *O Ator*. Esse texto reverberou entre os alunos de forma positiva, especialmente porque naquela semana foi comemorado o Dia do Ator. Em muitas das devolutivas que recebi da leitura deste texto, ressalta-se que, para muitos, a felicidade está na arte e na experiência de estudar no Teatro Escola Macunaíma.

Além do debate da literatura citada acima, discutimos problemas da atualidade que são caros à sociedade. Dentro de todas as questões levantadas nos debates, chegamos a algumas ideias de textos que poderiam retratar os problemas abordados pelo grupo e que tinham relação com o tema da mostra: Xandú Quaresma, de Chico Assis, O Interrogatório, de Peter Weiss, O Homem do Princípio ao Fim, de Millôr Fernandes, e De Como é Extirpado o Sofrimento do Sr. Mockinpott, também de Peter Weiss. Este último foi o escolhido, pois

dialogava com as indagações da turma. A decisão do grupo ocorreu não apenas por causa da trama, mas também porque houve uma avaliação de que essa peça seria mais bem apresentada no suporte online.

Na história, a personagem Mockinpott é presa injustamente. E, a partir de então, perde tudo o que tem na vida: o trabalho repetitivo, o casamento sem sentido que, apesar disso, era o seu sentido de ser no mundo. Ele busca a ajuda de políticos e, até mesmo, de Deus, mas não obtém as principais respostas aos seus infortúnios. Nesse processo, ele mostra que o homem está sozinho no mundo frente a instituições que não funcionam, que existem apenas como forma de controle social sobre a mente e o corpo.

Diz Michel Foucault, no livro *Vigiar e Punir* (1987, p. 29), em texto debatido com os alunos:

O corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele, elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-lhe cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica.

Á época da escolha do texto, também ocorreu uma triste coincidência: a prisão injusta, em Niterói, de Luiz Carlos da Costa Justino, violoncelista da Orquestra da Grota. Em 2017, no mesmo horário em que ele se apresentava, ocorreu um assalto. E, mesmo provando que não estava no local, foi preso, causando grande comoção nacional. Esse fato nos atravessou profundamente, pois não reflete apenas um mal-entendido, mas o racismo estrutural e a violência jurídica e policial. E o caso do músico reflete também uma realidade, pois há diversos casos de prisões injustas.

"O artista conhece pela primeira vez a obra do poeta e o papel que vai criar. O tema definido pelo poeta para o trabalho criador do artista o atrai – de imediato ou gradualmente", diz Stanislávski (apud KNEBEL, 2016, p. 37). Após a escolha do texto *De Como é Extirpado o Sofrimento do Sr. Mockinpott*, de Peter Weiss, partimos para a aproximação do universo do autor, época e das circunstâncias da obra.

Em seguida, procuramos fazer a conexão do texto com o tema da mostra, e percebemos que o texto amplia a percepção do "nós" e do "outro", permitindo reflexão e autoconhecimento ao espectador e aos atores, possibilitando que estes se identifiquem com a obra. E, com isso, reflitam, sintam e vivenciem segundo sua própria leitura da encenação.

Outra pesquisa realizada pelos alunos foi sobre o grotesco, pois na obra evidenciamos alguns elementos, como a falta de amor pelo ser, a realidade exacerbada, o estilizar máximo e exagerado, o estranhamento de algumas das personagens da obra. No estudo realizado pelos alunos em relação à obra, os aspectos do grotesco permeiam algumas personagens da peça. Os protagonistas

são uma dupla, a personalidade de um realça a personalidade do outro, um não existe sem o outro, o que gera o conflito. Eles não vivem separadamente.

A personagem Salsichão, por exemplo, expressa nitidamente o realismo grotesco, na medida em que o autor a caracteriza como pançudo, comilão, bonachão, privilegiando o corpo inchado que quer se comunicar com o mundo, símbolo de dilatação, de mutação, opondo-se ao corpo clássico limitado. Mockinpott é um indivíduo autômato. escravo de um sistema social pesado que o despersonaliza. Se ainda existe um aspecto cômico, ele será discordante, um cômico que duvidará dele mesmo, que conduzirá a reflexão, mistura de cômico e trágico.

Levantamos alguns temas que se aproximavam da obra e do tema da mostra. E, em seguida, os alunos selecionaram imagens atuais na internet que tinham alguma relação com os temas abordados na obra em relação aos dias atuais e o que está acontecendo no Brasil. Eles trouxeram imagens, como: do presidente do Brasil debochando de uma menina e fazendo piada sexista ao lado de uma criança, o que lembra a cena dos políticos que debocham de Mockinpott; palhaços no semáforo, que são criticados injustamente, pois muitas vezes são vistos como vagabundos; em relação à saúde, à falta de entendimento entre Organização Mundial da Saúde (OMS) e o presidente da República; o perdão da dívida bilionária de igrejas evangélicas; a destruição da Amazônia; fake news etc.

A partir desta discussão, partimos para alguns

treinamentos, construção e apresentação de monólogos, refletindo sobre experiências, descobertas e o diálogo com a nossa busca pelo texto/material a ser usado no processo de montagem.

Outra etapa foi a de levantar os acontecimentos maiores da peça, dentre eles o inicial e o principal, e realizar estudos a partir das circunstâncias levantadas. Ao definir acontecimentos e ações, o ator involuntariamente se apropria de camadas cada vez mais amplas das Circunstâncias Propostas à vida da peça. Stanislávski insistia em que os atores aprendessem a decompor a peça a partir dos acontecimentos maiores (KNEBEL, 2016, p. 37).

Partimos para alguns estudos das instituições da sociedade relatadas no texto. E iniciamos a aula tecendo comentários sobre o capítulo "Corpos Dóceis", do livro Vigiar e Punir, de Michel Foucault. O texto faz uma crítica às instituições, que impõem uma disciplina para a produção de seres humanos que são apenas engrenagens do sistema econômico, uma disciplina que fabrica corpos submissos e exercitados, os chamados "corpos dóceis".

Todas essas questões debatidas nos textos citados acima, desde as engrenagens da sociedade aos corpos dóceis de Foucault, estão inter-relacionadas com a busca pela Supertarefa, cujo debate suscitou a seguinte pergunta: "A gente dá origem à sociedade ou ela que dá origem à gente?"

Partindo para a escolha de personagem, pedi aos alunos que selecionassem trechos da obra. de falas com as quais mais se identificassem e que tivessem ligação com a nossa Supertarefa, questionando-os se havia alguma questão os atravessava, e um tema sobre o que gostariam de falar a partir desta figura escolhida. Busquei trabalhar o "corpo-instituição", a manipulação calculada nos seus gestos e comportamentos impostos pela sociedade, trabalhar o corpo grotesco e como dar vida dentro deste quadrado da tela do computador. Um trabalho que a teve a seguinte devolutiva no final do processo:

Com relação à construção corporal, as aulas da professora Naiara foram de imensa ajuda, assim como uma aula específica da professora Adriana, onde alteramos nossos corpos entre "externo" e "interno" e moldamos diversos corpos em situações do cotidiano. Mesmo com as limitações do espetáculo *online*, o corpo ainda foi muito presente na construção das personagens, mesmo com a limitação da visão do espectador.

O público entendeu a história, a Supertarefa chegou até o púbico, que riu e se comoveu com os infortúnios da personagem. Para os alunos, essa experiência do Impacto "é oriunda da estrutura do método de ensino prático adotado pelos professores do Macunaíma". Seja pela adaptação para um sistema *online* ou não, alguns alunos sofreram um grande impacto pelo fato de não terem ocorrido muitos momentos de "somente ensaio" no período de construção da peça.

Outro grande impacto foi o da personagem principal, o Mockinpott, e o uso de três atores, que

acabou gerando três grandes momentos dele: o primeiro, esperançoso, vivaz, interpretado pelo André Show; o segundo, mais entristecido, sofrendo os baques da vida, interpretado pelo Vinicius Oliveira; e o terceiro, mais agressivo, raivoso, confrontador, interpretado pelo João Oliveira e pelo André Show novamente na última cena.

"Eu gostei da distribuição das personagens e tive dó do 'Leite em Pó' (que é como Mockinpott é chamado em um momento da peça). As músicas se encaixaram bem. É comédia, mas é a triste realidade", diz Rosa Zoppi que assistiu à peça. "Todos os meus familiares e amigos que assistiram acharam excelente", diz a atriz-criadora Mery Jho.

As pessoas falaram que estava perfeita. A minha sobrinha Lúcia falou que gostou muito da cena da cadeia, porque ficou muito bem visível. Ana Rita, minha sobrinha, deu nota mil, e entendeu muito bem a cena do anjo do bem e o anjo do mal. Achou lindo o anjo do bem cantando, ficou bem perfeito. Apesar de ter sido *online*, os atores se comunicaram muito bem.

### Referências Bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

KNEBEL, Maria. **Análise-Ação** – Práticas das Ideias Teatrais de Stanislávski. São Paulo: Editora 34, 2016.

# Outros continentes diferentes de nós. Como despertar para uma consciência planetária através da arte teatral?

#### DIRETORA-PEDAGOGA **ALEXANDRA CAMPOS TAVARES**

Assistente de direção – Jackson Antunes Atores-criadores – Alice Miguel, Aryane Monteiro, Claudia Romano, Gaby Lemes, Henrique Thurler, João Quinto, Mariana Birrague, Valentina Chiarelli

Agosto de 2020. Quinto mês da situação pandêmica. Recém-saída de um semestre intenso de aulas, eu adentrava em um novo ciclo online. Era também o inicio de um novo ciclo para uma turma recém-saída da experiência online com o PA1. Novos ciclos online se iniciavam em nossa jornada de aprendizado sobre o ato de atuar.

A turma eclética, compunha o PA2A da Unidade Pinheiros, o qual, todo sábado de manhã, formava diante da tela do meu computador, paisagens que aguçavam a curiosidade de minhas retinas. Meus olhos testemunhavam imagens em movimento.

No primeiro dia, vi a turma desenhando no espaço-chão de seus ambientes um solo fértil para gestar suas criações: performances de seus despertares. Prática poética proposta pela professora Tieza Tissi, a partir da questão: "Quem sou eu hoje neste momento de confinamento?" Diferentes e potentes universos de linguagens surgiram diante das telas e, a partir dessa fecundação, avançamos em direção ao infinito. Inspirados pelas provocações iniciais de Tissi,

passamos a nos aquecer experimentando as espirais do corpo em busca de se descobrir em fluência no movimento do infinito, o oito. Criar o solo-chão foi o inicio do processo. A partir daí começamos a habitá-lo através do corpo no espaço. Tratava-se de criarmos juntes um espaço comum que nos desse suporte de relação para adentrarmos no tema da mostra e na busca por materiais que despertassem e nutrissem a nossa criação.

Encontro a encontro, fomos percebendo que esse espaço comum, nesse momento virtual, só era possível ser criado através da aproximação com o ambiente do corpo. Então, nos deparamos com a imagem do *Homem Vitruviano*, de Leonardo da Vinci, estímulo lançado por mim e, após estudarmos as dimensões do corpo no espaço, relacionando o quadrado com margens e o círculo com conteúdos, desenhamos diagramas, onde cada atuante pudesse materializar e organizar suas impressões, afetos, inspirações, assuntos, apreciações do seu próprio trabalho e do trabalho do outro. Criamos assim nosso primeiro material, e o grupo passou a se dividir em dois e em salas simultâneas para trabalhar sobre os diagramas. Dessa investigação nasceram dois estudos, os quais nomeamos de estudo do condomínio e estudo da sala de aula.

Lancei ao grupo referências específicas para cada estudo: imagens da A Classe Morta, de Tadeusz Kantor, trechos de A Lição, de Eugène

lonesco, e o documentário Edifício Master, de Eduardo Coutinho, Passamos então a trabalhar a partir da contaminação com as referências, onde cada grupo retomava seu estudo, e nos perguntávamos: "Como tornar vivo novamente?" Percebemos algumas transformações escolhemos investigar o elemento Adaptação do Sistema Stanislávski, ao mesmo tempo em que começamos a discutir como encontrar uma obra teatral clássica que não nos traísse em relação ao tema da mostra (O Despertar Para uma Consciência Planetária), já que, em sua maioria, os clássicos que orbitam o nosso universo dizem respeito a autores homens e, quando não são brasileiros, são do teatro europeu, como eu mesma havia acionado e lançado como referência à turma.

Então, lancei a pergunta: "Através da arte teatral, como despertar a consciência planetária sem excluir os outros continentes diferentes de nós?" Nesta fase da Busca, a estratégia abordada para tal intento foi manter a turma pesquisando sempre em dois grupos, que se reconfiguravam a cada experimento. O ponto de partida para cada tentativa era a experiência da própria aula com a prática de atuação relacionada com o Sistema Stanislávski. Os grupos, configurados a cada encontro, tomavam como tarefa semanal uma conversa entre si resgatando o que de mais significativo havia surgido em seu aprendizado. A partir dessa conversa, cada grupo deveria trocar

os desejos por obras que conectassem suas descobertas com o tema da mostra, levando em consideração a questão de não excluir outros continentes diferentes de nós. Assim, após as trocas, cada grupo deveria eleger uma obra e organizar um estudo para revelar ao outro grupo sua sugestão de material. Então iniciamos o mês de setembro com duas propostas de obras trazidas pelo coletivo de alunos:

O primeiro grupo trouxe como proposta um diálogo entre freiras. Em um convento, freiras debatem sobre questões de liberdade e vontades, elas se veem enclausuradas numa religião. Dialética de clausura. Dogma e o progresso. O Rato no Muro. O segundo grupo atuou numa cena em que a esposa tentava tirar vantagem financeira do marido, ao mesmo tempo em que mostrava uma dependência dele. Casa de Bonecas. Após as apresentações, o grupo um falou do grupo dois e vice e versa. E a professora finalizou fazendo os comentários sobre ambas as obras com relação ao assunto e à criação das figuras, enfatizando que não estamos a serviço de uma obra, mas dialogando com ela. Os participantes conversaram entre si sobre as questões pontuadas e escolheram a obra O Rato no Muro, de Hilda Hilst (Trecho do registro reflexivo de Jackson Antunes).

Essa conversa sobre a escolha do material foi extremamente importante devido ao nosso intento de responder à questão investigativa. A turma pôde tomar consciência da raridade de se deparar com uma obra teatral em que a escrita parte de uma voz feminina, Embora, a obra clássica Casa de Bonecas (1879), de Henrik Ibsen (1828-1906), aborde o conflito da mulher em rompimento com uma estrutura social imposta, ainda assim, a "pena" é pertencente a um homem. Logo, a turma considerou investigar a relação com uma autora brasileira para tentar encontrar uma resposta artística para a questão investigativa. Posto isso, seguimos para a fase da vivência com o universo da autora Hilda Hilst (1930-2004).

Durante o desenvolvimento do contato com o universo de Hilda, houve uma aproximação do Sistema Stanislávski através das práticas e análises dos études, apropriação das percepções, feedbacks da professora e associação das aulas teóricas com as aulas práticas, aplicando os ensinamentos dados ali na aula de montagem, como criar um objetivo para as suas ações. Um grande aprendizado que ganhei neste processo de investigação do universo de Hilda foi a partir dos études, associando-os com o

Sistema, onde percebi como é importante focar na ação ao invés do sentimento que imaginamos ser o pertinente para tais circunstâncias. A ação sempre será a fonte do sentimento, portanto, é importante "brincar" e se deixar levar na ação de uma cena, para que então o sentimento venha de forma livre e consigamos analisá-lo (Trecho do registro reflexivo de Mariana Birraque).

Ainda sobre o universo da autora, foi fecundo explorar études tanto em grupo quanto individuais. Nesta fase, levantamos alguns assuntos e possibilidades.

> A professora deu vinte minutos para que os alunos, em grupos e em salas simultâneas, organizassem uma proposta de estudo em relação à vida da autora. O primeiro grupo começou com uma proposta em que cada aluno entregava um objeto e falava da importância que tinha o objeto em sua vida. Entregaram conhecimento, obra, roupas e guadro. Trouxeram um ritual, onde cada um fez sua doação. O objeto mais valioso, mais forte, foi visto, revertendo os valores da sociedade, associando o estudo a um momento importante da vida da autora Hilda Hilst, com o fato de pegar algo que te representa e doar. O segundo grupo trouxe a vida da autora em partes. Uma aluna

começou a narrar a vida da autora, e, em cada tela, tinha alunos com um lençol em cima da cabeça, simbolizando os fantasmas da autora. O primeiro fantasma relatava a infância, juventude e paixão. Eles entraram no universo da autora, organizando o percurso com o relato pessoal. Depois dos estudos, os alunos tiveram um tempo de troca. Eles disseram que o estudo foi bem profundo, alguns tiveram um contato mais próximo da autora. Em seguida, a professora deu estímulos para que eles refizessem as cenas, pensando em cada questão de cada estudo. Os estudos eram de uma sensibilidade muito grande, era nítido ver os atores se tornarem crianças. Cada aluno se apropriou. A partir das indicações, o primeiro grupo foi sensível demais, revelou o Sistema com foco na Atenção. Foram estudos de Ações Físicas. Depois da troca, finalizamos a aula com um relato meu. (Trecho do registro reflexivo de Jackson Antunes).

Caminhando no processo, adentramos o universo da obra *O Rato no Muro*. A princípio propus práticas e experiências corporais influenciadas pelo universo da obra, especificamente com o foco no ambiente revelado por ela: uma capela. Tomei como ponto de partida o resgate de uma prática corporal que havia feito na fase da Busca

com a figura do *Homem Vitruviano*. A intenção era localizar o corpo no espaço, suas possibilidades e a investigação do que seria habitar um claustro.

Começamos o nosso encontro com a prática corporal. A princípio, os alunos se deitaram no solo, cada aluno num espaço marcando, um círculo. Com base no diagrama do Homem Vitruviano, de Leonardo da Vinci, os alunos começaram dialogar cada um com seu espaço. Depois da orientação da professora, os alunos começaram a entrar em contato com o sistema respiratório, levando o foco da atenção para a respiração, cada aluno começou a perceber como estava a sua respiração naquele exato momento. Aos poucos os alunos foram soltando o peso do corpo em direção a terra. Os alunos encontravam a sua própria percepção e aos poucos começavam a soltar os membros do corpo, com isso, escutavam o seu corpo "falando". A partir da observação do corpo, todos escolheram uma parte do corpo para mandar o foco de atenção, com a missão de ceder um pouco mais essa parte. Numa sequência de escolher partes do corpo, empurrá-la em direção ao solo, descansar e escolher outra parte do corpo, explorando o ato de empurrar e observar o que acontece com as outras partes do corpo. Ao som

de uma música, continuamos com esse exercício. Na vertical, os alunos fecharam os olhos e trouxeram a mesma relação com a sola dos pés, como se fosse uma planta, uma raiz. Os alunos fecharam os olhos e ficaram se observando na relação com a terra, com a missão de se movimentar, o que pôde ser feito dentro do espaço. Os alunos começaram a trabalhar com vários planos e movimentos, olhando para fora do círculo a partir de algum objeto que despertasse o interesse dos alunos, observando o que estava fora do Círculo de Atenção deles. Movendo-se em direção ao objeto, os alunos saiam do círculo verificando como era o real encontro com o obieto. Com essa atividade inicial, trabalhamos o foco interno, foco externo, relaxamento muscular e Círculo de Atenção. A professora deu um tempo para que cada aluno escrevesse o que tinha descoberto com essa prática, o que foi familiar e o que foi difícil. Isso trouxe satisfação e alguns pontos de reflexão (Trecho do registro reflexivo de Jackson Antunes).

A partir dessas explorações, relatadas por Jackson Antunes e realizadas sempre no inicio da aula, começamos a encontrar qual seria nosso foco no aquecimento, relacionando o Sistema com questões da obra. Assim descobrimos que

investigar os Círculos de Atenção e as relações entre o foco interno e externo se mostraram aliados. Passamos então a uma primeira leitura coletiva da obra e nos detemos a explorar nesses momentos iniciais, uma espécie de mapeando de assuntos que mais nos chamavam a atenção. Assim transitamos para o mês de outubro com a intenção de descobrir o processo de encarnação através desse mapeamento inicial.

Convergindo com toda a discussão do último mês referente às circunstâncias e aos études, a aula de 26 de setembro de 2020 foi um exemplo prático de como somos afetados pelo coletivo e pelo contexto. A sua construção se deu com base na interação entre dois participantes em seu início, e, por acaso (ou não), foi natural e completamente direcionada à temática da obra *O Rato no Muro.* A partir da música tocada pela Cláudia e pela relação entre o João e a sua filha, Flor, o coletivo foi completamente impactado e capaz de reverberar, com cada um em seu ambiente, o impacto da luz solar entrando pelas nossas janelas.

"Eu olhei para o alto. Havia sol. Eu me alegrei", como diria Irmã A, da obra de Hilda Hilst, e como representaria o espírito do coletivo no sábado pela manhã. Cada ator, assim, trouxe o impacto de olhar para o alto, para fora, para além de uma janela que

não só separa o indivíduo do externo, mas também representava um muro, invisível, num contexto de pandemia. Sorte do coletivo, como diria irmã H, que "nenhum muro pode ser tão alto, nenhum poço tão profundo".

A luz do sol entrando em cada ambiente. refletindo e iluminando a construção de cada ator no trabalho sobre si mesmo foi o contexto. A provocação era, contudo, o que cada um gostaria de mostrar do seu espaço, quais impulsos eram sentidos na movimentação e o que movia cada um e o retirava da inércia até o atingimento de um objetivo, colocando-se, assim, a questão: "O que move cada ator?" É sob essa perspectiva que os trabalhos sobre o universo da Hilda Hilst devem conversar com a obra O Rato no Muro. E, além disso, foi sob essa máxima que études lindos foram desenvolvidos pelos atores, com os mais diversos propósitos, mas se complementando num organismo coletivo. Alguns dançaram, outros procuraram, alguns compartilharam e ainda outros refletiram, todos jogando com o papel da luz e da escuridão no desenvolvimento e na expressão individual. E esse papel cada ator está aos poucos descobrindo e construindo, talvez como ratos, ainda, frente a um muro inexplorado, mas a cada dia subindo mais um pouco. E

dessa forma, no fim, como disse a Irmã G, mesmo sendo um rato, "seria um rato sobre um muro. Olhando para o alto, pode ver o mais fundo" (Trecho do registro reflexivo de Henrique Thurler).

A partir do processo de vivência com o universo da autora e, com o universo da obra *O Rato no Muro*, encontramos um caminho de investigação a partir de três pilares ou princípios fundamentais: a percepção do corpo em relação aos elementos do Sistema, os Círculos de Atenção e o trânsito entre o foco interno e externo, assuntos que permeiam a obra em relação ao tema da mostra e práticas de *études* considerando os elementos do Sistema: Circunstâncias Dadas e Acontecimentos. Com esses princípios, iniciamos o mês de outubro com o intento de descobrir o processo de encarnação.

Na obra, todas as personagens são nomeadas como Irmãs. A partir dessa organização da autora, nos perguntamos como iríamos proceder em relação às personagens. Decidimos não fazer a divisão de papéis a princípio, mas sim investigar as circunstâncias e buscar acontecimentos que nos revelassem como cada ator e atriz criadora iria se aproximar de alguma dessas Irmãs. Após analisarmos o que seria o primeiro ato da peça, pudemos perceber que assuntos como o da culpa e da confissão perpassam toda a obra de Hilda Hilst. Através de nossos aquecimentos, que foram adquirindo uma natureza de preparação corporal

para estudar, identificamos a necessidade de descobrir melhor a relação com a câmera, enquadramento e comunicação entre nós. Ao testemunhá-los, pude perceber que, muitas vezes, a relação com a câmera os aprisionava em um enquadramento da conferência online. Assim lancei como assunto a ser estudado o tema da confissão e compartilhei uma lista de novas referências artísticas (imagens, filmes, documentários) que dialogavam com o assunto. A proposta neste momento necessitou ser direcionada individualmente. Cada ator e atriz tinha a tarefa de escolher uma das referências como inspiração para organizar um procedimento de estudo sobre o assunto da confissão. Assim, surgiu nossa Supertarefa provisória: "Diante do outro, o que revelo?"

Nos encontros que se seguiram começamos a perceber como cada um estava lidando com esse ato de confessar, sabendo que havia uma câmera em seu ambiente. Então começaram a surgir conflitos. Isso foi muito interessante. Os atores tinham como circunstância o próprio ato de estar enquadrado pela plataforma Zoom, Circunstância Dada. Porém, havia ainda a esperança em poder escolher o como. Isso de alguma forma revelava talvez a Supertarefa legítima da obra no que se refere ao tema da liberdade, da possibilidade de escolha, de tomada de decisão. Sendo assim, percebi que a Supertarefa provisória precisava ser alterada para: "Diante do outro, como me revelo?" Essa descoberta começou a tomar o meu foco de interesse. Porém, estávamos nos aproximando

do dia da partilha e, ao invés de abrir essas questões e desestabilizar o grupo, decidi manter a Supertarefa como estava e propus à turma que organizasse uma proposta de um procedimento coletivo para ir para um novo étude, considerando os études individuais. Com isso, chegaram a um étude de vinte minutos de duração e, após tomarmos um tempo para conversamos sobre a proposta, organizamos um percurso do que seria explorado no dia da partilha.

Já tínhamos o corpo no ambiente de claustro, o assunto da confissão e a necessidade de comunicação. A partir desse estudo coletivo, foi possível esboçar as relações entre eles e possíveis dramaturgias. Assim, chegamos a um novo sentido para o étude: a coragem de confessar e (des)confinar desejos. Ainda sem definir as personagens, os atores e atrizes começaram a se descobrir nesse ambiente de claustro, e algo começou a encarnar.

> A partilha teve um papel fundamental para entender o étude. A construção da fala se fez de forma tão profunda que pude vislumbrar o termo usado por Stanislávski sobre encarnação e porque esta palavra, encarnar, talvez seja trazer ao físico o que está no mental e deixar a cena fluir (Trecho do registro reflexivo de Claudia Romano).

Percebemos que o modo de enquadrarem a câmera denunciava um ponto de vista, e isso revelava uma possível personagem via comportamento. Arriscamos então, explorar a

relação hierárquica que aparece na obra através do enquadramento que cada ator e atriz escolheu. Identificamos que em um único ambiente havia um ponto de vista de cima para baixo, e isso nos conduziu a instaurar que todos os outros ambientes teriam o enquadramento debaixo para cima. Com essa descoberta, cada um/uma propôs um nome para revelar de onde revelava sua confissão, e renomearam suas janelas do Zoom com o nome desses ambientes (João: Observatório / Mariana: Quarto / Aryane: Cama / Alice: Quarto / Claudia: Salinha de TV / Gaby: Quarto / Henrique: Lavatório / Valentina: Espelho). Nos preparativos para a partilha, o grupo escolheu uma proposta de roupa, em que todos estivessem de branco para refletir uma unidade estética. Chegamos a um étude de quinze minutos de duração e após tomamos um tempo para conversarmos e fazermos os últimos ajustes para a partilha.



Partlha, 31 de outubro de 2020

Relatar o que sou depois do étude nesta partilha é maravilhoso, pois o processo ganha corpo com o olhar da plateia. Mesmo sendo virtual, é uma plateia. O que valida o trabalho do ator neste caso, no processo online talvez eu vá descobrir somente ao subir em um palco físico, com a energia que a presença tem. Mas, pude ver aqui no online que senti o mesmo quando saí do buraco da fechadura da câmera (Trecho do registro reflexivo de Cláudia Romano).

Após a partilha adentramos a nossa quarta fase desse processo de criação, a qual nomeie de "Caminhos que levam à Comunicação". Nesta fase é possível perceber os desdobramentos de uma pesquisa, tal como um organismo celular que, ao longo do tempo, vai se complexizando e criando estruturas e funções. Aqui o engajamento do artista é solicitado de uma forma mais intensa. Experimentamos muito ao longo de três meses, mas ainda não tínhamos clara uma organização para a Comunicação. A necessidade de ver o corpo da obra tomar forma começa a nascer e começamos a encaminhar as relações de escolhas e as escolhas de relações. Trata-se de um momento de extrema tensão e risco, tanto para quem atua quanto para quem conduz pois, é neste exato momento, que podemos perder aquilo que nos fez respirar até então, aquilo que nos faz respirar no processo.

Então, como escolher e organizar mantendo o material vivo? Ao longo do mês de novembro continuamos a nos aquecer e passamos a organizar Linhas lógicas de Ação Contínua, que nos revelassem nossa relação com o material em processo e diálogo com a autora. Assim, encontramos o nome de nossa obra: Casa do Sol Entre Portas e Janelas. Aprofundamos nossa relação com a autora relacionando confinamento e clausura, plataforma Zoom e vigilância, câmera e comunicação, escuta e relação, ambiente interno e externo. Fizemos isso através da exploração de algumas Linhas de Ação Contínuas e relações com elementos da montagem, considerando os limites da plataforma Zoom, até que encontramos o nosso roteiro de ação para a Comunicação na mostra. E, no dia da estreia, lá estava o frio na barriga, aquela sensação do batimento cardíaco querendo sair pela boca e a necessidade de tocar o esterno para buscar uma calma possível. E testemunhei que ainda é possível sentir isso.

> Para mim, no inicio, antes da peça, eu estava com muito frio na barriga, nervosa, com muita ansiedade, não sei explicar... foram várias sensações ao mesmo tempo. O que mais me afetou foi como o grupo e eu soubemos nos comunicar em cena com relação às falas e na escuta, como fomos nos ouvindo. Acredito que o principal na cena é a comunicação na escuta com seu coletivo e a vivência realmente naquele momento. No segundo dia da mostra, a professora Alexandra fez uma provocação para a turma, que diz respeito ao saber lidar com

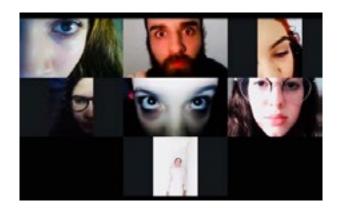
o relaxamento, me senti menos ansiosa, com mais confiança em mim mesma e trabalhei mais com essa tranquilidade, sentindo que tinha encontrado o relaxar em mim. No final pude perceber a minha evolução como pessoa e atriz após meses trabalhando duro na minha cena individual. Em relação ao semestre todo do PA2, os estudos foram realizados online, meses de muito esforço, vivências e conhecimentos que certamente levarei para a minha vida inteira, profissional e pessoal (Trecho do registro reflexivo de Valentina Chiarelli).

O fato de ser uma experiência online não excluiu a sensação de presença pelo fato de ser ao vivo. Isto é extremamente importante considerar. De alguma forma, precisávamos fazer algo acontecer no aqui e no agora do tempo e no espaço que nos foi permitido estar. Era preciso correr o risco de estar vivo. Mas como sabemos que corremos esse risco? Vivendo dia a dia. Vivendo encontro a encontro. Vivendo o roteiro de ação momento a momento. Sobretudo, vivendo neste tempo-espaço, nos escutando durante a ação viva e escutando as reverberações do público após a apresentação. E é neste exato momento que podemos perceber e apreciar a Comunicação, aquela que ocorreu ao longo da experiência e aquela que ocorre no momento da troca das impressões, daquele que faz e daquele que assiste. Nessas rodas, após a apresentação,

acontece uma outra camada do encontro *online*. Foram nestes momentos que testemunhamos o público devolvendo a sua percepção de como despertar para uma consciência planetária. Ao ouvir de uma espectadora que Hilda Hilst e sua obra agora, por conta desta experiência, passavam a existir em sua órbita de referências me faz refletir sobre a responsabilidade do que é despertar algo no mundo do outro. O que colocamos em cena? Como? O que lançamos na rede? Como?

Esse semestre foi um momento de muito aprendizado e muito estudo, foi um momento em que pude enxergar coisas com outras perspectivas e opiniões. Foi um crescimento muito grande para mim, pude aprender muito com as pessoas que me acompanharam nesses meses de aulas. também tive um aprofundamento maior do Sistema Stanislávski e da verdade na cena. Também aprendique as aulas de teatro online não são monótonas ou sempre sentados olhando para a tela a todo momento. Achei que não era possível realizar uma peça pelo computador e fui completamente surpreendida nesse sentido, além da peça, também realizamos alongamentos e nos movimentamos e sempre tentamos sair da nossa zona de conforto para termos novas experiências (Trechos do registro reflexivo de Gaby Lemes).

Assim como Gaby, também me perguntei se era possível realizar uma peça pelo computador. E ainda me pergunto sobre isso. Não sei se o que realizamos pelo computador foi uma peça de teatro, mas sei que foi uma experiência de atuação, uma experiência de criação e, sobretudo, uma experiência de linguagem e comunicação. Trabalhar e criar através da plataforma online tem sido um grande desafio por diversos motivos, porém, algo neste modus operandi, diferente de nós, me revela e me alerta a perceber que algo realmente mudou. Alguma coisa aconteceu. É preciso olhar com cuidado para esse acontecimento. Algo realmente mudou. Alguma coisa aconteceu. É preciso olhar com cuidado para esse acontecimento.



### Referências Bibliográficas

HILST, Hilda. **Teatro completo v.3** – O Rato no Muro / O Auto da Barca de Camiri. L&PM: São Paulo, 2020. ■

# Estado de sítio. Será que a vida pode voltar a ser como antes?

### **DIRETORA-PEDAGOGA - MARCELA GRANDOLPHO**

Assistentes de direção – Carol Frattini, Jura Cipriano

Atores-criadores – Ana Paula Aguiar, Camila Tomita, Cláudio Molinari, Daniel Gentil, Diegles Amaro, Dennis Shimizu, Fernanda Mozer, Joanyl Junior, Leonardo Santos, Lucélia Melo, Luana Arthemis, Maria Júlia Assis, Nicolas Dantas, Patrícia Panteleão, Petruska D'Arc, Renata Vergilio, Rodrigo Santos, Samuka Bento, Vanessa Fernandes, Vitor Valencio

### **BUSCA**

substantivo feminino

- 1. Ato ou efeito de buscar; procura.
- 2. Esforço no sentido de achar ou descobrir algo.
- 3. Pesquisa minuciosa; revista; investigação.
- 4. Esforço para obter ou atingir algo; tentativa, pretensão.

O inicio do semestre é sempre um período de descobertas, é o momento no qual as pessoas começam a descobrir quem são, como vão funcionar como coletivo e quais as questões e temas que mais as afetam. Nesse sentido, eu, como professora, lanço provocações e estabeleço alguns critérios de pesquisa. Sempre atenta àquilo que o coletivo traz, vamos juntos trilhando um caminho de investigação. Inicia-se a Busca. Uma tentativa de dar sentido ao que será esse semestre, um esforço coletivo para se descobrir algo que ainda não temos certeza do que é, mas que inevitavelmente deve estar conectado ao crescimento do ator dentro da cultura do Sistema Stanislávski.

No segundo semestre de 2020, nas aulas *online*, este foi o caminho que a turma de PAMIX da noite começou a trilhar.

### Os primeiros passos da Busca

### 1. Ética e autonomia

Esse foi o princípio que norteou todo o semestre. A busca pela ética e autonomia no trabalho do ator. Temos que ter em mente que tudo o que vamos fazer é com o foco no nosso trabalho de ator, para a nossa pesquisa do que é ser ator. Uma busca para se chegar ao subconsciente. O Sistema foi criado para que possamos ampliar o tempo do vivo em cena. A ideia é que enquanto trabalharmos aqui na plataforma, mais consigamos aumentar o tempo vivo e diminuir o de representação durante os études. Precisamos que o tempo todo do nosso trabalho aqui nos coloque em experiência. Viver tudo como experimento, estudo. É diferente de mostrar algo para alguém, é preciso ativar o lugar de intuição na experiência.

O trabalho do ator é uma questão ética, é nossa RESPONSABILIDADE buscar um trabalho ético do ator e agirmos com autonomia. Teatro é a arte do PRESENTE!

Estar sendo é a condição, entre nós, para ser. Não é possível pensar os seres Humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar (FREIRE, 2000, p. 36).

### 2. O Mito de Sísifo

Esse foi o primeiro tema lançado para pesquisa. "Os deuses condenaram Sísifo a rolar incessantemente uma rocha até o alto de uma montanha, de onde tornava a cair por seu próprio peso. Pensaram, com certa razão, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperança" (CAMUS, 2018, p. 137).

O momento de ver a pedra rolar montanha abaixo, dinâmica, como necessidade, como movimento nos faz questionar sobre a impossibilidade de se criar algo sem esse eterno rolar pedras. Existe uma cota de sacrifício em toda construção. A crueldade consigo é vital para as grandes almas. Perceber o caos em sua capacidade infinita de desmontar e também reconhecer que somos

filhos dele. A consciência dessa desmesura entre nós e o mundo é fundamental. Coragem é precisamente o que existe para além de tudo isso, seguir apostando na vida apesar das chances. O último momento da trajetória de Sisifo é o auge. Sísifo desce a montanha, sente o vento bater em seu rosto, o sol já próximo do horizonte preenche a ilha deserta de tons alaranjados. A pedra parece tão pequena de longe. Cada descida é a experimentação de uma nova maneira de sentir. Descer a montanha é ter um bom encontro com as forças da gravidade, é ser um pouco de vento. A boa disposição de si mesmo faz de Sísifo um criador. Ele já não é pedra.

"Toda a alegria silenciosa de Sísifo consiste nisso. Seu destino lhe pertence. A rocha é sua casa. Da mesma forma, o homem absurdo manda todos os ídolos se calarem guando contempla o seu tormento. No universo que repentinamente recuperou o silêncio, erguem-se milhares de vozes maravilhadas da terra" (CAMUS, 2018, p. 140).

## 3. Encontrar beleza em momentos de dificuldade

Beleza – antes de começar a exercitar-se na beleza, o ator deve pensar nela como sendo dotada de aspectos bons e maus, certos e errados, pertinentes e inadeguados. Pois a beleza, como todas as coisas positivas, tem seus lados sombrios. A verdadeira beleza tem suas raízes no íntimo do ser humano, ao passo que a falsa beleza está apenas no exterior. O "exibicionismo" é o lado negativo da beleza, assim como o sentimentalismo, a docura, a egolatria e outras vaidades tais. Um ator que

desenvolve um senso de beleza simplesmente para comprazer-se, para seu próprio deleite, cria apenas uma aparência enganosa, um brilho superficial, um frágil verniz. Sua finalidade deve ser adquirir esse senso unicamente para sua arte. Se for capaz de extrair seu senso de beleza, o ferrão do egoísmo estará fora de perigo.

### Reflexões

A partir da proposta da professora Marcia Azevedo, de Teoria da Interpretação, os alunos trocaram cartas refletindo sobre o Sistema e o processo do semestre. Seguem abaixo trechos da reflexão sobre a Busca:

> Tenho escrito algumas coisas durante as aulas e isso tem me ajudado bastante na compreensão. Cada vez mais, o teórico está fugindo de mim e estou tentando trazer isso de volta. Vou compartilhar algumas com você: "O processo importa!" "Preciso pensar mais na ligação entre o EXterno e o Interno!" "Atuar é uma questão ética!"

> Ontem de manhã (sábado) assisti aos filmes Dancando no Escuro e Dente Canino - num momento de reflexão. Vontade de matar os protagonistas pela "submissão". Aquela Selma... O que foi aquilo? Surreal o que aconteceu... E em Dente Canino? Aquela violência toda... Do pai... A violência emocional já não era o suficiente? Figuei mal o resto do dia... e ainda mais naquele frio. Mas, tarefa dada foi tarefa executada! Esses filmes que a Marcela indica são terríveis e belos ao mesmo tempo. Me vejo neles, num

misto de terror e esperança, quando penso a vida hoje.

Meu espírito é mais apolíneo do que dionisíaco – e é muito por isso que procurei o teatro também. Ou, quem sabe, no fundo tendo mais para Dioníso (meu ascendente em Sagitário, rs), mas sempre me acomodei nos braços de Apolo (meu sol em Virgem). Expressão Corporal sempre é fundamental; Expressão Vocal (faço às terças), especialmente para mim, que ainda não tenho muita consciência da minha própria voz, está sendo muito importante. Mas o "coração" das aulas é mesmo a Montagem: fazer Camus, Teatro do Absurdo, possivelmente online, será realmente um desafio e eu quero isso! O Teatro fez eu me jogar ainda mais na vida e na arte. Na vida já estou mais "jogado"; mas quero o mesmo na arte. Como não ficar queixando a mim mesma o que não consigo fazer e aprofundar?

Como continuar a me deliciar pelas experiências que vivo no aqui e agora no meio do turbilhão de outras coisas que acontecem na minha vida? O que acabei de escrever e estas minhas perguntas, já são caminhos possíveis, você não acha...rs?

Mas tudo nesse isolamento tem sido um chamado. As aulas de corpo me tornaram mais presente e disposto a entender como meu corpo reage a essa situação. As aulas de montagem me deixam mais sedentos por qualquer tipo de conexão. Longe de

mim romantizar esse momento de nossas vidas, mas vivê-lo me tem deixado cada vez mais ansioso de compartilhar, tocar e trocar com vocês (sendo "vocês" quaisquer pessoas).

De alguma forma, as sinto bem próximas as minhas e o que me vem do que o teatro e todo o curso está trazendo para nós é a consciência da nossa fundamental PRE-SENÇA com AUTORESPONSABILIDADE e RESPONSABILIDADE COLETIVA, mesmo que em muitos momentos ainda não tenhamos transformado a "ciência sobre isso em AÇÃO".

Que a gente esteja VIVO hoje e sempre!

Fazer estudos em grupo, mesmo que a distância, acho que é o que mais gosto. Trocar ideias, criar junto, dar opinião. E tentar. Aí, tentamos e tudo que a gente fez foi interpretado de uma forma muito diferente pela Marcela. Ela disse que "ficou claro onde queríamos chegar" e que "forçamos" chegar lá. Mas na real a gente não combinou praticamente nada! Só falamos que o conflito seria bagunceiros X arrumados e que o Claudio seria neutro, pois não queria discutir, só curtir. Eis que ela achou que nós planejamos "entrar na festa" com o Claudio. Olha que pesadelo: nossas ações genuínas foram lidas como forçadas!!!! #chora. Agora estamos confabulando no grupo o que podemos fazer pra melhorar isso.

A Marcela é totalmente focada no que eu acredito ser a essência do teatro que é a ação e só o fato de na primeira aula ela ter mostrado algumas referências e nos pedido para produzir estudos me deixou em êxtase. Desde então, tivemos a experiência de fazer estudos tentando mover o mundo, fizemos monólogos com o que tínhamos visto em nossas casas e, em grupo, fizemos estudos com frases que vieram da união de nossos monólogos.

Estarmos conectados e concentrados, trabalhando os impulsos que às vezes tanto reprimimos se conecta bastante com aulas de atuação, já que estamos tentando achar as sutilezas no cotidiano para mover nossos próprios mundos e talvez reverberar em alguém

Se eu puder voltar a ser honesto com você, acho que meu principal desafio agora é estar presente. Mas não fisicamente, como gostaria de estar aí ao seu lado ou com todos os nossos outros amigos da escola. Mas presente de uma maneira completa, sem máscaras, sem um pretenso controle ou necessidade de defesa.

Eu sei que pode parecer pouco tempo, mas desde as primeiras reflexões deste semestre, parece que uma roda há algum tempo enferrujada, ganhou uma força extra para desfazer a oxidação e movimentar as coisas por aqui.

### **VIVÊNCIA**

Seguimos então para o segundo momento da nossa investigação. O trabalho a partir da obra Estado de Sítio, de Albert Camus

### Aprofundamento das circunstâncias

## 1. Linha de pensamento filosófico = a consciência do absurdo da condição humana.

A obra conta a história de uma cidade espanhola, Cádiz, que se vê assolada por uma Peste (personificada por um ator), que dá início a um governo totalitarista. Esta personagem irá depor o Governador da cidade e, assumindo o seu posto, irá criar um sistema de leis rígidas e absurdas para reger a sociedade, prendendo-a em suas casas e a alienando de qualquer emoção ou conhecimento através do medo.

Quais relações são feitas com o momento atual? O que seria o governo da Peste hoje? O que é estado de sítio?

Alguns relatos dos alunos, após a vivência nos estudos:

> Desta forma, a obra retrata nas figuras da Peste, sua secretária, a Morte, e na do ex--Governador as características principais de um governo totalitário. Estado de Sítio é uma alegoria da ditadura, da ocupação e do arbítrio. É como se Camus estivesse nos educando para diagnosticar a epidemia do fascismo antes que ela se instaure no seio de nossa sociedade.

Impossível não notar nas falas dos personagens relações quase explícitas às eleições de 2018 e ao novo presidente do Brasil. Ficam claro todos os pontos fundamentais para o diagnóstico da Peste que está prestes a avançar sobre nosso país.

Apesar de Camus jamais abrir mão de apontar para o absurdo inerente à condição humana e a necessidade de aceita-lo, o autor não deixa de trazer uma solução: é necessário se revoltar contra este absurdo.

Em Estado de Sítio, o personagem de Diego, um camponês, apesar de ser infectado passa a não temer sua morte — é aí que se encontra a solução: através da coragem, basta que um homem se levante contra o regime totalitário, sem medo, que o governo começa a ruir.

### 2. A peça e a pandemia

Estudos, questionamentos e reflexões. Aquilo que surge quando mergulho nas profundezas da obra

Morte e Peste são personagens na peça. Elas falam, interagem, têm interesses particularidades. Em suas ações iniciais, espantam o Governador – este que, só por ser a maior autoridade local, acreditava que seus decretos tinham poderes "mágicos" na sociedade, podendo deter o anúncio do cometa, o pânico popular e as primeiras vítimas da praga –, o clero, enfim, só sobrando os servidores públicos e o povo, para exercerem seus mandos.

O Governador também via uma vantagem na doença: ela, em seu início, só acometia os mais pobres, algo que pouparia gastos e cuidados do governo, mas tudo muda quando as garras de Peste se estendem para todos.

Os vilões são bem claros em suas vontades: querem simetria. Peste se vê incomodada com o fato de que a atuação da morte é caótica. Não há igualdade nas mortes entre o povo. Um morre doente, o outro atropelado, outro de fome, outro de suicídio, outro é assassinado... Isso o convence de tomar o controle político da cidade e, com a Morte como sua secretária, todos os cidadãos são listados, separados, arranjados de acordo com seus desígnios e leis. O amor, o afeto, honra, coragem, todos são postos na ilegalidade, os valores são subjugados na lei da Peste. E, com igualdade, todos padecem nesse sistema. O plano da Peste é se tornar tirano absoluto, dono do ir e do vir, das vidas, das ações dos Homens. Qualquer um que ameaçar abalar tal ideal, que se erguer em nome de algo além da doença e não se prostrar a vontade da Peste, é marcado com seu sinal, é isolado. preso, morto.

A Morte, tal qual sua assistente, possui a vida de todas em seu caderno – com apenas um riscar de nomes, seus contraventores falecem. Controle total, com a guia das vidas e atitudes de todos na cidade, pessoas só se tornam nomes em um caderno em nome de uma ideia louca.

O Nada é uma personagem. A ela tudo agrada, desde que a ordem seja destruída pelo caos, pois tudo se aproximaria mais do Nada. Não interessa o amor, a decência, a lealdade, já que ele abomina tudo o que se pode acreditar – Nada é, enfim,

transformado em um funcionário público da Peste, ajudando a Morte no seu trabalho, brincando e fazendo pouco caso da miséria da população, ele designa tarefas contraditórias e impossíveis dentro do emaranhado burocrático do sistema novo; todos os cidadãos precisam de documentos que dão permissão para os afazeres mais banais e necessários para a sobrevivência e Nada, como os demais servidores, apenas existe para fazer essa máquina de loucura funcionar.

Há outra personagem aliada da doença: o Juiz (nosso STJ?). Pai de Vitória, ele é um clássico legalista. Acredita que a lei está acima de tudo, mesmo da Justiça, e já se torna um servo do mal, traindo sua própria família no processo, acreditando que a lei é o único e verdadeiro norte para a vida humana, não vê problemas em ajudar no morticínio - assim como não enxerga nenhum defeito em si próprio, mesmo sendo um corrupto e um adúltero.

Diego e Vitória, porém, representam o que há de melhor na humanidade. Têm honra, o amor à pátria, são apegados à vida, ao povo de sua cidade e ao relacionamento que construíram em suas vidas, sentem o terror que é estar debaixo dos poderes mortais desse novo ditador, temem a Morte. esta que pode negar e tirar tudo de suas vidas, mas há resistência: suas noções de amor e justiça prevalecem ao sistema. Diego é o primeiro a se rebelar, não aceitando a situação atual, afrontando as autoridades e fugindo.

Contudo, o protagonista, por conta de seu medo, desce ao seu ponto mais baixo. Ao ser perseguido, nega seu amor, suas virtudes, suas crenças, em nome de sua vida. (Quantos de nós estamos assim?) Ele sente na pele o que todos a sua volta padecem: o medo do controle, o medo de se perder tudo - mas é a própria conquista de sua vida que trava esse temor: Vitória. Sua dedicação, amor, coragem e lealdade superam as de Diego, mostrando ao protagonista como se erguer: ele se rebela contra a Morte, a esbofeteia, levanta sua voz e começa a tentar convencer o povo acuado.

No fim, o medo do controle e de perder a vida era o sustentáculo do Império de Peste. O povo se levanta, tem esperanças novamente. As pessoas conseguem seu triunfo: o medo se esvai e os vilões se retiram. Diego, no entanto, não sai incólume: contrai a doença, falecendo nos braços de Vitória. Seu sacrifício foi o que possibilitou a vida para os habitantes de Cádiz. Ele lutou contra a burocracia tirânica que pretendia controlar o indivíduo, deturpar o Bem, a Verdade, mas pagou com a vida.

Quais ações hoje nos trazem esperança? Quem são as pessoas ou grupos que com coragem enfrentam a Peste (governo)? Como os artistas se colocam diante do Brasil 2020?

### E-mail trocados pelos alunos durante o processo da Vivência:

Oie Paty, Como andam as coisas por ai? Sabe que eu estava pensando em todo nosso processo neste semestre e figuei chocado que mesmo após estes anos estudando no Macunaíma eu ainda me surpreendo e creio que eu vá me surpreender sempre porque a cada aula parece mais e mais que eu conheço menos e menos. Cada vez descubro algo maior sobre o Sistema e principalmente sobre a história de Stanislávski. estava pesquisando sobre as influências dele e principalmente sobre quem ele influenciou e figuei muito abismado sobre a influência que ele teste sobre a opera moderna e como ele impulsionou trabalhos de autores como Máximo Gorki e Anton Tchékhov. e agora estudando melhores estes autores eu consigo entender e vislumbrar mais e mais a amplitude do Sistema. Cada vez que eu estudo os elementos tais como memória, imaginação, concentração, ação, objetivo, senso de verdade e circunstâncias eu consigo absorver um pouquinho da riqueza deste Sistema. Além disso conhecer melhor o nosso corpo e todas as possibilidades que eles nos propõem juntamente com a aplicação do Sistema, faz com que eu sinta cada vez menos as amarras que a sociedade e os paradigmas vão nos criando. Mesmo em tempos de afastamento social, eu sinto uma conexão tão forte quando estamos em ação e conectados que me parece algo de alma de conexão espiritual e ao mesmo tempo eu fico me questionando o quanto é desafiador conseguir criar está conexão e principalmente mantê-la. Mas me conta você. Como está sendo o processo para você Paty? Beijos, Daniel Gentil.

Oieee Leo!!! Vc tá ai...hehehe? E como vc tá aí? Por aqui o movimento está intenso. Muito trabalho remoto (meu corpo cansa demais ficar tanto tempo em frente ao comutador) e com os desafios de lidar com o cenário Educacional neste período. Muita coisa legal tem acontecido, felizmente, nes-

te caminho. Mas. administrar o "TEMPO" para viver tantas EXPERIÊNCIAS (no sentido de Jorge Larrosa, sabe?) importantes é super desafiante. Sobre as nossas aulas e processo de montagem, estou muito feliz! Em primeiro lugar, sou muito grata e to feliz com a escolha que fiz em continuar o curso mesmo de forma remota. Claro que não era o que eu queria. Amo contato olho, no olho, sentir o calor das pessoas, abraços, interação física, sabe? Era sempre uma grande alegria estar com os grupos que fiz parte nesta trajetória dentro do Macu e fora...tipo: espetinho....ahhhh que delícia... hehehe. Mas a minha felicidade é porque o horário das aulas são momentos de sentir e viver aquilo que acredito: aprender junto com os outros, pensar, fazer, me conectar (incrível perceber o quanto a gente consegue se conectar remotamente, tb, né?) com pessoas, perguntar, rir, criar, experimentar, associar, relacionar, rever, refazer, cuidar de mim, cuidar do olhar sobre o mundo e com o mundo (vocês). Estou amando! As aulas da Silvia são um presente...daqueles presentes que só de lembrar dele já ficamos muito contentes. Como é bom: chegar; nos olhar, nos conectar a partir de uma consigna que nos remete a pensar sobre nós e o que queremos dizer para o mundo; perceber como estamos; colocar o nosso corpo em movimento; construir trajetórias com nosso corpo e nos comunicar neste percurso; sentir a ação, dentro de cada gesto realizado e, as vezes, palavras; nos encontrar nas salas menores, poder ter este momento

de intimidade e parceria no meio de tantas janelas abertas; receber o olhar e atenção tão carinho e amoroso da Silvia. Sempre me emociono muito pela forma de ser e agir dela e do que elas nos provoca. To adorando as aulas da Marcia. Como ela é divertida, né? Me identifico com a agitação dela que ao longo do Encontro...ir tendo várias ideias. Achei ótimas as propostas das trocas de email, de estudarmos os elementos do Sistema a partir de nossos processos; ler as carinhas, ver o documentário, etc. Não acredito que estou terminando o curso e ainda sei tão pouco sobre o Stanislávski e o Sistema. Queria ler e estudar mais...mas não consigo por tantas atividades que faço. Ahhh...tb adoro quando ela vai nos "convocando" para estar presentes. Por nos notar e saber que estarmos vivos e presentes é fundamental dentre do nosso percurso formativo e como seres humanos. E o nosso processo de montagem? Que texto é este que a Marcela escolheu para nós?? Cada vez fico mais admirada como "os clássicos" escritos num passado supostamente distante, são tão atuais! O que me faz pensar o quanto ainda precisamos evoluir como seres humanos!! Sinto que os estudos do grupo estão tão legais!!! Mesmo aqueles acontecimentos que fogem dos elementos do Sistema. Estes são tão oportunos para enxergamos os próprios elementos, pela sua falta, né? É muito legal ver a sutil articulação teórico-prática que a Marcela vai fazendo em cada momento deste processo. E, é isso: estou adorando tudo...hehehehe!!!

E vc, como está sentindo o processo? Bis e até breve!!! Deigles Amaro.

Oi Deigles! Estou aqui sim! Pode parecer que não estou as vezes, mas estou hahah Então, assim como você, meu trabalho aumentou com a pandemia e, mesmo depois de mais de seis meses, ainda sinto que estou me adaptando. Não é o estilo de trabalho que eu gosto. Gosto de separar trabalho e descanso. E no momento isso não está existindo. Então estou lidando um dia de cada vez, sem me cobrar muito. Esse semestre tem sido proveitoso. Como alguém que pensou consideravelmente em trancar o semestre até voltarmos ao presencial, não me arrependo de ter continuado. Tenho descoberto coisas novas a cada aula que se mostram tão potentes quanto seria no presencial (eu acho, pelo menos) As aulas de segunda tem sido um alívio e um tapa na cara ao mesmo tempo. Um alívio pois são aulas onde tento me jogar e fazer trocas com a turma e vejo que isso tem rolado, apesar das dificuldades técnicas. E um tapa na cara porque tenho observado o quanto ainda não sei, sobre mim mesmo e sobre o sistema. E agui é um conhecimento técnico mesmo, porque acho que os alunos, ainda mais quando vão avançando no curso, ficam um pouco arrogantes e acham que sabem de tudo. Mas assim como o próprio sistema, nada é finito e sempre há espaço para adquirimos novos conhecimentos. Quarta-feira é um dia onde tento ficar mais atento que o normal. Eu costumo ser (ou

pelo menos me acho) observador nas aulas de montagem, pois tudo é relação. É contato, troca e o zoom não ajuda, então me coloco numa posição de espectador e absorvedor bem grande. É a forma que consigo me sentir presente. O que pode soar estranho, mas cada processo é coletivo e individual ao mesmo tempo. Adorei nosso texto. Ele é absurdamente atual e nos dá possibilidade de trabalharmos por vários ângulos, o que tem sido bem divertido. Estou ansioso para ver e fazer esse trabalho. Bem, é isso. Vamos caminhando juntos. Grande abraço. Bjs. ..ebaaa...que bom que você está... rs! Sinto, sim, sua presença nos momentos em que te vejo observando, experimentando as propostas que chegam até nós, nos momentos em que interagi diretamente com você e, principalmente, nos momentos em que você propões Estudos. Adoro eles!! O que você propôs na última aula, foi muito bom!!! Uma ação bem clara e efetiva que me afetou para compreender uma das questões de Segundo Plano da obra (será que este é o termo adequado usado no Sistema?) que estudamos: "assistir a arbitrariedade absurda de restrições de direitos (como falar) e irmos nos "acostumando a ela". Legal saber como você está vivendo este período e o processo deste Semestre. Tenho percepções próximas as que colocou. E... vamos, sim, caminhando juntos. Está sendo um prazer! Bjs e até amanhã! (Leonardo Santos).

Você viu?? Boa noite, Van. Tudo bom com você? Acabei de ler o texto que vamos usar de base pra nossa montagem esse semestre. Estado de Sítio. E eu figuei assim, pasma como o texto encaixa com algumas coisas que estamos vivendo, sabe. No começo eles ali, com medo de uma "doença" e tem que se afastar e o medo de contaminar os outros. E os governantes que não tão nem ai. Tudo muito parecido, muito real sabe. Me deu até um certo incômodo. Mas eu gostei. Figuei fazendo várias reflexões, análises e pensando como a gente pode explicitar algumas situações que tem lá pra nossa realidade de agora. Dar uma outra roupagem. Mas nenhuma ideia de étude me surgiu ainda. heheh Acho que aos poucos durante o semestre a gente vai entendendo um pouco isso né. E você, que achou do texto? Saudades de poder abraçar. Beijo Fer (Fernanda Mozer).

Boa tarde, Re, tudo bem com você? A primeira vez que li o texto confesso que não entendi muita coisa, mas tive sensações que ficaram reverberando no meu corpo, o desconforto da obra parecer uma metáfora quase que fidedigna da nossa realidade . Esse ambiente digital ainda é bem difícil para mim, como nos conectarmos quando a conexão é falha? Mas nossa última aula deixou claro que isso pode ser bem aproveitado nesse contexto... Uma linha tênue entre aquilo que é teatro e aquilo que é real... Afinal o estado de sítio já foi instaurado e a peste nos assombra ... Temos

carregado nossas intermináveis pedras de sísifo para tentar resistir e todos nós temos um pouco do nada nesse momento. um tanto embriagados, oscilando entre a consciência do caos e a aceitação de um cenário imposto pelo autoritarismo. Logo no primeiro dia que fomos apresentados, fomos convidados a seguinte reflexão:o que é preciso despertar para mover o mundo? A princípio pode parecer amplo, mas talvez existir em meio ao absurdo comece por esse questionamento, um exercício de realmente achar poesia e arte naquilo que repele. Tenho me perguntado também como achar ações concretas em meio a imobilidade que nos move ,ainda não cheguei ao resultado dessa equação complexa e talvez eu nunca chegue...Por enquanto é só uma reflexão que pode soar para você um tanto desconexa, mas fica o convite para pensarmos juntas e quem sabe chegarmos mais perto de encontrar caminhos... Um abraço virtual, Maju (Maria Julia Assis).

Oiiii Majuuu, Como vai? Juntei tudo em uma conversa só porque acho que se continuarmos nos respondendo fica mais fácil acharmos nossa conversa no futuro. O que acha? Sobre tudo: Eu tenho tentado manter a tranquilidade. Acredito que eu passei os semestres anteriores ansiosa por muitas coisas que acabaram nem se concretizando. Então, pensando em saúde, eu tenho tentado evitar o desgaste mental e emocional. Vamos ver quanto tempo dura. :) Pensando no texto, apesar de ter achado a parte final meio arrastada, eu gostei de tudo

sobre ele para além da clara relação com a realidade. Na verdade, acredito que ele é atual em vários momentos históricos. Detalhe para a classe com que tudo relacionado à peste é descrito. Ela se apresenta de forma muito fina e educada; para mim é como se nunca houvesse necessidade de levantar a voz e isso é muito assustador em um vilão. Depois fiquei pensando na relação entre a morte e a secretária. Quase como se a secretária da peste fosse a própria morte e como isso eleva a personagem. Eu terminei de ler e figuei muito feliz com a escolha e, ao mesmo tempo, preocupada pensando: "esse texto fala sobre tanta coisa, como vamos conseguir falar sobre tudo em uma peça só?" Essas preocupações acabaram se dissipando quando começamos a realizar os estudos sobre o texto. Num outro tópico, uma coisa eu eu reparei foi que você colocou muitas dúvidas nesse texto e quem me dera ter resposta para todas elas sem propor novas perguntas. O ambiente digital é um desafio para todos, mas também uma consequência do momento atual. Acredito que a melhor forma de nos conectarmos quando a conexão da internet é falha é nos esforçarmos para manter a conexão mesmo assim. Antes eu achava que o online tinha aumentado os desafios para fazer o que fazemos. Hoje acredito que essas dificuldades mudaram, mas a vontade de fazer dar certo é o que nos leva adiante. Papo coach, né? Perdão, Hahaha... Estou dizendo isso não para impor que apenas com força de vontade se conquista tudo, sabemos que as dificuldades são diferentes para todos.

mas para dizer que, a todos que decidirem ficar, é interessante ter claro o propósito de estar fazendo as coisas, semelhante a nossa pedra de Sísifo e ao exercício de enxergar poesia no repugnante. Onde está a beleza do que fazemos? Por que fazemos o que fazemos? (Esse último até é nome de livro) Sobre questão da consciência do caos e do cenário imposto pelo autoritarismo: enquanto isso acontece eu estou tentando mudar o que eu consigo mudar, semelhante ao nosso estudo de mover o mundo. Eu tenho me hidratado, comido vegetais e assistido vídeos de animais fofos para manter a sanidade e não me desesperar. As vezes dou uns gritos no travesseiro, mas no geral funciona. Sobre o processo estou achando muito interessante essa iniciativa de tentar encontrar o caminho para a vivência cênica todas as vezes. Isso me interessa muito. Tento sempre lembrar das ações e tentar lembrar de ter clareza no que eu preciso fazer. Esse meio online nos empurra muito facilmente para cenas só de diálogo. Tenho tentado me movimentar para além disso. No geral, tem um poeminha do Mário Quintana que eu gosto muito: "Todos esses que aí estão / Atravancando meu caminho, / Eles passarão... / Eu passarinho!" É sempre atemporal, igual Estado de Sítio. Tudo passará, Majuzinha. O que a gente faz enquanto isso é o que importa. Tem sido uma alegria e um respiro essa nossa troca. Cuide--se bem! Estou enviando muita energia boa para você! Abraçasso! Re (Renata Vergilio).

Querido Nicolas, são exatamente 15h37 e não tenho muito tempo... Aliás, parece que nos últimos dias... Não, meses... Ou melhor, anos... Essa alegada falta de tempo tem sido uma constante em minha vida. Apesar disso, eu sinto que preciso escrever essa carta para vocês, especificamente para você. Por favor, não se incomode com os erros de grafia, gramática ou digitação. Eles provavelemnte vão acontecer e, como eu disse, não terei tempo para corrigi-los. Bom, talvez seja saudável aprender a conviver com nossos erros, sem a oportunidade de corrigir o que fizemos de errado. Sem editar as palavras mal escritas ou simplesmente mal-ditas. Pegou a ironia? Pois bem, espero que hoje você esteja de bom humor e com a alma compreensiva. Porque minha carta não tem um propósito específico. Como você pode ver, não possui uma estrutura léxica adequada e, muito menos, a refinada coerência dos melhores escritores. É apenas uma carta. Mas não se engane, não diria que se trata de um desabafo, por que não é. Trata-se apenas da regurgitação de um punhado de palavras soltas numa folha (ou tela) em branco. Quando, na verdade, eu deveria mesmo era organizar as ideias à respeito das expectavas para este semestre. A verdade é aqui, novamente, tropeço na barreira do tempo. Não que ele representa um verdadeiro muro por si só. Mas sim uma trincheira na qual me protejo e me autoflagelo ao mesmo tempo. Sim, ao mesmo TEMPO. Ele que tem sido relativamente um amigo e um algoz, que, honestamente, eu alimentei e nutri como uma plantinha, por anos a fio. Hoje essa plantinha se tornou uma árvore esplendorosa. E se em algum momento dessa carta eu for capaz de ilustrar minhas expectativas, eu diria que ficaria muito feliz em ver essa representação da natureza se tornar cada vez mais bela e, ao mesmo TEMPO, menos pesada. Certa vez. durante o encerramento de um ciclo nessa mesma escola (em que dramaticamente não estamos fisicamente presentes, diga--se de passagem) ... Enfim, como ia dizendo (ou escrevendo) uma pessoa muito mais sábia do que eu disse que o tempo tem a forma que damos a ele. Que mais vale a qualidade de como vivemos, O TEMPO, do que a quantidade de horas. Acho que ela se referia à representação mais mundana que fazemos do TEMPO, o tal do tempo Cronos. A medição infundada que nos obriga a fazer as coisas na hora marcada e. muitas vezes. contraria o sentimento, a necessidade do corpo e da alma em aprender, evoluir no nosso próprio tempo. Veja bem, agora são 15h50 e acabei de perceber que não desci para ajudar a carregar as compras para a minha esposa. Será que fui escravo do tempo ou será que me tornei um rebelde por não fazer algo na hora certa? Na verdade, acho que nesse caso só me tornei, mesmo que por um instante, um companheiro ruim. Pois é... Preciso aprender a conviver com meus erros. Mas seria burrice não admiti-los ou, quiçá, aprender algo com eles. Agora, às 15h52 percebo o TEMPO escorrendo pelas mãos. (dei uma viajada aqui e apaguei – desculpe, mas não cumpri literal-

mente minha promessa de não editar este texto - sou uma fraude) Como ia dizendo. (mentira não ia. eu mudei o rumo da conversa, DELIBERADAMENTE. ME perdoe, caro amigx. Às vezes sei exatamente como me esconder nas entrelinhas da dialética. Não é por mal... Acho que é uma autodefesa. Uma barreira contra mim mesmo. Se eu puder voltar a ser honesto com você, acho que meu principal desafio agora é estar presente. Mas não fisicamente, como gostaria de estar aí ao seu lado ou com todos os nossos outros amigos da escola. Mas presente de uma maneira completa, sem máscaras, sem um pretenso controle ou necessidade de defesa. Enfim, talvez eu tenha chega do a algum lugar. Talvez a mensagem tenha sido entregue ou, pelo menos, consegui vomitar um punhado de pancadas no teclado do computador. No fim das contas, acho que esse exercício me fez (ou vai fazer) bem. Espero que faça o mesmo por você. Espero, do fundo do coração que signifique algo para você, assim como significou para mim. Desculpe-me pelos erros. São 15h59 e agora não resta mais TEMPO para nada. A não ser, com as mãos trêmulas e banhadas em suor: salvar, copiar, colar e enviar. Com todo o meu amor, Vitor (Vitor Valencio).

# **ENCARNAÇÃO**

Nesse momento, a obra começa a tomar corpo, ganhar carne e muito suor. As relações com o mundo atual e com aquilo que o coletivo quer investigar ficam cada vez mais palpáveis.

Hoje, diante de um vírus sem ambição política, em um confinamento que é tanto submissão (o medo de morrer imola as liberdades) quanto resistência (submetendo-me a mim mesmo, salvo e luto), alguns tremores secundários encontram um eco perturbador ... As hesitações do governo, a vontade de acreditar que não era grave, que não era preciso preocupar-se? "Bons governos são governos onde nada acontece. Mas é a vontade do governador que nada aconteça em seu governo, para que ele continue tão bom como sempre foi".

A partir dessa reflexão começa o processo da Encarnação. Levantamos todos os estudos feitos até então e montamos nossa Linha de Ação. O texto de Camus virou inspiração e começamos a delinear uma dramaturgia própria a partir dos estudos levantados.

A partir de hoje você vai aprender a morrer em ordem / Uma morte para todos / O destino se acalmou, tomou seus cargos, você estará nas estatísticas / Alinhe-se para morrer bem / Aqueles que estão convencidos de que isso não lhes diz respeito fazem fila nas arenas dominicais / Todos os suspeitos, este é o começo certo / Trago-lhe silêncio, ordem e justiça absoluta. / Exijo sua colaboração ativa.

E se o poder, agora em face da epidemia, para reanimar a economia, se apoiasse no medo de morrer, na realidade da morte, para obter a docilidade das massas? O que nos sitia hoje? Diante da violência do Estado, quais ações poderão dar liberdade à cidade e aos homens? Como a tecnologia e a mídia tornam-se instrumentos de poder

# LINHA DE AÇÃO ESTADO DE SÍTIO 2. ANÚNCIO 1. PRÓLOGO COMO TUDO COMEÇOU. A SOBRE COMO VIVEM OS VIDA ANTES DA CHEGADA HABITANTES DE DA PESTE SMILEVILLE 4. O NOVO 3. TOMADA DE GOVERNO PODER O GOLPE 5. TIRANIA 6. O FIM DO **ABSOLUTA** MEDO O QUE RESTA DE REVOLUÇÃO SUPERTAREFA

e opressão numa sociedade enfraquecida e dominada pelo medo? Essas são as questões que alimentaram o processo de Encarnação. E os levaram a seguinte organização da Linha de Ação:

Pensamos muito o que poderia ser essa revolução, o ponto final da Linha de ação. Eis que surge, no fim do ao, a possibilidade de aulas presenciais. Concluímos que essa seria nossa revolução. Desligar as telas, fazer o trajeto até a escola e se encontrar, olhar nos olhos e estar juntos. Todos tinham como tarefa gravar seu trajeto e sua entrada na escola. Como é voltar pra esse espaço depois de um ano? Como é estar junto e conhecer, ver pela primeira vez, muitos de nós? Foi um encontro emocionante. Corpos vibrando, pulsando em direção ao abraço, mas sem poder encostar. Desse encontro saiu a cena final da peça.

### IMPACTO / COMUNICAÇÃO

A peça foi levantada. Tudo se passava em Pestrovia, um país não muito distante, onde todos sorriem o tempo todo. O sorriso obrigatório surge com um golpe de estado que reduz todos ao silencio e a submissão.

O encontro com o público foi uma chamada a reflexão: E se a gente voltasse pra onde tudo começou? Será que a vida pode ser como antes? Será?

Ao final da apresentação, o público falou sobre suas esperanças com relação ao fim da pandemia, falou sobre a sensação do aprisionamento, sobre a vida que nunca mais será como antes e, sobretudo, como no Brasil O Mito de Sísifo faz sentido. Não há paz. Estamos condenados a levar a pedra pra cima e ver ela rolar pra baixo eternamente.

Não foi uma conversa leve, mas vislumbrou-se a potência de um encontro, a vontade do abraço e as lágrimas dos atores acalentaram uns corações.

Meu Caro amigo. Acho que devo começar me desculpando pela demora em responder essa carta, acredito que o fato seja que compartilho dessa sensação de viver de forma atemporal, eu fico me perguntando quanto tempo faz, eu não consigo lembrar exatamente quando tudo ficou parado assim, acho que a pior sensação fora essa, é a de se sentir impotente, sentir que não está fazendo ou que não pode fazer nada, e a partir daí começar a fazer diversas coisas só para no fim... perceber que não está dando conta de nada. Eu ando percebendo, o quanto eu tenho me apagado, aos sinto que me escondo dentro de mim mesmo, e isso só me deixa mais cansado, as vezes parece que quanto mais entro em mim, mais eu desapareço para a vida, e aí me sinto hipócrita e culpado. Hipócrita porque estou sempre aqui disposto a ouvir e sempre tento motivar as pessoas que eu amo, mas não consigo fazer isso para mim mesmo. Culpado porque ultimamente não consigo deixar de transparecer que existe um peso que está sendo difícil demais de preocupar. Eu sempre fui do tipo que quando tenho um problema, apenas eu sei e eu dou conta, por que odeio preocupar outras pessoas, e aí quando isso acaba acontecendo, me sinto culpado, mesmo que eu saiba que isso é inevitável. A algum tempo, me disseram que eu encaro a vida como se fosse uma corrida, eu simplesmente não consigo para de correr e isso faz com que eu perca muitos momentos simples e grandiosos da minha própria trajetória. Eu estava tentando de fato, parar de correr... Pelo menos para poder respirar um pouco, nem que fosse por poucos segundos, só que ai tudo isso aconteceu... E foi como se meu corpo tivesse sido impulsionado pra frente, e ai voltei a correr, mais rápido... mais rápido... mais

rápido... Chegou ao ponto de eu sentir que se eu parasse de correr de repente, o mundo se partiria em pedaços. Foi ai que percebi que tinha algo estranho na corrida que começou, eu estava correndo em círculos, acredito que eu ainda esteja, e ainda não descobri como sair dagui, o fato é que eu perco a noção de onde e quando estamos, por exemplo: acabei de perceber que falta 30 dias para meu aniversário, mas em breve eu vou me esquecer disso, é capaz que no próprio dia eu me esqueça, e eu sei que vou esquecer, amanhã talvez para mim seja Janeiro de 2020, talvez 2019 ou guem 2032. Acho que estou meio brigado com o tempo, as questões que você colocou me fizeram até escrever uma poesia, acho que vou colocar ela agui no final da carta. É meu caro amigo, tem sido difícil suportar isso, mas ainda sim tento ficar calado, porque prefiro cair sorrisos do que preocupação, acho que por isso ando tão calado, tenho medo que minha própria boca acabe me traindo e jorrando toda a dor que tenho sentido, eu gostaria de falar sobre isso na realidade, mas eu não sei como, eu sempre achei mais fácil expressar o que sinto através da arte, mas falar de fato, eu não sei. Ando bem cansado, para completar ainda existe a insônia, então não durmo bem já a algum tempo, mas não sei, as vezes nesse momentos eu penso em vocês, pessoas que estão vivendo isso comigo, e isso me dá uma luz de vez em quando, penso que estamos realmente vivendo um desafio, penso como deve estar sendo para vocês, embora eu não saiba como perguntar também, eu estou aprendendo eu acho... Então me desculpe por nunca perguntar e saiba que se precisar conversar eu estou aqui meu caro amigo, acho que o que quero para esse semestre, é que a gente consiga, consiga fazer as pazes

com o tempo, consiga sorrir todos os dias, acho que talvez o que eu queira dizer é que a gente consiga ver uma luz de toda essa escuridão. Deixo com você meu caro amigo, a poesia que havia dito, deixarei apenas parte dela, pois está inacabada, mas gostaria de mesmo assim compartilhar com você. Uma Briga com o Senhor Tempo / O tempo é uma questão muito relativa / Não é algo tão simples de se descrever / E fica ainda mais estranho / Por que o tempo te vê nascer, crescer e morrer / Eu concordo meu caro chapeleiro / O tempo não é uma coisa, mas alguém / E sinceramente eu odeio o fato / Dele nos usar como refém / Afinal de contas / Quem você acha que é? / Para nos usar, para me usar / Com tanta presunção e má fé? / Escute aqui Senhor o Tempo / Eu posso te ver e te escutar / Eu sei que é uma grande criança / Que adora brincar / Mas eu estou farto / Farto de tudo isso que está acontecendo / Por que acha tão engraçado / Ver todos nós sofrendo? / O que significa tudo isso? Lutar, Gritar, Correr, Amar Pra quê? Por quê? / Se uma hora tudo vai acabar? / Por que não me olha nos olhos? / Anda... Olha pra mim... Olha pra mim! / Não pode fazer isso, não... não pode / Não pode me ignorar assim / Será que o Senhor o Tempo tem medo? / Só por que um mero mortal pode te ver? / Vamos negociar, eu volto a te ignorar... / Mas em troca me deixe esquecer. Bem meu caro amigo, é isso, se precisar estarei aqui, obrigado pela carta. Com todo meu amor, Nicolas Dantas.

### Referências Bibliográficas

CAMUS, Albert. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

. **Estado de Sítio**. Rio de Janeiro:

Record, 2018.

# Como a comunicação auxilia no despertar de uma consciência planetária

### **DIRETORA-PEDAGOGA –** MÔNICA GRANNDO

Assistente de direção - Ana Leão Atores e atrizes-criadores(as) - Alicia Freitas, Gabriel Andrade, Leo Delbo, Letícia Machado, Lucas Modesto, Manuella de Lucca, Vinícius Gabriel, Syang Alves

O processo de montagem da peça A Cantora Careca, de Eugène Ionesco se deu com a turma PAMIX, da Unidade de Alphaville aos sábados pela manhã, composta por oito alunos, e foi coordenado pela presente professora Mônica Granndo, com a assistência da aluna do PA5 Ana Leão. Como venho trabalhado com esta turma já alguns semestres nas disciplinas de Atuação, História das Artes Cênicas, Expressão Vocal e Corporal, a relação entre professor e aluno já possuía um grande laço de afetividade e confiança. Por isso, o momento de chegada e aproximação se deu de maneira rápida e auxiliou no diálogo e fluência das aulas.

Dentre as primeiras observações levantadas pela turma com relação aos quereres para o semestre, estava uma vontade de enveredar pelo cômico, mas aquele "riso" que faz o espectador pensar sobre sua vida e opções no mundo. Por este motivo, enquanto levantávamos temas, analisávamos ativamente os Acontecimentos Principais de alguns textos de teatro, realizamos um estudo de partes do livro O Riso, de Henri Bergson, em específico, o capítulo II - "Comicidade de Situações e Comicidade de Palavras", e o capítulo III - "Comicidade de Caráter". Nele encontramos pensamentos e questões que nos moveram na busca do nosso objeto de montagem, como a citação que segue:

> Talvez até mesmo devêssemos levar mais longe a simplificação, voltando às nossas lembranças mais antigas, e procurando, nos folguedos que divertiram a criança, o primeiro esboço das combinações que fazem o adulto rir. Falamos com muita frequência dos nossos sentimentos de prazer e dor como se nascessem velhos, como se cada um deles não tivesse história. Sobretudo, quase sempre ignoramos o que há de infantil ainda, por assim dizer, na maioria dos nossos sentimentos alegres. No entanto, quantos prazeres atuais não passariam de lembranças de prazeres passados, se os examinássemos de perto! Que restaria de muitos de nossos sentimentos se os relacionássemos ao que têm de estritamente vívido, se lhes retirássemos tudo o que é simplesmente rememorado? (BERGSON, 1983, p. 35).

Nesse livro Bergson nos fala de como a repetição, não só de palavras, mas de situações, dentro das circunstâncias, a inversão de valores e a interferência de séries provocam o riso em nosso espectador. Vale esclarecer que, segundo Henri Bergson (1983, p. 47/48), interferência de séries é: "Uma situação será sempre cômica quando pertencer ao mesmo tempo a duas séries de fatos absolutamente independentes, e que possa ser interpretada simultaneamente em dois sentidos inteiramente diversos."

Assim como o cômico nos moveu em nossa busca, ele nos mostrou que existia um risco claro de cairmos na representação, na canastrice das ações e no artifício das palavras. Mas aqui a análise em ação dos textos, das circunstâncias e acontecimentos precisavam ser guiadas pelo Sistema Stanislávski e a busca pelo espontâneo, pela ação autêntica – estava lançado nosso desafio.

Como parte do processo com os alunos e alunas foram propostos diferentes modelos de registro aula a aula, como o registro fotográfico, poético, a escrita coletiva e a síntese individual, por exemplo.

Os registros que seguem foram destacados, pois marcam, individual e coletivamente, quando começamos a estabelecer um diálogo entre o tema da mostra, a Supertarefa da turma e os elementos do Sistema Stanislávski estudados em aula.

Para o levantamento dos temas, foi pedido aos alunos que buscassem deixar a lógica do pensamento racional de lado, mas não a lógica da ação, do conhecimento da nossa própria natureza, que os movessem em direção a nossa Supertarefa e ao tema da mostra. Assim os alunos deixaram com



que a sua intuição, vontade e impulso colaborassem para o levantamento dos temas que permearam a nossa jornada.

Esses momentos da troca no coletivo foram fundamentais para que o diálogo ocorresse, o

entendimento se fizesse e as relações se aprofundassem com respeito e carinho. Cada voz encontrou seu espaço para responder perguntas provocativas, como: "O que os move, o que os comove?" Esta ação também nos conduziu ao levamento de temas existente na peça escolhida para a montagem do semestre.

Essa questão do coletivo é uma questão importante e complexa. É preciso não apenas entendê-la, mas senti-la. Cada um deve pensar sobre seus atos: será que a coisa coletiva precisa disso que fiz? Saibam falar apenas o que não destrua a coisa coletiva. Saibam amar a arte em si, e não a si mesmos na arte. Se começarem a [tentar] escravizar a arte, a arte os trairá. A arte é muito vingativa. Repito, mais uma vez: amem a arte em si mesmos, e não a si mesmos na arte. Esse deve ser o pensamento que os conduz. Não é o teatro que deve existir para vocês, mas vocês para o teatro (MOSCHKOVICH, 2019, p. 124).

Seguem algumas frases destacadas, que foram escritas durantes os períodos da Busca e Vivência e apareceram nos registros das reflexões do coletivo.

- Jornada, o início para novas descobertas, novas escolhas e busca de novos caminhos.
- Olhar do ator, olhar para o mundo, os nossos pés que nos levam, o ar que nos enche e o despertar do mundo.
- Caminhada, inovação, busca de novos cami-

- nhos, o coletivo e a singularidade dentro dele.
- Singularidade, coletivo e como trazer a singularidade ética para um coletivo empático.
- Redescoberta e reinvenção. A percepção que vai além da visão.
- Estado permanente de mudança.
- Conhecimento do estado presente através do corpo.
- Compartilhamento de ideias.
- Foco, escolha, determinação e responsabilidade de concordância.

Motivados pelas vivencias, leituras e reflexões, chegamos ao nosso objeto de montagem e passamos a investigá-lo através de études. Foi assim que conseguimos aprimorar e aproximar os conceitos do Teatro do Absurdo, reconhecemos a semelhança entre os acontecimentos históricos do pós-Segunda Guerra Mundial e a pandemia, como a busca pelo sentimento e o despertar do nosso espaço pessoal, e a expansão das percepções das pessoas ao nosso redor e do mundo. Pudemos também observar que nós enfrentamos questões comportamentais da existência humana em ambos os períodos históricos e, através da peça *A Cantora Careca*, entender a diferença entre "o mundano e o exagero", "o normal e o absurdo".

Acreditamos que o Teatro do Absurdo, os temas e conceitos desse gênero, como a repetição, a busca pela identidade, a falta de comunicação, podiam nos levar a uma consciência humanitária, pela antítese e semelhança com a atualidade. E foi nas Circunstâncias Propostas pela peça que essa aproximação se fez de forma mais latente. Nelas vemos as personagens falando sem dizer nada, sem uma real comunicação, a falta de identidade das personagens citadas na peça, que possuem o mesmo nome, e a sensação de uma falsa liberdade, pois as personagens estão presas a ciclos que se repetem.

As circunstâncias nos levaram a agir, a perceber que, mesmo em um texto com aparente inação há muita ação, a construir uma Linha de Ação bastante justificada, para que ela proporcionasse aos atores o impulso interno, a interação. Pois, segundo Diego Moschkovich (2019 p, 200) em sua dissertação de mestrado, "As ações físicas são válvulas para, no final das contas, agir sobre a emoção, causar a emoção correspondente àquela ação." Esse estudo fez com que os alunos/atores colocassem o "eu nas circunstâncias", se reconhecessem na obra e estabelecessem um contato com o aqui e agora. Também nos firmou o pensamento de Vigotski (CAPUCCI; SILVA, 2014, p. 353):

A arte está em constante relação com a realidade objetiva, e intrinsecamente ligada à vida e às relações sociais de uma determinada época, sendo possível entender que "o material para o conteúdo e estilo artísticos são apreendidos da realidade e trabalhados a partir dela".

Um processo de montagem é composto por questões, e sempre nos perguntando qual a nossa Supertarefa? Quais as conexões entre as circunstâncias da obra e o tema da mostra? Para respondê-las, buscamos envolver diretamente a sociologia e as razões pela qual o homem se modifica

através dos seus próprios pensamentos e funções dentro da sociedade. E é nas Circunstâncias Propostas, nos espaços vazios do texto, que os atores poderão dar vida aos papéis, pois é somente dentro desse contexto que eles passam a agir e a enxergar a sua realidade. E, assim, conseguiríamos que nosso público se tornasse consciente da posição humana dentro dos seus próprios atos e consequências.

Antes da Supertarefa definitiva, tivemos uma Supertarefa provisória, que abordava princípios como empatia e ética. Mas descobrimos, durante os debates, que a falta de comunicação era mais potente na obra e na conexão com o momento que estamos vivendo.

Hoje estamos vivendo – e isso para mim é fundamental e empolgante na medida que complexo – essa enorme revolução epistemológica.

Há uma implosão de todos os significantes e significados. As palavras que usamos são aparentemente as mesmas, falamos aparentemente uma linguagem que conhecemos, mas essas palavras e essa linguagem não têm mais os mesmos significados que antes.

É um contexto de batalha semiológica e epistêmica pelo significado, pela definição e pela representação da realidade. Não acho que há momento histórico melhor para se viver (PRECIADO, 2021).

Com isso, chegamos a nossa Supertarefa: "A singularidade deste coletivo quer despertar uma

consciência da necessidade de uma real comunicação planetária." Pois acreditamos que se a sociedade conseguir se ouvir, se escutar e se entender, as guerras e doenças da humanidade serão evitadas.

Ainda durante o período da Vivência, para o encontro e conexão com a Supertarefa, foi proposto ao grupo uma pesquisa de campo com base na seguinte pergunta: "O que é absurdo para você?" Essa pergunta deveria respondida pelos alunos e por pessoas da família ou amigos e gravada em áudio, para ser partilha com os colegas de turma. As respostas foram similares, muitas mostraram desaprovação perante à falta de consciência da humanidade e sentiram a falta de um despertar. Observamos que a conexão entre o absurdo e a falta de um despertar planetário é muito forte e se tornou uma das vias que decidimos seguir, desconstruindo rotinas, hábitos, conversas e personalidades para chegarmos ao que o texto nos traz como reflexão: que a humanidade, assim como no pós-Segunda Guerra Mundial, está passando por um processo de incomunicabilidade, uma falta de comunicação e entendimento para superar o maior desafio que estamos passando - a Pandemia da COVID-19.

Os encaminhamentos práticos relacionados à Supertarefa para a finalização dessa parte do processo se deram através do estudo da história do Teatro do Absurdo e seus pioneiros. Para tanto, os alunos foram estimulados a elaborar seminários artísticos e verificar como esse gênero teatral influenciou o teatro brasileiro e se faz presente até hoje. Buscamos, através da obra, contextualizá-la no aqui e agora para um diálogo e envolvimento do público. Nós nos perguntamos: "O que realmente queríamos com uma peça composta por diálogos, aparentemente sem sentido, situações absurdas e falta de personalidade nos papéis?" Concluímos que O Despertar Para uma Consciência Planetária não pode acontecer sem uma interação, sem informação, sem um real diálogo entre as pessoas.

A Comunicação foi o nosso maior desafio e aprendizado no semestre: "Como fazer com que o público entenda a mensagem que estamos passando dentro do Teatro do Absurdo?" Por se tratar de uma linguagem confusa e sem sentido aos olhos do público telespectador, obtivemos com êxito a ideia de transmitir algo, mesmo em meio ao diálogo "desconexo" do absurdo, trabalhando as relações das ações entre os personagens com o uso de acontecimentos atuais e referências que complementaram, assim de alguma forma, a recepção da mensagem em meio à comunicação transmitida na peça.

Esta reflexão foi embasada no pensamento de Edgar Morin (MORIN; KERN, 1995, p. 178) em seu livro Terra Pátria, onde ele no diz que:

> Precisamos fundar a solidariedade humana não mais numa ilusória salvação terrestre, mas na consciência de nossa perdição, na consciência de nossa pertença ao complexo comum tecido pela era planetária, na consciência de nossos problemas comuns de vida ou de morte, na consciência da situação agônica de nosso começo de milénio. A tomada de consciência da comunidade de

destino terrestre deve ser o acontecimento chave do novo milénio: somos solidários desse planeta, nossa vida está ligada à sua vida. Devemos arrumá-lo ou morrer. Assumir a cidadania terrestre é assumir nossa comunidade de destino."

Concluímos que as possibilidades teatrais do Despertar Para uma Consciência Planetária se dão no cuidado com o próximo, devido à situação atual. O ensino à distância na plataforma Zoom é um novo formato na atualidade, que possibilita estarmos juntos e democratiza, mesmo que havendo restrições, o acesso à cultura e, em específico, ao teatro. Desta maneira, os atores conseguem tornar suas casas um palco móvel, podendo abrir possibilidades de cenários diferentes e mais acolhedores, fora do usual. Foi possível aprimorar questões que, a primeira instância, pareciam rasas, porém, foram essenciais para a construção do processo com o aperfeiçoamento do Sistema de Stanislávski como, o ator-criador, Memória Afetiva, Imaginação, Comunicação e entre outras. O novo e o diferente podem assustar,

como adolescentes, nós descobrimos que quanto mais queremos dizer a verdade, mais nossas palavras mentem. Mas para amadurecer, nós precisamos começar com o humilde processo de atuar, porque atuar é tudo que podemos fazer¹ (DONNELLAN, 2006 p. 8).

Esse processo é necessário para o crescimento e a evolução, seja pessoal ou seja profissional.

O teatro está em constante evolução, e o estudo para a formação do ator através da plataforma Zoom se tornou um novo começo. E, respeitando a individualidade, o coletivo, a obra, as novas ferramentas, com muita fé e elementos vivos de cada ser humano, alcançaremos a consciência do papel da arte e de cada um de nós na sociedade.

### Referências Bibliográficas

BERGSON, Henri. **O Riso**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DONNELLAN, Declan. **The Actor and the Target**. Londres: Nick Hern Books, 2006.

CAPUCCI, Raquel Rodrigues; SILVA, Daniele Nunes Henrique. "Ser ou Não Ser": A *Perejivanie* do Ator nos Estudos de L.S. Vigotski. **Estudos de Psicologia**. v.35, n.04. Campinas, p. 351-362, out./dez. 2018.

MORIN, Edgar. KERN, Anne-Brigitte. **Terra Pátria**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

MOSCHKOVICH, Diego Fernandes Garcia. **O Último Stanislávski em Ação**: Tradução e Análise das Experiências do Estúdio de Ópera e Arte Dramática (1935 - 1938). Dissertação (Literatura e Cultura Russa) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PRECIADO, Paul B. Outras palavras. Folha de São Paulo. São Paulo, Ilustrada, 17 jan. 2021. TOPORKOV, Vassili. Stanislávski Ensaia – Memórias. São Paulo: É Realizações, 2016.

<sup>1.</sup> Livre tradução da diretora-pedagoga Mônica Granndo.

# Registro do processo de A Vida de Galileu Galilei

### **DIRETORA-PEDAGOGA - NAIARA SOARES**

Assistentes de direção – Eriel Mattos, Thais Fabbri Atores e atrizes-criadores(as) - Ana Órgão, Carol Grignoli, Diego Notarnicola, Fernanda Alcântara, Gabrielle Risso, Julia Cuter, LuSouza, Marcelo Nobre, Pietro Mirandez, Rafaella Remaili, Ricardo Costa, Sofia Lisboa

> Porque o tempo antigo acabou, e começou um tempo novo. Já faz cem anos que a humanidade está esperando alguma coisa. As cidades são estreitas, e as cabeças também. Superstição e peste. Mas veja o que se diz agora: se as coisas são assim, assim não ficam. Tudo se move, meu amigo.

> > A Vida de Galileu Galilei.

### Bertold Brecht.

Metamorfosear os acontecimentos e construir novas possibilidades de trajetória. O despertar é uma transformação. Despertamos, porque algo nos aconteceu. E despertados, agimos de modo diverso ao modo habitual. Sem transformação não existe despertar. O despertar é mais do que uma epifania. Não é tão fugaz quanto ela. E precisa ser constantemente provocado. É uma busca.

Como despertar a cada dia a nossa consciência? Como transformar a nossa percepção e a nossa ação a cada dia? Como desejar, procurar e encontrar meios de despertar? Como não nos deixar viver de modo habitual e automático?

Para iniciarmos a busca de um despertar em nosso campo de pensamento e prática que é o teatro, partimos de um deslocamento de percepção. Fomos para as Artes Visuais. Lemos sobre, vimos vídeos, vimos fotografias das obras criadas na década de 1960 por Hélio Oiticica, Lygia Clark, Wesley Duke Lee.

Após estudarmos estes artistas de 1960, experimentamos criar estudos inspirados em seus trabalhos. Três conceitos nos guiaram nessa investigação:

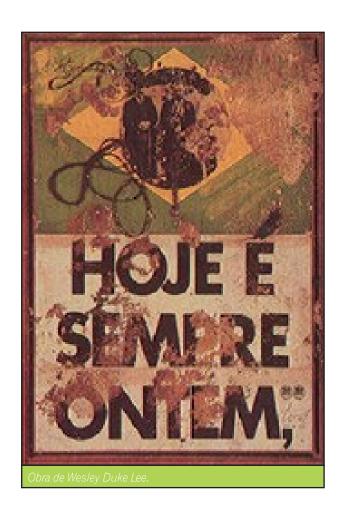
**GUERRILHA ARTÍSTICA** AGITAÇÃO SÚBITA NOVO HUMANISMO

Guerrilha artística - A atuação do artista (ou antiartista), transformado em uma "espécie de querrilheiro", inseria seu fazer poético em um contexto artístico no qual tudo podia ser arte e em um contexto social no qual tudo podia "transformar-se ... em arma ou instrumento de guerra". Resistência mais efetiva contra um regime autoritário. A "tomada de posição em relação a problemas políticos, sociais e éticos".

Agitação súbita - Os parangolés (tendas, capas e estandartes) de Hélio Oiticica. A palavra "parangolé" era uma gíria do Rio de Janeiro para "agitação súbita", "animação", "alegria", "situações inesperadas entre pessoas". Para Waly Salomão, autor de uma biografia de Oiticica, a expressão "qual é o parangolé?" significaria "o que é que há? como vão as coisas?"

Novo humanismo – O humanismo tradicional (individualista e burguês) foi substituído por um humanismo democrático e social, a existência ganhou uma amplidão cósmica.

Os estudos criados a partir das provocações e



em diálogo com as neovanguardas de 1960 foram surpreendentes! O grupo da guerrilha artística fez uma brincadeira de descolamento entre a imagem e o som muito interessante. Víamos um dos atores lavando o rosto na pia do banheiro e ouvíamos uma cachoeira ao fundo, por exemplo. O grupo do novo humanismo fez uma linha do tempo da história do homem no planeta (imagens e sons capturados da internet e reorganizados em uma dramaturgia). O grupo da agitação súbita fez um vídeo com imagens e palavras que refletiam sobre o tempo (cronológico, histórico, subjetivo).

A partir das questões levantadas, dos estudos e materiais investigados, em diálogo com o tema da mostra O Despertar Para uma Consciência Planetária e, após esse momento de deslocamento de nosso foco do teatro para as Artes Visuais, decidimos por experimentar trabalhar com a obra A Vida de Galileu Galilei, de Bertold Brecht.

Partimos da seguinte provocação:

 A Vida de Galileu Galilei. Essa obra escrita por Brecht entre 1937 e 1943 nos move hoje de que modo?

Seguimos com estudos criados em diálogo com trechos específicos da obra e levantamos outras questões:

- O que mais nos afeta no diálogo com a obra?
- Quais as pontes que criamos entre o contemporâneo e a obra?
- Quais as pontes que criamos entre o tema da mostra e a obra?
- Quais as primeiras descobertas na investigação do papel?

O despertar na obra A Vida de Galileu Galilei está relacionado ao processo de construção e de partilha do conhecimento. As personagens estão em busca constante por respostas. Em seus "adormecimentos", as personagens são despertadas pelas perguntas feitas por seus parceiros ou adversários. É uma obra feita de perguntas. As questões são o motor das relações. Estes despertares individuais ocorrem nas partilhas. As partilhas criam

os pequenos círculos de indagadores. Estes coletivos se retroalimentam ou entram em choque. Há os que compreendem o mundo sob a perspectiva da ciência, os que o compreendem sob a perspectiva da religião e os que o compreendem sob a perspectiva do mercado. Entre adormecimentos e despertares, as questões que surgem no embate entre os indivíduos e os coletivos, apontam para uma visão revolucionária sobre o ser humano e o universo – A Terra está em movimento constante e não o Sol. A Terra não é o centro do universo. Esta visão revolucionária transforma a trajetória de todas as personagens da obra. A ação de despertar, ao final, é em direção a uma visão planetária sobre o ser humano – não somos o centro do universo, já que a Terra não o é. Somos parte de um todo e estamos em constante transmutação.

> Nós, como alunos, atores e cidadãos entendemos que devemos despertar sempre, assim como Galileu Galilei, enxergar e não apenas ver. Precisamos estar cientes do meio em que estamos inseridos, conscientes sobre o mundo, os outros e sobre nós mesmos (Trecho do registro reflexivo de Julia Cuter).

> D. Sarti e Virgínea não podiam expressar suas ideias em público e não podiam partilhar de um coletivo de inovadores, mesmo como ouvintes. Hoje ainda, nós mulheres vivemos circunstâncias semelhantes. Para falar sobre o despertar da consciência é preciso falar antes sobre a luta pela igualdade de gênero (Trecho do registro reflexivo de Sofia Lisboa).

Durante o processo de investigação, iniciamos

com uma aproximação da obra a partir de circunstâncias análogas. Neste ponto, trouxemos a questão da intolerância nos debates ideológicos, as crises política, econômica, social e sanitária agravadas por uma pandemia (endemia, no caso da obra) e, os despertares dos grupos de minoria (como as mulheres) que lutam por uma igualdade de oportunidade e direitos.

Seguimos então, com estudos focados na investigação dos Acontecimentos da obra. Os renomeamos a partir de nosso foco de trabalho (apenas os já investigados, do início até o meio da obra):

- 1. Vida pós-apocalíptica por um despertar que não nos deixe ser extintos:
- 2. Sobre o novo humanismo:
- 3. Galileu sobre o ato de ver. O dinheiro veio para confundir o amor;
- 4. Galileu Galilei, professor de matemática em Pádua, quer demonstrar o novo sistema copernicano do universo:
- 5. Galileu Galilei entrega uma nova invenção à República de Veneza;
- 6. Galileu afirma sua fé na razão humana;
- 7. Galileu troca a República de Veneza pela corte Florentina, cujos sábios não dão crédito às suas descobertas feitas pelo telescópio.

Exploramos esta trajetória e conversamos sobre os pontos centrais que poderiam nos levar a uma síntese na comunicação com o público, a uma Supertarefa:

- O que será de nosso futuro se não conseguirmos olhar para o todo?
- Como movemos o todo? O que faço impacta o mundo inteiro?

- Como os acontecimentos mudam a minha trajetória?
- Como minha trajetória muda os acontecimentos?
- Como agimos de modo consciente?
- Como n\u00e3o agir de modo irracional, inconsequente, desumano, violento?

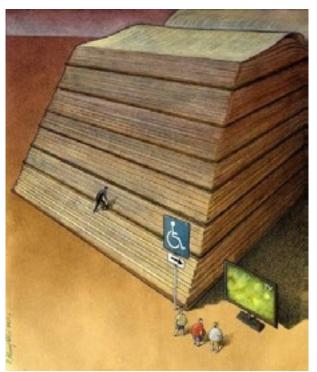
Galileu aponta para esta perspectiva na obra – a Ciência pode abrir caminhos em busca de um mundo mais consciente, menos supersticioso, mais eficaz na construção de um coletivo que não exclua as minorias. Sua Ciência é baseada na observação, ver pelo telescópio é um início para a transformação. E hoje, o que é necessário que a gente veja? Quais as circunstâncias que precisam ficar claras e que não estão hoje? Como agir diante do visto? Ver já é uma ação? Quem vê, vê a partir de que olhos?

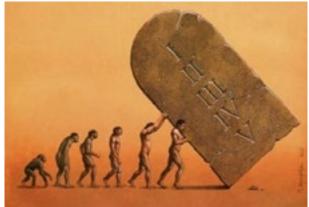
"Foi interessante participar da peça *A Vida* de Galileu Galilei, porque ela discute e denuncia questões bem semelhantes ao que estamos vivendo hoje" (Trecho do registro reflexivo de Marcelo Nobre).

"O Despertar Para uma Consciência Planetária/coletiva é um grito de socorro, de desespero: Para onde iremos sozinhos?" (Trecho do registro reflexivo de Ricardo Costa).

Após investigarmos os pontos centrais de nossos estudos a partir da obra, refletimos sobre as perspectivas individuais (o estudo de si a partir do papel), sobre o todo de nosso trabalho. "Qual a questão que atravessa a todos nós em nossa investigação da obra?" Esta foi a pergunta lançada ao coletivo.

Ouvimo-nos a partir das perspectivas variadas,







Obras de Pawel Kuczynski.

mapeamos em seguida, cada uma das abordagens e traçamos então, hipóteses sobre o que havia em comum. Chegamos, ao final deste processo, à questão:

• Como manter a clareza de ação em tempos de crise? ("Você arregala os olhos e arregalar os olhos não é ver.")

Aprofundamos então, nossos estudos coletivos e de monólogos. Neste processo, renomeamos novamente os Acontecimentos (do início ao fim da obra) e, analisando a Linha de Ação Transversal, exploramos uma primeira versão de roteiro dramatúrgico (uma recriação da obra de Brecht):

- 1. Pelo que nos levantamos? Como ter clareza de ação em tempos de crise?
- 2. Questionar mesmo diante do medo, da censura e da miséria.
- 3. Por um coletivo que não exclua as minorias.
- 4. Não retroceder diante da crise.
- 5. Virgínea garota propaganda do telescópio. "Por que eu não posso ver as estrelas também, Galileu?"
- 6. A crise hoje, o que é?
- 7. O anúncio da tragédia de Galileu.
- 8. A questão social na crise sanitária as minorias como ficam em uma crise?
- 9. O Estado é laico?
- 10. O amor como revolução Virgínea.
- 11. A troca de conhecimentos como revolução -Andrea.
- 12. Ridicularizar discursos para desautorizá-los: uma prática cruel, mas recorrente. O que fazer diante disso?
- 13. O amor pelo conhecimento, pela troca, pela partilha é a nossa resistência – a obra de Galileu sobrevive.

Trabalhamos então, a partir desta proposta de dramaturgia e, em diálogo com nossa Supertarefa, a Contra-Ação Transversal e a Ação Transversal da obra:

- Ação: Agir com clareza em tempos de crise. Como? (não temer, não desistir, ter clara nossa motivação, buscar ver a realidade e todas as suas nuances e contradições, questionar, duvidar, ponderar, ter compaixão, empatia, amar, ser solidário).
- Contra-Ação: O medo, a crise, o autoritarismo, a ignorância, o egoísmo, a frieza, o egocentrismo, tudo o que nos impede de agir com clareza.

Na obra, Galileu desperta nas pessoas o desejo de descobrir algo novo. Ele fez as suas próprias descobertas e quer que todos tenham contato com este modo novo de ver o mundo. Este novo modo de ver nasce de uma crise. Hoje, nossa realidade - a CO-VID-19 – fez agravar uma crise que já estava instaurada em nosso país. Como devemos nos relacionar com isso tudo? Aconteceu algo maior que nós, algo que pede o novo. A gente precisa se abrir para ver, entender este novo modo de ver e agir no mundo (Trecho do registro reflexivo de Luciano Souza).

Posso dizer que com a montagem parei de simplesmente arregalar os olhos e me esforcei a ver de fato, fazendo minhas relações e conectando meus pensamentos com nossa realidade e com a obra. Foi importante sair deste lugar de centro do universo (Trecho do registro reflexivo de Sofia Lisboa).

No contexto em que estamos inseridos, muitas transformações ocorreram no mundo e em mim. Meu olhar para a simplicidade, valorização das pessoas que estão ao meu redor, aprender com a diversidade, tudo isso se transformou em mim (Trecho do registro reflexivo de Carol Guignol).

Fazer as criações distante dos colegas e de dentro de casa nos fez olhar com outros olhos não só o trabalho do ator, mas também o mundo ao redor. Tudo ganhou mais significado e importância. O que antes eu fazia só no Macu e minha família via o resultado final, agora, ocupa o meu espaço, a minha casa, o meu dia a dia mais do que antes. O valor dos que moram comigo pelo o que eu faço aumentou, e o envolvimento deles com o processo da minha criação também mudou. Resumo este momento dizendo que não só a vida, mas a arte foi ressignificada (Trecho do registro reflexivo de Gabrielle Risso).

Finalizamos o semestre com a partilha de nosso trabalho com o público. Com ele, nós comunicamos a essência de todo um processo (no plano sutil e na superfície: as questões que nos motivaram, as descobertas que fizemos juntos em relação à obra, os desafios nas pontes criadas com o contemporâneo, as transformações em relação ao trabalho do ator dentro do Sistema).

Durante o bate-papo, após a apresentação, conversamos sobre o processo de investigação e debatemos temas centrais da obra com o público. Neste instante, conhecemos a potência de nosso trabalho e tivemos a consciência de que ele só se

completa com a partilha com o espectador. São infinitas as possibilidades de leitura de uma peça; cada um e cada uma sente, reflete de um modo muito particular cada momento vivido por nós todos. Existe nesta troca, a potência da transformação. Podemos despertar em nós uma dúvida, uma nova ideia, uma nova sensação, novas vontades, novos modos de viver. A clareza de ação que nossa Supertarefa propõe, pode ocorrer neste encontro. O Despertar Para uma Consciência Planetária proposto pelo tema da mostra, também pode ocorrer durante esta partilha. Em geral, os grandes acontecimentos nascem pequenos, são sutis: estão em estado de potência. Acreditamos que esta potência pode transformar no instante cada um e cada uma e que ela pode crescer, se multiplicar, replicar, espalhar, ganhar maior visibilidade e força.

### Referências Bibliográficas

BERTOLT, Brecht. **A Vida de Galileu Galilei**. São Paulo: Paz e Terra. 1995:

HOME. In: **Kuczynski Pawel**. Disponível em: <a href="http://pawelkuczynski.com/">http://pawelkuczynski.com/</a>. Acesso em: 15 ago. 2020.

O ARTISTA. In: Wesley Duke Lee Art Institute, 2017. Disponível em: <a href="http://wesleydukelee.com.br/sobre-o-wesley/o-artista/">http://wesleydukelee.com.br/sobre-o-wesley/o-artista/</a>. Acesso em: 07 ago. 2020. SALOMÃO, Waly. **Hélio Oiticica**: Qual É o parangolé? São Paulo: Companhia das Letras, 2015. SOARES, Paulo Marcondes Ferreira. Arte e Política no Brasil – Os Anos 1960: Questões de Arte e Participação Social. **Estudos de Sociologia**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, v.2, n.17, mar. 2013. Disponível em: <a href="https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235218/28243">https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235218/28243</a>. Acesso em: 05 ago. 2020. ■

# Nosso Berço: Reminiscências do processo de formação e criação autoral com alunos do Teatro Escola Macunaíma a partir da obra O Berço do Herói, de Dias Gomes

### **DIRETOR-PEDAGOGO - PACO ABREU**

Assistentes de direção – Daniel Bianchi, Marcelo Thomaz, Sérgio Ramos

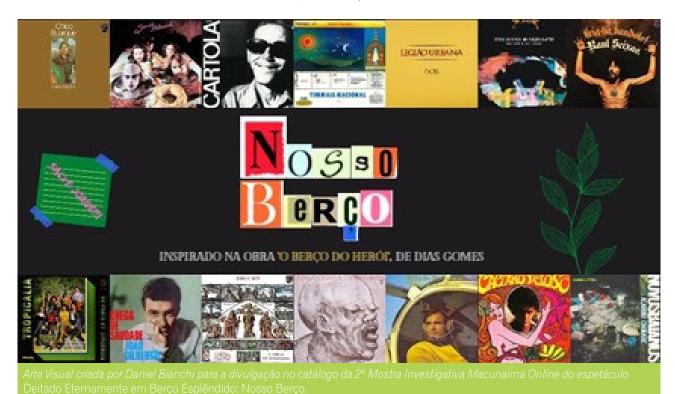
Atores e atrizes-criadores(as) – Bruna Maria, Cássia Silveira, Edson Massucatto, Gabriel Huertas, Havenna Ribeiro, Keiko Nakayama, Lu Astolfo, Tarley Batista, Viviane Dantas
Atriz convidada – Aline Colleoni

Amanhã vai ser outro dia.

Chico Buarque

### Introdução

Como recorte temporal para este artigo, recorro ao ano de 2020, tristemente o Ano Zero que marca em março deste ano o primeiro falecimento causado pela Pandemia COVID-19 no Brasil. Um ano depois, em dezesseis de março de 2021, já tínhamos perdido duzentas e oitenta e duas mil, cento e vinte e sete vidas humanas aqui no Brasil para a Pandemia.



Neste estarrecedor contexto, o Teatro Escola Macunaíma passou por dois semestres de formação e criação atoral em 2020 e, precisou se preparar e se adaptar à experiência do ensino a distância. Em dezesseis de março de 2020 as aulas foram suspensas em São Paulo. O Macu passou então por uma semana intensa de preparação para a transferência das aulas para o Ensino a Distância através da plataforma Zoom com reuniões remotas para entendermos e experimentarmos este dispositivo, também tivemos reuniões pedagógicas para trocarmos conteúdos, procedimentos e planejamentos para as aulas *online*. Estávamos todos ansiosos, algo novo para a maioria de nós, professores.

Olhando para trás, agora já estando no terceiro semestre desta experiência do ensino a distância, penso que investiguei o Sistema de Stanislávski e seu pensamento como nunca. A necessidade de instaurar um ambiente de acolhimento humano e artístico em situação tão adversa; a necessidade de de estudar e de me preparar de forma singular para cada encontro que se intensificou com o triplo do tempo despendido; a necessidade da escuta sensível em relação ao coletivo de atores e a cada um de nós em função da distância presencial me fizeram me comprometer ainda mais com a tarefa de ser pedagogo teatral em estudar,

partilhar e aprender com meus alunos a linguagem teatral a partir da formação de atores. Sem o Sistema de Stanislávski, seu pensamento vivo e em movimento em todos nós, alunos, diretores assistentes e eu a jornada de atravessarmos a Pandemia teria sido muito mais árdua. A busca de sentido em todos nós em investir em nossas formações humana, física, artística e espiritual em nosso processo ajudou a nos salvar de tamanha catástrofe humanitária, estabelecendo laços, diálogos entre nossas vidas, a vida do mundo, a vida de nosso país, nossa cidade, nossas escolhas artístico-pedagógicas em nosso processo e nossa criação cênica. Nem tudo são flores, angústias, não saberes e cansaço também fizeram parte do caminho. A alternativa foi reaprender a importância do registro como pista, reminiscência e farol para a semeadura e colheita do sentido do percurso do processo que se inicia com o acolhimento dos alunos, passa pelo aquecimento corporal, psicofísico, se abrem para as vivências propostas, para desaguar nos estudos (études) a serem improvisados, o ciclo se fecha para continuamente se abrir na análise quente, em temperatura, como dizem os russos, após os estudos (études) em um fluxo de memórias e imaginações construídas pelas experiências do processo. Esta Linha de Ação Contínua, transversal de teses, antítese e sínteses, estrutura do pensamento dialético, que tanto dialoga com o Novo Método de Ensaios Através De Études<sup>1</sup> de Konstantín Stanislávski, chamado por Maria Knebel de Análise Ativa. Como diz Elena Vássina<sup>2</sup>, um work in progress em fluxo contínuo de formação e criação artística.

### Ponto de partida para a criação. O tema da mostra nos lança perguntas

Qual o sentido de estarmos juntos investigando algo para a criação cênica? O que desejamos comunicar, trabalhar em nós mesmos e com os nossos parceiros de formação e criação? Que iscas lançaremos para a criação coletiva? O tema da mostra, procedimento proposto pelo Macu, funciona como ponto de partida para a criação. Uma alavanca para iniciarmos uma travessia de contato. Eu comigo, eu com o meu coletivo, minha turma, meus professores e eu com a comunidade humana, hoje, aqui e agora. Comunidade esta também constituída pelos futuros espectadores que assistirão à partilha do processo de criação materializado em um espetáculo de Teatro Digital<sup>3</sup>. Não se trata do meu "eu" ensimesmado, fechado em minhas convicções, em minhas ideias, mas meu "eu" aberto em jogo contínuo a partir de um ponto de partida que me lança em contínuos diálogos entre o meu "eu" pessoal, o meu "eu" artístico, o meu "eu" comunitário e o meu "eu" planetário. O diálogo entre tantos "eus" nos coloca em face do "eu-nós". Nós, parceiros de criação, alunos e professores e, também nós, o público em nosso tempo histórico.

Partimos então no primeiro semestre de 2020 do tema Toda a Existência Faz a Diferença e, no segundo semestre, O Despertar Para uma Consciência Planetária. Os temas são lançados primeiramente na Semana de Planejamento da escola, antes das aulas começarem para os alunos. Coordenação, direção e professores se debruçam sobre o tema a partir de palestras, dinâmicas e trocas entre todos os envolvidos. O tema aquecido por este primeiro coletivo da escola é lançado então para as turmas como disparador do processo de formação e criação atoral. Assim, o tema da mostra funciona como um Superobjetivo ou Supertarefa que nos impulsiona para a pesquisa artística a ser desenvolvida, bem como à linguagem a ser construída e ao repertório a ser investigado. Talvez o gerúndio fosse mais apropriado, visto que o processo se constitui em uma ação que se prolonga no tempo do processo de criação, ou seja, no caminho, no fazer que percorre o dia a dia das aulas em constantes ressignificações, atualizações em busca de sentido do que estamos fazendo e buscando. De onde viemos, onde estamos e para onde intuímos que devamos ir?

<sup>1.</sup> Segundo Elena Vássina: "Naguilo que Stanislávski chama de 'novo método' ele tenta eliminar, antes de mais nada, toda a 'violência' do diretor sobre o ator, do pedagogo sobre o discípulo. O 'novo método' visa o desenvolvimento da personalidade artística do discípulo/ator-criador à base de sua independência na elaboração de études e improvisações livres a partir da descoberta de si mesmo no papel e do papel em si mesmo" (In: O "Novo Método" de Stanislávski Segundo Seu Último Texto: Abordagem à Criação do Papel, Descoberta de Si Mesmo no Papel e o Papel em Si Mesmo. Revista Moringa - Artes do Espetáculo, Departamento de Artes Cênicas, Universidade Federal de João Pessoal, v. 6 n. 2, p. 121-130, jul./ dez. 2015, p. 124).

<sup>2.</sup> Professora do Curso das Letras Russas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e autora, juntamente com Aimar Labaki, da obra Stanislávski – Vida, Obra e Sistema, publicada pela Funarte em 2016, que traz, pela primeira vez no Brasil, os escritos de Stanislávski em tradução direta do russo para o português.

<sup>3.</sup> Modalidade criada anos antes da pandemia causada pela COVID-19, que ganhou muitos adeptos a partir de 2020, devido às necessárias adaptações que o isolamento social nos impôs. O Teatro Digital permite que atores em

tempos e lugares diferentes se conectem na criação de imagens cênicas, as quais se constroem de forma híbrida, ao vivo e gravadas, unindo a presença criativa aos recursos do audiovisual.

O início do processo de criação que assim nos conduz como em uma travessia até a Comunicação e partilha do processo com o espectador que, por sua vez, despertará novo ciclo na relação com o espectador durante a minitemporada da turma na mostra de seis espetáculos públicos em três dias de apresentação<sup>4</sup>. Stanislávski nos transmite o princípio de um Supertarefa ou Superobjetivo provisório ou suposto, como uma hipótese que lançada no processo necessita continuamente no processo e durante as apresentações ser analisada, atualizada e aprimorada. Uma travessia entre sujeitos na busca de sentido do que estamos fazendo, pensando e sentindo.

### Nossa Linha de Ação: O caminho para a escolha do repertório

Inspirado pelo tema O Despertar Para uma Consciência Planetária e também pelo princípio da Maiêutica socrática<sup>5</sup> que podem ser percebidas nas perguntas investigativas propostas pelo tema da mostra:

Quando se tira do teatro o direito à presença e nos impõem limites de contato com o corpo e espaço, como ele pode existir? Como "despertar" a consciência coletiva? Como "despertar" o "nós"? Como "despertar" o humanismo planetário? Como "despertar" a poesia da vida? (Perguntas investigativas, projeto do tema da 2ª Mostra Investigativa Macunaíma *Online*).

A partir destas questões propostas aos alunos como socráticas, que, em grupos, lançaram novas perguntas e partilharam impressões, associações, sínteses em imagens e aforismos<sup>6</sup>. Dentre elas, destaco:

A humanidade vive em um *looping*. É como olhar para um abismo, abissal e incompreensível e intuir que a queda é inevitável. Como manter a esperança na humanidade? (Construída a partir de sínteses e imagens trazidas pelos alunos: Cássia Silveira, Edson Massucatto e Havenna Ribeiro).

Ao me dedicar a escrever este artigo fui perceber que a semente da Supertarefa que estruturamos com mais consciência no vigésimo quarto encontro do processo, dia 23 de setembro de 2020, tinha sido plantada, em nós, em nosso primeiro encontro, dia três de agosto, no início de nossa jornada. Sobre nossa Supertarefa falaremos mais adiante.

O próximo passo em nossa Linha de Ação foi nos debruçarmos, de forma prática e teórica, sobre as perguntas socráticas e suas reverberações em nós no seguinte enunciado **Entre o solar e o lunar**, como hipóteses de linhas e perspectivas para trabalharmos desde os aquecimentos em nossas aulas aos estudos (études), suas análises de estrutura antes dos estudos (Supertarefa e Li-

<sup>4.</sup> Em decorrência da adaptação para a plataforma digital, foram realizadas duas seções do espetáculo em dias consecutivos de apresentação.

<sup>5.</sup> Sócrates (469 - 399 a.C.) filósofo e educador que pensa e educa enquanto caminha com seus interlocutores, através da Maiêutica, lança perguntas sobre pensamentos já solidificados. A função do filósofo, nesta perspectiva, é formular perguntas ao seu educando em relação a um determinado objeto de discussão e análise, para, a partir das respostas dadas, criar novas perguntas.

<sup>6.</sup> Gênero textual caracterizado por frases breves que possuem uma definicão de um preceito moral ou prático.

nha de Ação / Acontecimentos) e as análises posteriores aos estudos improvisados. Nossas aulas eram às segundas e quartas-feiras à noite e por duas semanas abrimos estudos. A constatação, ao final desta etapa, foi sintetizada no seguinte aforismo **Lunar, desejos solares**. Este percurso nos deu a percepção de que não seria possível considerar o momento histórico que estávamos vivendo como solar. Em nove de agosto de 2020 havíamos chegado a cem mil mortes pela CO-VID-19 no Brasil, ao mesmo tempo vivíamos a exacerbação de uma atitude autoritária por parte do Governo Federal em ataques a imprensa, boicote a ações sanitárias e de restrição da transmissão do vírus no Brasil, apoio a atos antidemocráticos, ataques às instituições, ameaças e retaliações a críticos e opositores e, especialmente para nós professores e artistas um desmonte das áreas da Educação e Cultura. Este contexto nos trouxe, em nossos estudos, uma atmosfera soturna, associada à solidão de uma densidade lunar e sensações de desamparo e indignação, mas, ao mesmo tempo, um desejo de transformação, uma potência solar de resistência e de luta que pudesse transformar tanta chuva, morte, angústia, medo e sofrimento em consciência para dias mais solares para todos nós.

### A Linha da Intuição: A escolha da obra e os primeiros estudos (études)

Por ter pertencido ao [Teatro de] Arena eu digo que eu te entendo, eu te entendo Migliaccio. Agora quando sentimos o hálito putrefato de 1964, o bafio terrível de 1968. Agora cinquenta e seis anos depois, eu

tenho noventa, você com oitenta e cinco, quando eles promovem a devastação dos velhos. Não podemos mais, eu não tive a coragem que você teve. Mas, espera aí meu amigo que eu logo, logo vou me encontrar com o [Augusto] Boal com o Flávio Império, com você. Nos encontramos logo (DUARTE, 2020).

Para a escolha do repertório, como professor do Teatro Escola Macunaíma experimentei diversos procedimentos com as turmas que oriento nos últimos vinte anos. Desde o levantamento de hipóteses de forma intelectual em relação aos desejos da turma; votação entre os alunos; o diálogo em busca de oposições, novos tratamentos ou adensamentos em relação às obras anteriores investigadas pela turma; a experimentação de até três obras através da Análise Ativa em um dia de aquecimentos, vivências, estudos e análise e, especialmente, nos últimos anos, o princípio de abrir uma escuta qualificada para intuir o repertório a ser experimentado, a partir das primeiras etapas do processo: diálogo com o tema da mostra, percepção dos alunos, da turma e o encadeamento de aquecimentos, vivências, estudos em um processo de sensibilização para todos nós envolvidos no processo de formação e criação atoral.

Seguindo esta linha escolhi para a turma o texto *O Berço do Herói*, de Dias Gomes. Penso que a escolha de repertório nesta linha dialoga com o próprio princípio do estudo (*étude*): estar aberto sempre para o aqui e o agora com a turma, com você mesmo, com o nosso tempo. Neste sentido a obra de Dias Gomes, infelizmente nos pareceu ser escrita para o nosso tempo histórico.

O Berço do Herói é uma sátira política escrita em 1965 por Dias Gomes em um prólogo e treze quadros. O autor se refere a ela como "talvez seja uma comédia com um back-ground trágico" (GOMES, 1983, p.13). O enredo nos conta a jornada de Cabo Jorge, pracinha da campanha da Força Expedicionária Brasileira na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Em 18 de setembro de 1944, Cabo Jorge é dado como morto por seu comandante e devido ao seu suposto ato heroico torna-se referência para o exército com batalhão com o seu nome. A cidade que nasceu prospera a sombra de seu nome, tornado mito nacional. A ação dramática se inicia ainda no prólogo, passados dez anos de sua morte em ato de inauguração de uma estátua e com os sinais de lucro e prosperidade dos poderosos da cidade através do comércio de uma série de produtos vinculados ao herói Cabo Jorge. Acontece que o suposto herói foi um desertor que se escondeu na Itália, passados dez anos se envolveu no assassinato de um homem. e, descoberto precisou fugir para o Brasil e ao retornar a sua cidade natal se depara com o culto a sua memória. Este evento deflagra o choque de interesses e de versões (narrativas) acerca do patrimônio (legado) de Cabo Jorge que terminará assassinado no bordel da cidade a mando dos poderosos, para que o capital simbólico, político e econômico da farsa de sua história permaneçam.

Para quem não leu *O Berço do Herói* talvez reconheça esta sinopse na trama de *O Roque Santeiro*, novela da TV Globo com adaptação do próprio autor com estreia em 1985.

No prólogo de *O Berço do Herói*, Dias Gomes nos traz quatro estruturas: (1) uma paródia em forma de diálogo entre um ator e um coro sobre a

notícia de que morreram todos os heróis e a submissão da humanidade ao deus-botão, deus-computador em alusão ao controle da energia atômica e, trazendo para os nossos dias, o controle das redes sociais, da desinformação e das versões de narrativas dos poderosos por trás dos botões. (2) A estrutura de um roteiro em tom romântico e heroico a ser projetado em uma tela sobre a saga de Cabo Jorge herói em quinze tomadas de gravação desde o bombardeio das tropas inimigas aos nossos pracinhas ao corpo morto de Cabo Jorge, herói nacional, em apoteose de vitória ao som de música com tons wagnerianos<sup>7</sup>. (3) Dias Gomes descreve o caráter de cada papel, uma espécie de biografia em que o autor revela as contradições, prestígios, segredos e os laços de relações entre os personagens. (4) A inauguração da estátua de Cabo Jorge em celebração de 10 anos de sua morte. Segundo o autor:

Essa hibridez é proposital e jamais deverá ser eliminada, pois, através dela, muita coisa há a dizer. Ainda no que diz respeito a forma, o épico é, frequentemente, quebrado por um tom de comédia doméstica. É um contraste que serve a ideia central da peça e a visão que ela pretende apresentar do mundo (GOMES, 1983, p. 13-14).

Optei por não revelar a obra aos alunos por dois encontros. Trabalhamos nestes dois dias a partir de uma ideia trazida por Marcelo Thomaz para o primeiro estudo a partir da obra: **O Mito** 

<sup>7.</sup> Referência a Richard Wagner (1813-1883), maestro, compositor, diretor de teatro e ensaísta alemão, muito conhecido por suas óperas.

Fundante de Duas Cidades. A cidade de Cabo Jorge é renomeada, refundada a partir do Mito do Herói Militar, Cabo Jorge, na obra de Dias Gomes. Dividimos a turma em dois grupos e a partir das perguntas disparadoras trazidas por Marcelo Thomaz: "Hoje em dia quem seria o herói e heroína para vocês? E como seria criado este herói e esta heroína hoje em dia?"

Duas cidades foram criadas pelos alunos: "Thomas Cássius" e "Curianópulis". Abaixo registro dos estudos (études) dos conteúdos trazidos pelos alunos:

Quem foi Thomas Cássius? A cidade é conhecida pelas suas belezas naturais; A cidade ama o seu ditador: A cidade é uma grande favela; O povo é super simpático; Na cidade não se pode falar mal de Thomas Cássius; Ninguém pode ir para a escola, só aprender o básico; Não pode fazer faculdade, só o básico para trabalhar feliz na fábrica; O sonho coletivo é ter na lápide a letra C; significa que você foi um bom cidadão, ao ter mais letras do nome do fundador, uaulli: fez parte desta família: VIVA THOMAS CÁS-SIUS - o próprio governo controla todas as mídias: QUE O MUNDO SE ESPELHE EM NOSSA CIDADE (Registro do estudo de cena da criação da cidade Thomas Cássius).

(O mestre de cerimônia) - A cadeira ideal; (a alegria de ser curianopolense) - Dr. José Curiano, nosso mito, inventor de tantas coisas; A fritadeira elétrica a ar; o centro veterinário; Fonte de juventude, água que dá calor; Ah José, Ze, Zé, Zé; (a parideira de cinco josezinhos); A música que faz milagre; O CANTO COLETIVO (a alegria de ser curianópolinos); (Nosso mestre de cerimônias) nos apresenta (o representante da cidade); A CURA... A cura pelo cocô (Registro do estudo de cena da criação da cidade Curianópulis).

O registro evidencia o tom satírico impresso nos estudos. Mesmo sem saber da obra que serviu de partida para o estudo os alunos já entravam em seu universo e em um dos tratamentos propostos por Dias Gomes, a sátira política. Abaixo a análise quente em temperatura dos atores depois da improvisação dos estudos:

O PÊNDULO Inaudita aventura; Altruísmo, abnegação. Heróis que estão invisibilizados; os heróis invisíveis, à noite quando saio para levar o lixo, quatro ou cinco homens em uniforme varrendo com frio; Os trabalhadores dos serviços essenciais; os lixeiros, policiais, trabalhadores de alimentos; enfermeiros, médicos; HERÓI DE PORRA NENHUMA; EM CADA ÉPOCA TEMOS A CONSTRUÇÃO DO HERÓI DE UMA FORMA; Hoje o herói da negação, o herói midiático, o herói da desinformação, das redes sociais; o ANTI-HERÓI (Registro da análise após as improvisações dos estudos).

O segundo estudo (étude) experimentado antes dos alunos terem a informação de que estávamos trabalhando a partir de O Berço do Herói

foi relacionada ao prólogo do texto. Dias Gomes cria uma imagem cinematográfica do Campo da Batalha à noite em instruções em forma de roteiro para ser gravado e exibido em uma tela no teatro em forma de filme:

Sobre a tela projeta-se o filme: Campo de batalha (noite) - 1 - Bombardeio. Fogo de artilharia; 2 – a trincheira brasileira; 3 – CABO JORGE entre os soldados entrincheirados: 4 – O bombardeio é terrível: 5 – A trincheira brasileira é violentamente bombardeada. Os soldados estão tomados pelo pânico; 6 -Explode uma granada. CABO JORGE quase é soterrado; 7 - O rosto de CABO JORGE reflete a gravidade da situação; 8 - a trincheira continua a ser duramente castigada pelo bombardeio; 9 - CABO JORGE olha em torno, sente que é preciso tomar uma decisão;10 - CABO JORGE galga o alto da trincheira, subitamente, ante os olhares dos estarrecidos soldados;11 - Do alto da trincheira, brandindo o fuzil, CABO JORGE solta um terrível grito de guerra, um grito selvagem, alucinado, e precipita-se contra as linhas inimigas;12 - Brandindo o fuzil e gritando sempre, CABO JORGE corre em direção as posições adversárias. Em meio do caminho é metralhado; 13 - CABO JOR-GE cai, varado pelas balas; 14 - Encorajados pelo heroísmo de CABO JORGE, os soldados brasileiros abandonam a trincheira e avançam em massa; 15 – O corpo de CABO JORGE estendido ao solo e as botas dos soldados brasileiros que saltam sobre ele. São dezenas, passando ininterruptamente

para o ataque, para a vitória que a música descreve em tons wagnerianos. Até o letreiro surgir em superposição. FIM (GOMES, 1983, p. 19-20).

Para este estudo trabalhamos como aquecimento-treinamento, através do corpo em movimento, os seguintes enunciados: Alinhamento; Liberdade muscular; Contração e dilatação; Céu e terra; Escuta e bem-estar do corpo. A intencionalidade deste encadeamento foi a de estimular a percepção corporal, psicofísica e expressiva como preparação para os estudos, que tinham como tratamento de linguagem cênica, a pantomima8. Através da leitura do roteiro cinematográfico, os alunos, divididos em duplas, deveriam experimentar o texto em leitura expressiva como em um estúdio de gravação de áudio dando ênfase através da ação verbal, sem vídeo, os seguintes enunciados: (em forma de Desenho Animado; Motel; Novela Radiofônica; Ópera; Trailler de Cinema - Cid Moreira). Experimentando o texto, sem referência de autoria, compartilhado em tela pela plataforma Zoom nos familiarizamos ao seguenciamento do roteiro de forma lúdica. Para a próxima etapa do estudo foi pedido para as mesmas duplas investigarem, agora, o roteiro com a ação física e verbal. Chamamos de estudo (étude) "Pantomima + Narrativa". Em revezamentos os alunos trocariam ao longo do estudo as funções narrativas e de ação física, ora uma, ora outra, ora as duas. Os enunciados foram os seguintes: Filme de guerra romântico; Pan-

<sup>8.</sup> Estilo de interpretação sustentado apenas em gestos, expressões faciais e acões.

# tomima Monty Pyton<sup>9</sup>; Pantomima Chaplin; Pantomima Palhaço de Circo; Pantomima Baile.

Os estudos nos trouxeram potente reflexão política, sociológica da criação de mitos que servem a determinados interesses, também nos possibilitaram o estudo do corpo cênico, lúdico, expressivo de uma linguagem que é universal, a pantomima, em diversos tratamentos cênicos. Estávamos prontos para revelar ao nosso coletivo de atores a obra que estávamos investigando.

### A obra revelada e novos estudos (études)

Ao revelar a obra que estávamos estudando, encaminhei por e-mail o texto e pedi aos atores que preparassem a leitura a ser feita na casa deles antes do nosso próximo encontro que seria em cinco dias:

Por favor, prepare esta ação. Se organize para a leitura, prepare o ambiente. É como ir ao cinema, não interrompa a leitura, desligue celular, peça para não ser interrompido. Não se preocupe com palavras que não entenda, procure se abrir para a leitura em fluxo. Será a única vez que você lerá este material pela primeira vez. Ao terminar a leitura, se puder dê uma caminhada, tome banho, se alimente e deixe as impressões (imagens, sensações, associações) vagarem por você. Depois desta imersão, experimente por cinco minutos uma escrita es-

Percebo agora ao escrever o artigo a alternância de tarefas propostas aos alunos, intuitivamente a Linha de Ação proposta no processo buscava abrir experiências diversas aos alunos na abertura de sentidos a partir da obra que estávamos investigando. O próximo Acontecimento de nossa Linha de Ação teve a seguinte isca para a criação: Herói - Anti-Herói - Tipos e Caricaturas. Abrimos um procedimento que foi transversal no processo: o rodízio dos papéis (personagens) entre todos os alunos por mais de dois meses. Isso gerou incômodo, o receio da síntese do processo para a partilha com o público, mas se mostrou muito produtivo na investigação da obra e no princípio de estarmos investigando coletivamente todos os papéis nos quadros propostos por Dias Gomes em seu O Berço do Herói que íamos abrindo em Análise Ativa. Como treinamento para este estudo, outra característica dos aquecimentos: a repetição de conteúdos já experimentados para a contínua percepção do ator no trabalho sobre si mesmo e o acréscimo de novos conteúdos, assim trabalhamos: Liberdade muscular; Entre o plano baixo e alto; Entre a terra e o céu; Contra-

pontânea, associativa. Por cinco minutos, marque no relógio, escreva sem parar, pode rabiscar, desenhar etc. O importante é que seja sem parar, pode repetir palavra, escrever sem sintaxe, etc. Você experimentará um fluxo de impulsos associativos. Não se preocupe, você não vai mostrar este material pra ninguém. Ele é seu, suas primeiras afetações a partir da obra (Orientações para a leitura da obra *O Berço do Herói*, de Dias Gomes).

<sup>9.</sup> Ou The Pythons foi um grupo de comédia britânico, cujos integrantes foram os criadores e intérpretes da série *Monty Python's Flying Circus*, programa de televisão que estreou em 1969.

### ção e dilatação; Enquadramento pés; Máscara facial; Corpo inteiro; Enquadramento.

Seguimos costurando nossa Linha de Ação e com a singularidade de ter três diretores assistentes neste processo, Daniel Bianchi, Marcelo Thomaz e Sérgio Ramos, propus os atores que agora individualmente preparassem um Estudo--Manifesto com a colaboração de um dos diretores assistentes para juntos dar corpo a visão dos atores a partir da obra e de como eram afetados por ela e o que na obra mais os movia como serres humanos, cidadãos e artistas em formação. Em salas individuais cada ator teve um tempo de estruturação, ensaio e análise, tendo um dos diretores-assistentes como colaborador em dar corpo a sua ideia. Abaixo os títulos associados aos temas dos estudos dos atores-criadores e seus diretores--colaboradores:

Lu Astolfo e Sérgio Ramos: Prólogo ao Avesso — A Ópera Circense Brasileira; Edson Massucatto e Marcelo Thomaz: Ontem, Hoje e Amanhã - Somos o Silêncio Antes do Trovão, Somos a Escuridão Antes do Bigban; Keiko Nabayama e Daniel Bianchi: Pintora Performer; Cássia Silveira e Sérgio Ramos: O Conto do Vigário; Gabriel Huertas e Marcelo Thomaz: O Ventrículo; Viviane Dantas e Daniel Bianchi: A Cura Está no Coração.

Para a estruturação dos estudos (études) foi pedido aos atores que definissem: tema-Supertarefa e Linha de ação, estrutura de movimentos ou Acontecimentos. Do Acontecimento Inicial ao Acontecimento Principal que coloca em

movimento a Linha de Ação do estudo, segundo Alejandro González Puche<sup>10</sup>:

A sensação do texto improvisado é importante, a geografia das cenas, as sensações internas, A atmosfera está internamente, as cenas estamos a passar por dentro. O movimento interno, a palavra com o movimento interno, a palavra em situação, um ator agindo, falando com consciência, O que é uma cena, estar concentrado com Acontecimento de partida [inicial], porque estou aqui, a ação interna, há de se ter perspectiva [Acontecimento Principal]. (PUCHE, informação verbal. Imersão Tchékhov, 2016, realizada no CAC Walmor Chagas da Cia. Teatro da Cidade em São José dos Campos).

Após os Estudos-Manifestos, onde tivemos a tarefa de agregar a obra do autor que estávamos investigando as nossas ideias e afetações, propus aos atores a **investigação sobre o Universo do Autor, o Universo da obra O Berço do Herói em estudo teórico** com a partilha da pesquisa de todos nós Dias Gomes, sua biografia, sobre O Berço do Herói. Assistimos a entrevistas de Dias Gomes, estudamos outras obras do autor e selecionamos conteúdos da fortuna crítica da obra de Dias Gomes analisada por artistas, teóricos e críticos acerca do autor e seu Berço. Sempre o pêndulo entre nós e a obra, o autor e eu. O estudo foi teórico e nos preencheu de novas perstas de acerca do autor e seu Berço.

<sup>10.</sup> Mestre e doutor em Estudos Avançados Hispânicos pela Universidade de Valência, formou-se no GITIS, Instituto Russo de Arte Teatral, e é professor do Departamento de Artes Cênicas da Universidade do Valle, na Colâmbia

pectivas para retornarmos aos estudos (études). Experimentamos novos rodízio entre os atores e os papéis da obra em estudos sobre os Acontecimentos que foram adensando nossa vivência e compreensão de O Berço do Herói para o Nosso Berço que estávamos construindo a partir da obra de Dias Gomes. Vale destacar uma palestra--partilha de Marcelo Thomaz, diretor-assistente do processo e ator da Cia. Os Satyros. Marcelo Thomaz, participou de todo processo de criação do espetáculo e também de toda a temporada de A Arte de Encarar o Medo<sup>11</sup>, criação para o Teatro Digital da Cia. Os Satyros, o primeiro espetáculo em temporada de forma digital e ao vivo no Brasil. Marcelo Thomaz nos instrumentalizou com uma série de conteúdos e técnicas para explorarmos expressivamente a plataforma Zoom em nossos estudos. O encontro foi enriquecedor, poder ouvir e experimentar a partir de novas circunstâncias trazidas pelo Marcelo, alguém que estava em cartaz na plataforma Zoom, a época já há quatro meses.

### O percurso da semente da Supertarefa Provisória ao sentido de nosso processo

O próximo Acontecimento em nosso percurso foi chamado de Colheita do processo em nova semeadura na construção da Supertarefa. Estávamos em nosso décimo quarto encontro, dia 21 de setembro de 2020 e este Acontecimento. Enunciado da tradição da pedagogia teatral russa nos iluminou o caminho:

A Supertarefa, elemento do Sistema de Stanislávski, carrega o propósito para se montar um espetáculo a partir da obra de um dramaturgo, escritor ou poeta. Ao se iniciar a processo de criação experimenta--se supostas, ou provisórias Supertarefas a serem levadas para à prática através dos études. Conforme o processo caminha e os atores e criadores cênicos se aprofundam no entendimento do que estão fazendo, a Supertarefa serve como um farol que projeta a intencionalidade dos artistas teatrais em estabelecer um diálogo do espetáculo com o público. [...] "Será que precisamos de uma Supertarefa cerebral? Podemos viver sem uma Supertarefa fria e cerebral. Mas precisamos de uma Supertarefa consciente, que venha de nossa inteligência, de uma ideia criativa interessante. Será que precisamos de uma Supertarefa emotiva, que estimule toda a nossa natureza? É claro que sim, no mais alto grau, assim como precisamos de ar e de sol. Será que precisamos de uma Supertarefa volitiva, que agrupe todas as nossas qualidades mentais e físicas? Sim, muitíssimo. E o que diremos de uma Supertarefa que estimule a nossa imaginação criativa? [...] Nós precisamos de cada Supertarefa que estimule os impulsos internos, os Elementos, assim como precisamos de pão e alimentos. Então me parece que precisamos de uma Supertarefa que seja análoga aos pensamentos do escritor, mas que incessantemente evoque uma resposta na personalidade do ator. Isso é o que pode evocar não uma vivência formalista ou ce-

<sup>11.</sup> Com estreia em junho de 2020, o espetáculo retratava em um futuro distópico, os efeitos de uma "quarentena" que já batia a marca dos 5.555 dias de isolamento social.

rebral, mas uma vivência genuína, viva, humana e direta" (STANISLÁVSKI, 2017, p. 323-324).

Juntamente com o território da Supertarefa provisoriamente apontado, selecionamos circunstâncias essenciais para emolduramos *Nosso Berço* a partir de *O Berço do Herói*. Para investigarmos a sensação de *looping* histórico que estávamos vivendo em 2020 no Brasil, selecionamos cinco datas referenciais a partir da obra de Dias Gomes, como **Marcadores de Tempo**:

(1955) Quando se passa a Ação Dramática proposta por Dias Gomes em *O Berço do Herói*; (1965) Ano de criação da obra e sua censura; (1975) Ano da censura da adaptação da obra para a televisão; (1985) Estreia de *Roque Santeiro* na televisão; (2020) Onde Estamos.

O território da Supertarefa passou pelas seguintes reflexões dos alunos e diretores assistentes:

As épocas, as décadas e entender a obra naquele período. 1965/75 - É proibido. O pensamento era uma arma para quem estava no poder. Do não pro sim. As estátuas derrubadas. Chico Buarque "Apesar de Você", Um novo Começar – Desmistificando Mitos (Gabriel Huertas).

O analista e o analisado. Possibilidades conexões. Do pós-moderno 2020 a 1965. Um risco, a linha do tempo. Atravessamos o tempo e o tempo não mudou. Com o tempo

com a aceleração, com a individualização erronia, estamos presos em nós mesmos. Um antidepressivo na cabeça de cada um. Estamos dopados, tanto em 1965 como em 2020, nossos corpos e mentes estão cegos, meros espectadores de uma tragédia. A estátua caiu, o herói não representa mais nada. A dor, o parafuso, a perfuração social para a exclusão, aos poucos. Era glacial, embora a fervura das redes sociais. Já que está frio, vamos botar fogo (Edson Massucatto).

"Brasil, Amazônia, fogo. Bozo - Haters - Lovers. Um novo jeito de interpretar as coisas" (Tarley Batista).

"Ontem hoje, para o amanhã, mas o que nos moveu ontem, o que nos move hoje, o que nos moverá amanhã?" (Viviane Dantas).

Nossos pensamentos voam e os nossos corações? Saber o que deixar, saber o que sentir, saber? (Keiko Nabayama).

O despertar da conexão; novas perspectivas, experiências; o Pré antes do Herói; a construção do Mito; um novo mito está sendo construído ao nosso lado e não percebemos; ao percebermos era tarde demais, já tinha uma forma e força; CONEXÕES, construção interligada e consciência; consciência do território da obra e suas dramaturgias, como o teor da crítica que estamos trazendo para esta obra (Daniel Bianchi).

O que está acontecendo com a gente hoje, a pandemia, o século XXI chegou, o avanço da ciência; o mundo já passou por outras pandemias, várias guerras, catástrofes, a sociedade já conseguiu transformar; durante a Peste Negra as pessoas não podiam sair de casa; hoje temos as conectividades. podemos nos conectar em busca de uma consciência planetária: A QUEDA DAS MÁSCARAS (Marcelo Thomaz).

VISÃO, partilhas visuais, cores, desenhos, fluxogramas; REVISÃO, o teor que cada um de nós investigou nos études; RAIZ EM cada um de nós: REVER o material com outros olhos, pescando pistas que o outro jogou pra si mesmo; ver o que se encaixa no fluxograma das parceiras e parceiros; A CONSTRUÇÃO VISUAL para conteúdos teóricos; Cada um de nós tem uma arte muito singular; do caldeirão de ideias, uma autoperformance; a arte se mistura com a vida o tempo inteiro; a conexão que vocês fizeram, as épocas, as colagens são o coração da peça; se juntarmos todas as pinturas e esculturas, teremos o espetáculo por inteiro, a humanização está já ai dentro; A DESCONSTRUÇÃO DE UM MITO. A queda, a história, a política, de 1965 até 2020, a queda das máscaras, dos preconceitos, a desconstrução de preconceitos, tirar as pessoas das caixas. REVELAÇÃO de vocês em relação à obra, ao mundo e ao teatro. TEATRO: A ARTE DO ENCONTRO. A plateia e os atores, o que está no meio é o teatro, o que está acontecendo. A obra no tempo real; o pedaço de cada um que está aí. (Daniel Bianchi, Marcelo Thomaz e Sergio Ramos).

Partimos para nova jornada de estudos (études) investigando os papéis, os Acontecimentos dos quadros agora já iluminados pelo território da Supertarefa Provisória e os nossos marcadores de tempo. Dou um novo salto na Linha de Ação do processo para a abertura de processo, em que demos mais um passo para encontrarmos definitivamente nossa Supertarefa. A abertura de processo aconteceu em 28 de outubro de 2020, em 04 de novembro, em nosso vigésimo quarto encontro gestamos nossa Supertarefa:

> O BRASIL É COMO UM PROGRAMA DE COMPUTADOR há erros no sistema, e nos momentos que poderíamos ter uma atualização, entramos em looping. Como restaurar o Sistema? Recomeçar... (Supertarefa de nosso processo e espetáculo a ser partilhado com o público).

#### A reta final do processo

Dou agora um salto para a síntese de todo o processo na constituição do roteiro para os passadões (gíria teatral que significa passar toda a estrutura do espetáculo sem parar) que começaram a acontecer em nosso vigésimo sétimo encontro. em 16 de novembro, e se sucederam até nossa estreia em 10 de dezembro de 2020. Neste mês final de nosso processo a análise quente em temperatura após os passadões eram fundamentais para no próximo encontro. Também experimentamos parandinhos (passarmos cena a cena com análises logo após a realização de cada cena para que possam também contribuir para as cenas a seguir) ou novos passadões. Já me aproximando do final deste artigo, já com o desejo de escrever sua parte 2, partilho o índice da última versão de

#### nosso roteiro:

0.1 - Vídeo da Segunda Mostra Digital (Flora 30 segundos antes de acabar o vídeo tutorial, abre o seu vídeo); 0.2 - Abertura flora; 0.3. Audiovisual Capítulo 1 (música Roque Santeiro)

Ato 1 - Vídeo Cap. 1 - Omito Fundante (Edson 30 segundos antes de acabar o vídeo, já abre o seu vídeo); (Flora 30 segundos antes de acabar o vídeo tutorial, abre o seu vídeo); Cena 1.1 - Morreram todos os heróis (Edson/Jorge); Música Ideologia; Cena 1.2 - Fúria dos Ninguéns (coro); Cena 1.3 - O Retorno da Nação ao Berço Esplêndido (Todos); Cena 1.4 - Eles por Nós - Gênese dos Papéis (Todos); Cena 1.5 - A Praça é Nossa; Música: Feira de Mangaio - Clara Nunes; Cena 1.6 - Encontro (Maria Artista Gibão; Música).

Ato 2 - Vídeo Cap. 2; Música: Roda Viva; Cena 2.1 - Posicionamento Edson; Música: Podres Poderes: Cena 2.2 - O Amor e o Poder (Major e Antonieta); Música: O Fole Roncou; Cena 2.3 - Compadres; Você caga eu Limpo (Major e Prefeita0: Cena 2.4 - Racha das Galáxias (Antonieta e Matilde); Música: Rapariga com Orgulho; Cena 2.5 - O Reencontro, o Redescobrimento, o Retorno (Maria Artista Gibão); Música: A Cura está no Coração; Cena 2.6 - Por que Você Demorou Tanto (Lilinha e Cabo Jorge); Música: Apenas um Rapaz Latino-Americano; Cena 2.7 - O Negacionista por Escolha: Casquinha Cruel. (Vigário e Rapariga); Cena 2.8 - A Encruzilhada (Prefeita e Rapariga); Cena 2.9 - O Amor (Maria Artista Gibão); Cena 2.10 - O Manipulador (Vigário e Lilinha); Cena 2.11 - Negócio Fechado (Matilde e Major); Cena 2.12 - A Sentença (Major, Juíza e General). Ato 3 - Vídeo Cap. 3 (Música: Gita); Canto para a Minha Morte - Raul Seixas; Cena 3.1 - Salgando o Churrasco ou Sacrifício do Cordeiro Imolado; Cena 3.2 - BEM OU MAL PASSADO OU DORME, MEU AMOR; Cena 3.3 - O Jantar está servido ou os vermes se banqueteiam; Cena 3.4 - Keiko - poema de Cecília Meireles; Cena 3.5 - Looping - Retorno a Praça; Música: Ai que saudade d'oce.

O dramaturgismo<sup>12</sup> de nossa versão para *O Berço do Herói* foi costurado e assinado pelos diretores-assistentes Daniel Bianchi e Sérgio Ramos. A versão cinco de nossa dramaturgia intitulada *Deitado Eternamente em Berço Esplêndido: Nosso Berço*, inspirado na obra *O Berço do Herói*, de Dias Gomes tem vinte e nove páginas e não caberia partilhar neste artigo, mas confesso que adoraria fazê-lo, bem como o link do espetáculo digital.

### Depoimentos de atores em formação e criação do processo e dos diretores assistentes

Em abril de 2021 pedi a quatro atores em formação do Teatro Escola Macunaíma e aos três diretores assistentes do processo de criação que resultou no espetáculo teatral digital *Deitado Eternamente em Berço Esplêndido: Nosso Berço* depoimentos sobre a experiência de terem participado e criado o *Nosso Berço*. Finalizo este artigo com as palavras de sete dos quatorze cocriadores de nosso espetáculo:

<sup>12.</sup> Estruturação dramatúrgica criada a partir da prática cênica, ou seja, dos estudos e experimentações propostos pelos atores em diálogo com as referências escolhidas para a montagem durante o processo.

Nosso Berço foi fundamental no meu processo de preparação como ator. Ter tido a oportunidade de representar o Cabo Jorge (sem mencionar todo o processo histórico com o qual fomos confrontados - e também singular - de nossos encontros) não foi apenas enriquecedor, mas pude encontrar em mim mesmo como ator uma habilidade presente no Sistema que é criar durante o processo através de études. Em determinado momento, posso dizer sem medo de que me tornei o próprio Cabo, e isso teve um impacto extraordinário na minha vida pela naturalidade com que isso ocorreu (Edson Massucatto).

O processo foi uma sucessão de descobertas, conexões e ao mesmo tempo a criação através de études teve sobre nós um efeito extremamente libertador no nosso desenvolvimento criativo nos envolvendo com a obra de uma forma intensa, única e profundamente real (Lu Astolfo).

Participei do processo de montagem com o Paco no ano passado. Baseamos- nos na obra O Berço do Herói, de Dias Gomes. Foi a nossa primeira montagem no Macu, intitulada: Deitado em Berço Esplêndido. Por conta da pandemia do COVID-19 fizemos nossa primeira apresentação de forma remota e online, mas a sinergia da turma e dos diretores (Paco e assistentes) nos permitiu uma nova vivência sem perder a essência da arte. Foi um período de muito trabalho e ansiedade, que acabou virando um momento que vai ficar sempre na nossa memória! Daqui uns anos o teatro online vai ser só uma memória distante, enquanto

a nossa peça vai ser sempre presente! (Gabriel Huertas).

O Berço do Herói foi a junção de uma obra densa, embora descrita de forma suave, de um autor consagrado e habituado as lutas, uma obra que nos lembrou os caminhos difíceis pelos quais já tivemos que passar e renovou nossas forças para a luta contra o inimigo poderoso e invisível que estávamos enfrentando na vida cotidiana, com pessoas que amam a arte, alunos muito diferentes em suas realidades, em suas histórias, mas seres que tinham força e desejo de seguir em frente aprendendo a equacionar essas diferenças (Sérgio Ramos).

Foi um prazer imenso poder participar deste processo. Teatro é encontro. O encontro com as pessoas, com a obra e com a pesquisa é o que faz o teatro. Foi muito importante pra mim esta pesquisa em momento tão trágico de nossas vidas e, principalmente, aqui no Brasil, onde mais de trezentas e setenta mil pessoas se foram, muitas por causa de um governo autoritário. [...] Mas voltando ao processo, muito obrigado pela oportunidade de conhecer a todos, experimentar exercícios, métodos, aprendi muito com o grupo, com todos, muito agradecimento (Marcelo Thomaz).

O Berço do Herói. Tínhamos algo a ressignificar. É um texto de grande expressividade devido a sua transposição televisiva em Roque Santeiro. O quão absorveríamos dessa referência televisiva? O quanto ressignificaríamos com nossos traços pessoais? O que apontaríamos? E o que queremos dizer? Tivemos linhas de pesquisas relacionadas a marcos temporais que nos serviram como uma base para o segundo plano da obra, e assim encontramos nossa Supertarefa: "O Brasil é como um sistema de computador, há erros no sistema, e nos momentos em que poderíamos ter uma atualização, entramos em *looping*. Como restaurar o sistema? Recomeçar..." Não consigo responder ao questionamento trazido por nossa Supertarefa, mas ele me mobiliza a tentar responder ainda hoje, cerca de 4 meses depois do término do processo e provavelmente daqui a 10 anos ainda não terei a resposta. 55, 65, 75 e 85 ainda reverberaram muito forte em nosso 2020 com essa montagem. E é muito estranho perceber certas semelhanças (Daniel Bianchi).

### Referências Bibliográficas:

DUARTE, Lima. Eu Te Entendo. **Jornalismo TV** Cultura, 6 mai. 2020. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=XHkV6GE7yg0">https://www.youtube.com/watch?v=XHkV6GE7yg0</a>>. Acesso em 7 mai. 2020.

GOMES, Dias. **O Berço do Herói**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

STANISLÁVSKI, Konstantín. **O Trabalho do Ator** – Diário de um Aluno. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

VÁSSINA, Elena. O "Novo Método" de Stanislávski Segundo Seu Último Texto: Abordagem à Criação do Papel, Descoberta de Si Mesmo no Papel e o Papel em Si Mesmo. **Revista Moringa** – Artes do Espetáculo, Departamento de Artes Cênicas, Universidade Federal de João Pessoal, v. 6 n. 2, p. 121-130, jul. / dez. 2015. ■



Lu Astolfo, atriz em formação do Teatro Escola Macunaíma, em fotografia tirada por sua filha. Nela o seu neto assiste a sua avó na apresentação pública de Deitado Eternamente em Berço Esplêndido: Nosso Berço.

## Notas sobre um processo de criação de teatro online

### **DIRETORA-PEDAGOGA - TIEZA TISSI**

Atores e atrizes-criadores(as) – Giovana Camille, Júlia Tetzlaff Rosas, Laís Mylla, Marina Gialluca Domene, Nelson Martins, Rafael Akamine, Rodrigo Oliveira, Roger de Lima Reis, Stefanie Fernandes, Tainara Peccati, Thayna Pontes, Thomas Duffles

Vou ensaiar uma escrita fragmentada aqui. Os tempos e as vozes, minhas e dos alunos, vão se mesclar. Tento reconstruir os caminhos dos pensamentos que fizeram o processo de atuação de uma turma de PA2 e PA3 no segundo semestre pandêmico. Este processo resultou em duas aberturas públicas à distância e ao vivo pela plataforma Zoom, nos dias 10 e 11 de dezembro.

### O começo (escrita solo)

Os começos são sempre lentos para mim. Agora, que os encontros são mediados pela tela e o espaço é totalmente fragmentado por nossas dezenove janelas do Zoom, sem conseguir conduzir as práticas de corpo - quando encaminho a construção de um corpo coletivo e convido cada um a se expor no seu tempo -, ataquei logo com os études. Cuidando para que houvesse um desvelar-se com cautela e alguma delicadeza.

A primeira pergunta foi: "Quem sou eu mesmo e guem sou eu neste momento de confinamento?" Para a segunda semana, pedi um étude que fosse "O que está fazendo muito sentido para mim ou o que me faz DESPERTAR para algo?", já tentando tangenciar o tema da mostra, mas antes de apresentá-lo. O tema era O Despertar Para uma Consciência Planetária.



Depois, pensando sobre DESPERTAR, considerei ir para a outra ponta – "Do que gostaríamos de despertar? O que nos faz dormir? O que está dormindo no mundo?" E perguntei, depois de trabalharmos com uma peça curta de Samuel Beckett: "O que é absurdo para você? Ou absurdar-se". Dos estudos que vieram, percebemos a latência do tema da mulher como o segundo sexo, para nos aliarmos a Simone de Beauvoir. Daqui, a partir dos nossos absurdos, dos absurdos que temos visto no mundo, ofereci o tema da mostra. De tudo que foi lançado no ar, catamos a Supertarefa de Stanislávski, com a leitura de trechos de Sulerjítski: despertar o humano no homem. Daí perguntei: "O que amamos nos humanos?"

Ficamos procurando maneiras de olhar para isso. Não pareceu muito fácil, agora, encontrar amor pelas pessoas. Ao mesmo tempo, nos demos conta de que, querendo colocar em cena questões sobre a mulher e a desigualdade de gêneros, só nos apareceram autores homens. De uma pesquisa com cento e cinquenta autoras, conseguimos selecionar duas que separamos para ler. Pusemo-nos antes a ler *Otelo*, de Shakespeare, e *As Bruxas de Salém*, de Arthur Miller.

Começamos o segundo mês de aula trabalhando nossas primeiras impressões sobre *As Bruxas de Salém*. Ainda lemos *Otelo*, mas o texto de Arthur Muller nos entusiasmou muito e decidimos, coletivamente, nem entrar nos primeiros estudos de Shakespeare.

Levantando temas da peça, percebemos que há muitas coisas além da questão das mulheres – há sim ali, a submissão das mulheres, sua associação ao demônio e uma vigília mais rigorosa em relação ao seu comportamento e sua honra do que para com os homens. Mas há questões que nos movem, como justiça dos homens e justiça divina, a relação religião – estado, a demonização do outro, do estrangeiro, especialmente da figura da mulher negra (vista como bárbara e demoníaca), a mentira e as *fake news*.

Dedicamo-nos a engrossar nosso Baú de Referências com filmes, leituras e imagens ligados aos temas levantados. O trabalho com as referências foi seguindo paralelamente ao estudo da estrutura do texto.

Nas primeiras semanas, fizemos études individuais temáticos: "O que é uma mulher e o que é o demônio? O que é honra e o que é pertencer à sociedade? A culpa é pesada demais." Estes études foram bem livres — podiam ser gravados ou ao vivo. Eu pedia aos alunos que levantassem questões a respeito do tema e se propusessem a investigar uma coisa, traçando para si um objetivo para o estudo. Aqui, neste momento, a intenção era abrir os temas e as relações pessoais de cada artista com as questões mais latentes.

Em seguida, identificamos o Acontecimento Inicial e tentamos observar todos os seus contornos refletidos na peça. Propus, então, *études* individuais ou em grupos para este Acontecimento. O objetivo era corporificar este Acontecimento situado fora da ação dramática.

Inauguramos também um momento das aulas chamado "A hora da bruxa", em que um aluno dá uma receita ou conta algo da cultura popular, presente no nosso cotidiano, na nossa cultura, que possa ser identificado como bruxaria hoje ou ontem.

Propus uma ação com todos os alunos, em que íamos trocando as figuras das bruxas por outras figuras perseguidas ao longo da história: judeus, comunistas, negros, homossexuais e outros. Para pensarmos na questão que me parece agora a mais importante – "Por que o outro é uma ameaça? De onde vem o desejo de 'limpar a sociedade', de exterminar aqueles que um grupo dominante julga diferentes, inadequados, indignos da partilha do mundo? –, chamei trechos de *As Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt, para dar bases a essa conversa.

A segunda parte desta etapa, foi dedicada à entrada na estrutura do texto de Miller. Estudamos juntos a primeira cena da peça, pensando em encontrar o osso, retirando os detalhes da situação e procurando pelas ações das personagens na cena. Fizemos uma pequena estrutura de ações de cada personagem e experimentamos estas ações em études de situação em grupos formados na hora. Junto a esse trabalho, que se estendeu para as primeiras duas partes da segunda cena, fomos experimentando études à la Demídov com as cenas - eu levava pequenas estruturas com algumas frases e ações retiradas do texto, e eles experimentavam agir a partir delas. Questões, como impulso e escuta, começaram a tomar corpo. Emergiu com muita força, nestes études de situação, a necessidade de sairmos da frente do computador, de voltarmos a enxergar o espaço como tridimensional e agir com o corpo todo, nos aliando aos objetos e elementos constitutivos do espaço de cada um.

### Nós e o tema da mostra (dueto de mulheres)

Quando um tema como "consciência planetária" se propõe, nada pode ser feito sem a reflexão acerca de seu significado e de suas implicações. Para nós, este tema encontrou eco nas nossas próprias reflexões sobre o mundo e sobre o contexto histórico, político e social em que estamos todos inseridos.

Através de nossos études, de nossas reflexões e discussões, percebemos o quanto este tema é delicado e necessário. Uma consciência da e para a coletividade, que compreende todo o mundo, é um projeto ameaçado neste ano de 2020. A saída é uma luta constante para que nós entendamos outros seres vivos como nossos semelhantes, trazendo esta reflexão para as pessoas ao nosso redor. Devemos despertar todos os nossos sentidos para o respeito ao próximo e à diferença. O Despertar Para uma Consciência Planetária deve necessariamente passar pela tomada de outras consciências: a de que eu não vivo só no mundo; a de que, ao dividi-lo com outras criaturas, devo entender que todas elas têm direito de estar aqui; a de que existem formas de ser diferentes das minhas, e que isso não os invalida a existência.

A nossa professora-diretora, Tieza Tissi, não nos trouxe o tema da mostra diretamente. Antes, fez-nos perguntar, incitou-nos à reflexão. "Quem sou eu e quem sou eu neste momento de isolamento? O que faz muito sentido para mim ou o que me faz despertar para algo?" A partir da performance Eu Não!, de Samuel Beckett, ela nos desafiou a pensar o que é o absurdo. Mais do que isso, ela desafiou cada um de nós a encontrar formas de nos absurdar. O que era absurdo em mim? O que é absurdo na existência?

Os temas foram recorrentes. Nossas inquietações individuais se provaram inquietações coletivas, e percebemos que podíamos resumi-las desta forma: perseguição, intolerância, violência contra minorias. A questão da subjugação das mulheres teve destaque nas nossas discussões.

Vimo-nos na impossibilidade de buscarmos textos dramáticos canônicos que tivessem sido escritos por mulheres – já que, em meio ao isolamento social, tivemos dificuldade de acessar textos em línguas que pudéssemos traduzir. Em um momento de impasse, encontramos em *As Bruxas de Salém*, escrita em 1953 por Arthur Miller, um texto impactante e através do qual diversas inquietações poderiam ser discutidas.

\*\*\*

(solo) – Outubro foi um mês mais curto. Nas duas primeiras aulas seguimos com os études de situação à maneira relatada por Toporkov – olhando para cada cena e nos perguntando "O que está acontecendo?" e "O que cada personagem está fazendo?". Assim dávamos corpo às Circunstâncias Propostas e identificávamos as ações motoras das cenas. Escolhíamos as ações coletivamente e, depois, experimentávamos no jogo a eficiência ou não das ações escolhidas. Percebemos que as ações são inseparáveis dos objetivos de cada personagem. Assim, as relações entre as personagens foram ganhando contornos, justificativas, e a teia que estrutura as ações da peça foi surgindo diante de nossas telas.

Após o feriado, escolhi um dos centros da peça, "O adultério", como ponto de partida para études de monólogos. Pedi que escolhessem uma das três personagens envolvidas e relessem a peça seguindo sua a Linha de Ação, perguntandose: o que esta personagem está fazendo a cada momento e sobre como as ações das outras personagens influenciam suas ações. Era importante

observar atentamente as circunstâncias, olhando não somente para o que aparece claramente na peça, mas sobre Acontecimentos situados fora da ação dramática. Depois deste estudo, os alunos deveriam escolher um ponto na trajetória de sua personagem para situar o seu monólogo, observando tudo o que era sabido e o que não era sabido por ela. Os monólogos ainda deveriam procurar pontos de relação entre a situação da personagem e o próprio ator – "Como esta trajetória me toca? O que eu tenho a ver com esta personagem? O que eu quero investigar em mim mesmo aliado a esta personagem?"

Os études foram muito interessantes. Havia muita conexão dos alunos com as circunstâncias da peça, com suas personagens, e algumas ligações importantes com seus próprios querer-dizer. Mas ainda, pouco corpo. Algo ainda ocorre de maneira muito mental. Houve monólogos que realmente encontraram um fluxo muito interessante. Mas o corpo, o corpo do ator no jogo, em uma experiência mais potente, segue sendo um desafio para mim nestas aulas distantes. Há algo que não acontece. Não queremos apenas contar histórias de sucesso, queremos? É neste nó, para mim, que se dá o maior desafio e o maior interesse em investigar este tipo de processo.

\*\*\*

(dois tenores e um baixo) – Quanto mais o ator acreditar nas circunstâncias da personagem, mais fundamentado será o seu desempenho e, como consequência, melhor será o resultado final. Portanto, a verdade no teatro é aquilo que nós criamos.

\*\*\*

(solo – fim do 1º movimento) – Estes études, de

fato, encerraram para mim um momento de nossa trajetória. Depois deles, fizemos uma retomada de nosso processo e uma reflexão por escrito. A partir desta retomada, elegemos o que gostaríamos de mostrar na abertura de processos (quando nos encontraríamos com outras duas turmas) e organizamos um pouco a coisa. Delineamos melhor nossa Supertarefa também. Ficou assim: "Convencer que o mundo é de toda criatura que nele vive." Aqui está o nosso profundo desejo de que não aceitemos mais que nenhum grupo, nenhum corpo, seja excluído da partilha do mundo. Desejamos frear os extermínios históricos e contínuos de certos corpos nos perguntando: "Por que aceitamos que alguns corpos sejam exterminados?" E nos ligamos mais profundamente ao tema da caça às bruxas em nossa peça, olhando para as diversas bruxas ao longo da história e hoje. Quem são os caçados hoje?

\*\*\*

(dueto de mulheres) - Os Acontecimentos da peça se entrelaçam com os eventos da caça às bruxas no Tribunal de Salém (Massachusetts, EUA), em 1692. Neste contexto, as mulheres tornam-se as principais vítimas de processos por bruxaria. Desde os primeiros casos analisados pelo Santo Ofício na Europa medieval, as mulheres constituíram o maior número de acusadas e. portanto, condenadas por crimes de bruxaria. Em As Bruxas de Salém, nenhuma das pessoas acusadas tem, de fato, parte com o demônio, mas são acusadas injustamente e condenadas sem gualquer chance de defesa.

Através da nossa leitura da peça, das discussões e estudos que seguiram, duas perguntas pairavam sobre nós: "Quem são os acusadores? Quem são os acusados?" Em 1692, os acusadores eram um grupo de meninas. Elas guiaram um tribunal composto por homens conservadores, que temia tudo aquilo que desconheciam: de uma mulher que lia livros a homens que ousavam questionar a autoridade clerical.

Em meados do século XX, no momento em que Miller escreveu sua obra, os acusados ainda eram mulheres, feministas, artistas, intelectuais e pessoas negras. Os dedos inquisidores também se voltaram contra pessoas que nutrissem (ou aparentassem nutrir) um pensamento político alinhado à esquerda. Os "comunistas" foram perseguidos, presos, torturados e mortos nos Estados Unidos e nas ditaduras que governaram parte da América Latina no período.

Hoje em dia, o divergir da cultura hegemônica ainda ameaça estes mesmos grupos, bem como populações LGBTQ e adeptos de religiões afro--brasileiras. A dissonância de uma verdade conservadora e preconceituosa ainda busca anular existências que não se conformem aos padrões impostos. O mesmo discurso de ódio busca convencer de que estas pessoas não têm e nem podem ter lugar no mundo.

Se a proposta de Hitler de "expulsar até o último judeu para fora da Europa e de reinstalá--los na Sibéria ou na África ou em Madagascar" mascarava sua "decisão quanto à solução final" (ARENDT, 1989, p. 311), precisamos considerar que discursos de marginalização também se encaminham para uma lógica de extermínio.

O que buscamos em nossa montagem é compreender que esta lógica preconceituosa não pode mais predominar o pensamento ocidental contemporâneo. É preciso questionar as estruturas de poder que determinam o privilégio de uns e a destruição de outros.

Se os seres vivos nascem, respiram e ocupam espaço no mundo, é preciso considerar que todos eles têm direito à vida e à existência. O direito ao ser não pode ser restrito a poucos grupos. "O mundo pertence a toda criatura que nele habita."

\*\*\*

(solo) – Houve a abertura de processo, que nos deu mais fôlego e mais entusiasmo, mais desejo de falar sobre nosso trabalho e de nos aprofundarmos nele. Depois da abertura – como uma balsa, um trabalho anexo ao trabalho –, fizemos finalmente as apresentações de nossos seminários sobre temas da peça. Faltava há algum tempo esta reunião partilhada de informações, para engordar nossas reflexões e terminar de forrar nosso chão, para que, enfim, nos puséssemos a construir a estrutura do que seria a nossa partilha com o público.

Pela primeira vez, me deparei com a impossibilidade de respeitar a estrutura de um texto dramático. Aqui me dei conta de que sou uma professora textocêntrica. Nunca fragmentei uma obra para levar à cena – pequenos cortes, sempre mantendo rigorosamente a estrutura. Jamais escrevi ou propus uma escrita coletiva. Mas logo me pareceu incabível que, com cada ator em seu espaço, pudéssemos operar as dinâmicas e sequências

de cena de Miller. E nos parecia ainda indispensável uma comunicação ainda mais direta com o público. Neste ponto, dividi a turma em dois grupos grandes: um construiria um étude narrando a peça, o outro faria as derivas, as incursões, as relações consigo, com hoje-aqui-agora ou com o que quisesse. Retrabalhamos muito estes études. Eles ficaram chamados de Grupo da narrativa e Grupo poético. Destes dois longos études é que nasceu a estrutura da nossa obra – um tribunal já em andamento, dele abriam-se janelas para as derivas –, o que queríamos mesmo dizer com este texto de Miller.

\*\*\*

(trio de mulheres) – Os resultados de todas essas provocações nos resguardaram em études não lineares (tais como as danças e o compilado, que expressava os sentimentos das meninas em relação a Abigail) que, embora fugissem do formato de uma cena ensaiada, nos permitiram fugir para um espaço mais poético e conceitual, sendo este, um abrigo aos olhos do público que se desprendia dos fatos narrados e alcançava a profundidade da construção desse processo, evidenciando o sentido do todo.

\*\*\*

(solo) – Neste ponto do trabalho, recebemos a visita do professor Felipe Rocha. Os alunos mostraram seus dois *études*, e o Felipe propôs a tarefa seguinte. Ele orientou que os próximos *études* seguissem três linhas: linha da obra, linha da memória e linha do mundo. Trabalhar desta maneira deu mais clareza à operação dos *études*, a este

modo de criação. As relações feitas pelos atores entre a obra, o mundo e suas próprias experiências foram emergindo com mais força.

Criamos algo muito nosso. Todos que quiseram, refizeram seus études – qualquer um, desde o primeiro. Pusemos tudo na mesa, como um jogo de baralho. E como em um Buraco Aberto<sup>1</sup>, fomos mexendo uns nos études dos outros e ensaiando possíveis costuras. A firmeza da estrutura do tribunal nos dava alguma calma em relação a uma certa generosidade que considero imprescindível em relação ao público. Queremos nos comunicar, existe um texto de onde partimos - é preciso dar a ver este objeto, o texto. É preciso estabelecer um diálogo com o público, é preciso que saiba do que estamos falando, que as referências trazidas à cena estejam dentro da cena e não sejam um pressuposto. Quase todo o material seria exibido ao vivo. Alguns momentos de composições gravadas.

### Das nossas aberturas públicas

(coro) – Um dos princípios do teatro é a relação viva entre atores e plateia, mesmo com a existência da "quarta parede", concentração, iluminação etc., que não permitem às pessoas que estejam no palco, se relacionarem diretamente com quem assiste, a energia física das pessoas está presente, modificando o estado de quem está em cima do palco e guiando todo o trabalho.

Assim como Yoshi Oida (2001, p. 110) diz em O Ator Invisível:

> [...] existe uma outra troca importante: entre o ator e o público. Isso fica evidente quando estamos apresentando um solo. Na ausência de outros atores, a troca ocorre diretamente entre público e ator. [...]. Por exemplo, se o público começa a se sentir triste, o ator pode se deixar levar a uma tristeza ainda major ou reverter o ânimo.

O teatro online impossibilita que esta troca ocorra instantaneamente. O público deixa de ser um espectador e passa a ser um telespectador. Podemos até voltar no tempo e relacionar com o que era a radionovela, onde os atores não conseguiam sentir a emoção do público, muito menos saber se alguém estava ouvindo ou só o rádio que estava ligado em algum lugar.

Apresentando nossa montagem via Zoom, sentíamos o nervosismo do fator "ao vivo", porém a relação direta com o público não existiu. O que ficou evidente entre todos nós foi a sensação de estarmos apresentando uns para os outros, por isso podemos dizer que a relação que mais existiu foi de um ator com outros atores, esta troca foi o que pudemos mais trabalhar. Basicamente como acontece em um ensaio.

Existiu a preocupação de apresentarmos algo orgânico para o público, algo que possibilitasse uma reflexão, porém concluir que isto tinha se tornado uma realidade só foi possível quando já

<sup>1.</sup> Jogo de baralho em que todos os participantes podem mexer nos jogos

tínhamos finalizado o trabalho, quando foi aberto o bate-papo entre atores e público. Ou seja, tivemos que assumir este risco, inclusive quando trabalhamos a mesma personagem em diferentes atores.

No livro *O Trabalho do Ator*, no capítulo "A relação ator-público", lê-se que "para conquistar o público e capturar seu interesse, Stanislávski, em seu livro *Minha vida na arte*, recomenda um método totalmente diferente, o contrário do seu". Ele diz:

Quanto menos atenção o ator dá ao público, mais o público se interessa por ele. E, todavia, quanto mais o ator tenta entreter uma plateia, menos ela se dá conta dele. Ao se libertar da plateia para viver um papel, o ato acaba forçando-a a prestar a máxima atenção ao placo (STANISLÁVSKI, 2017, p. 670).

Com isso, podemos dizer que além de todos os princípios do Sistema Stanislávski que trabalhamos, termos sido impossibilitados de trabalhar a relação com o público, como ele estabelece, devido à plataforma utilizada, não fez com que fugíssemos 100% do que ele acreditava ser nosso papel como atores. Inclusive, muitos dos relatos que recebemos falam de uma proximidade que existiu entre nós, como atores, e o público, uma relação sem precedentes, pois, assistir pelo celular, tablet ou computador, no conforto dos seus lares, fez com que o público se sentisse parte da história.

#### Será que vamos repetir isso?

Da experiência das aberturas públicas, saímos confiantes na possibilidade de nos relacionarmos com os espectadores e com o desejo de pensar formas novas para esta relação. Talvez o público possa entrar com câmeras abertas, talvez assistir à peça toda com as câmeras abertas, fixando as cenas que quiserem para que fiquem grandes na tela, e ainda acompanhando outros espectadores em janelinhas menores. Certamente, o bate-papo no final das apresentações nos encheu de calor e de alguma confiança na possibilidade de algum encontro – que é também teatro – à distância e mediado pelas telas de cada um.

#### Referências Bibliográficas

ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo** 

Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo.
 São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BECKETT, Samuel. **Eu Não!** Tradução nossa. 1972. MILLER, Arthur. **As Bruxas de Salém**. São Paulo: Ediouro, 1997.

OIDA, Yoshi. **O Ator Invisível**. São Paulo: Becca Produções Culturais, 2001.

STANISLÁVSKI, K.S. **MinhaVida na Arte.** São Paulo: Ed. Anhembi, 1956.

STANISLÁVSKI, K.S. **O Trabalho do Ator** – Diário de um Aluno. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

TOPORKOV, Vassili. **Stanislávski Ensaia** – Memórias. São Paulo: É realizações, 2016. ■

## O despertar para uma consciência planetária

#### **DIRETORA-PEDAGOGA – MARIA CAROL COSTA**

Assistente de direção - Fernanda Nascimento

Atores e atrizes-criadores(as) – Amanda Zambianco, Beatriz Araujo, Brayan Lima, Bruno Mendes, Caroline Maçaira, Cristiane Loize, Daniela Arbex, Dnielle Szaz, Fátima Gonçalvez, Jar Rodrigues, Jason Connors, Joyce Rodrigues, Laura Malzone, RôSawabona, Rudá Nefelibat, Sabrina Cima, Samir Matta, Sergio Ramos

Este artigo é sobre o processo das aulas de Atuação com a montagem da peça *Procura-se: Existir*, inspirada na obra de Pirandello, turma PAMIX (PA3, PA4 e PA5), das Unidades Pinheiros e Marechal aos domingos à tarde, no formato *online*. Composta por dezoito estudantes pluriversos (de todas as idades, classes sociais, regiões do Brasil, gostos e cores). Uma parte da turma e eu já havíamos passado pelo primeiro momento de choque com o isolamento social causado pela pandemia e aprendemos a nos comunicar digitalmente criando laços, a outra parte da turma foi recebida e nos recebeu com muito carinho e abertura e assim o semestre fluiu com muito afeto e compreensão do diverso.



Eles Não Usam Black-tie, de Gianfrancesco Guarnieri, com direcão de Naiara Soares

Vou iniciar esse artigo falando do processo de registro que se deu nas etapas de idealização, caos e harmonia.

Primeiramente eu registrava o Futuro, o plano de aula. A idealização. As aulas eram planejadas dentro da estrutura que foi criada em reunião pedagógica e que, ao longo do semestre, foi sendo alinhada à prática vivenciada, chegando ao nosso ritual dominical e que conversava intimamente com o tema da mostra e o Sistema Stanislávski. O encontro começava com um acolhimento que se transformou numa meditação, daí passávamos para um bate-papo sobre o vivido na semana anterior, sobre o tema da aula e sobre um elemento do Sistema. Fazíamos uma seguência de aquecimento que foi sendo aprofundada e se fixou no kit aquecimento dos estudantes, e um treinamento do ator que era proposto por mim dependendo do tema do encontro para, então, irmos para a prática de exercícios, improvisações e estudos cênicos, que foram se modificando até chegar à obra. Finalizávamos avaliando o dia, refletindo o que havia sido bom, e eu dava o desafio da semana, que era uma tarefa e a leitura de um capítulo ou um texto complementar. Terminávamos na roda final lendo uma "poesia da vida" criada pelos estudantes no nosso terceiro encontro.

Depois havia o registro do presente, o que acontecia no aqui e agora, as anotações em tempo real. E esse era o verdadeiro caos. Anotações que eram escritas nas beiradas das folhas, nos fins das frases prescritas, em outra letra ou cor no documento digital, em folhas soltas de rascunhos, no bloco de notas do celular, para a minha assistente Fernanda Nascimento via WhatsApp ou a lápis no caderno, de acordo com o que era falado, com as ideias e perguntas que iam surgindo

em nós, com a mudança da rota durante o percurso e quais seriam os novos caminhos.

Também havia o registro semanal, esse proposto pelos estudantes, onde livremente escreviam sobre o vivido e entregavam para o grupo contendo o seu ponto de vista sobre o encontro.

E, por fim, organizar todos os registros com os artigos mensais que foram longuíssimos e prolixos e continham a escrita do vivido no período. com descrições do que foram os encontros, onde eu anexava o relatório individual semanal dos estudantes. Agora me cabe esse registro final. Resumir tudo em um único artigo e despertar a harmonia que há no caos de escritas e lembranças para contar como foi essa experiência de pesquisa cênica, sobre o meu olhar, apresentada na 2ª Mostra Investigativa Macunaíma Online, o ano em que nos aproximamos mais em coração e nos distanciamos mais em presença física.

As questões levantadas inicialmente para preparar os planos de aula foram: "Como posso despertar para o todo se eu não sei de mim? Se não me percebo uno, pertencente ao todo, como parte dele, como partícula do Universo, feita do mesmo material que são feitas as estrelas, que são feitos os sonhos? Será que eu entendi mesmo o que era pra fazer?"

Então, em primeiro lugar é preciso perceber a si mesmo para poder perceber e despertar para o todo. Parti do corpo, pelo corpo, com as sensações que ele me traz e que eu provoco nele pelos sentidos. Assim, resgatamos o Eu - o Ator - o Eu Sou para poder chegar completo ao todo planetário.

De acordo com o os iogues, a vida inconsciente do ser humano é composta de duas partes: o subconsciente, que está em cada um; e o superconsciente, que supera o indivíduo, uma espécie de consciência superior, pertencente a esfera do transcendental. Para Stanislávski, a arte toca precisamente esse componente superior. Para ele, a arte faz despertar, e precisamente por isso é capaz de existir para além da cultura, dos séculos, das diferenças individuais<sup>1</sup> (TCHERKÁSSKI, 2019, p. 96).

A cada encontro era proposto um despertar para algo diferente, não necessariamente uma novidade, mas com foco em algum tema que era relacionado paralelamente a um elemento do Sistema Stanislávski. Assim os temas das aulas foram encaixando-se uns aos outros e formando um lindo bordado para o despertar. Transformação e movimento de dentro para fora e de fora para dentro. No início, eu buscava levar outras perspectivas, outros horizontes, outras formas de ver o mundo para ampliar os repertórios artísticos de cada pessoa ali presente.

> Ao mobilizar, através de suas palavras e imagens as forças estéticas da experiência humana, a poesia desperta (este é o significado da palavra grega aesthesis) e ativa a dimensão ética, moral, do ser humano,

<sup>1.</sup> Serguei Tcherkásski, autor do livro Stanislávski e o Yoga, coleta cuidadosamente vestígios do Yoga em escritos de Stanislávski de diferentes períodos e discute as referências ocultas não explicadas pelo mestre em virtude da censura vivida em sua época.

que, na visão antropológica antiga, habita dormente [anestesia] o coração do homem. Neste sentido, aprendemos com os gregos, desde os tempos homéricos, que "a arte tem um poder ilimitado de conversão espiritual"; um extraordinário poder humanizador² (GALLIAN. 2017, p. 64).

Eu também queria saber do olhar dessas pessoas, queria que houvesse uma troca, eu queria aprender com elas, sendo assim, pedi que me trouxessem suas histórias, suas vidas: "Quem é você?" E assim, retomamos o tema da mostra que foi trabalhado no semestre anterior - Toda Existência Faz Diferença: Eu, Tu, Nós Com Paixão - e junto ao Sistema, tentamos ir para um lugar mais leve, um lugar mais poético, de beleza e de ternura, com empatia e graciosidade, sem mais denúncias, sem focar nos horrores e absurdidades que aconteciam na fatia da vida mostrada nos noticiários, mas anunciar vida, encontrar a "poesia na vida". E seguindo a perspectiva de Edgar Morin, começamos a pesquisa teórica. Segue alguns trechos do texto que nos provocou inicialmente:

Para que a humanidade possa sobreviver, ela deve se metamorfosear... O humanismo, a meu ver, não é somente a consciência de solidariedade humana, é também o sentimento de estar no interior de uma desconhecida e incrível aventura... Cada um participa desse ilimitado, desse inaca-

bado, dessa realidade fortemente tecida de sonho, desse ser de dor, de alegria e de incerteza que está em nós assim como nós nele. Cada um dentre nós faz parte dessa inaudita aventura, no seio da própria espantosa aventura do universo.

O problema da felicidade é subordinado àquilo que chamo de "o problema da poesia da vida". Em outras palavras não se pode sonhar com uma felicidade contínua para a humanidade. É impossível, porque a felicidade, repito, depende de uma soma de condições. Então pelo outro lado, o que se pode dizer, pode-se tentar favorizar tudo o que pode permitir a cada um viver poeticamente sua vida e, se você vive poeticamente, você encontra momentos de felicidade, momentos de êxtase, momentos de alegria, e, na minha opinião é isso: a questão da poesia da vida é mais importante que a felicidade 3 (MORIN, 2020).

Em todos os encontros, os temas para o despertar de algum ponto a ser pesquisado junto a um elemento do Sistema Stanislávski, de vivência ou encarnação, nos guiou até o momento da última avaliação de nossa trajetória com a seguinte questão: "Conseguimos despertar para a consciência planetária?".

A escolha da obra se deu de forma bastante intuitiva por mim, então decidi que por ser um gru-

<sup>2.</sup> Dante Gallian é historiador e, em seu livro A Literatura Como Remédio aborda o tema da prevenção para os males do corpo e o padecimento da alma com a leitura de obras clássicas.

<sup>3.</sup> Trechos da fala de Edgar Morin usada no projeto do tema da mostra, retirado do *Webinar Veredas do Futuro*, realizado em junho de 2020.

po com muitas vozes e por estarmos separados, eu iria propor a obra que iríamos estudar, onde as Circunstâncias Propostas dialogassem com o Para um dos encontros. tema da mostra. eu pedi aos estudantes um manifesto cênico individual inspirado pelo trecho de uma entrevista de Paulo Freire (1993) que foi compartilhado no encontro:

> Como presença consciente no mundo, não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo... Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita--se me reiterar, é problemático e não inexorável... A esperança faz parte de mim como o ar que respiro... Nós podemos reinventar o mundo.

Juntamente pedi a leitura do capítulo "Ética e disciplina" do livro Trabalho do Ator: Diário de um Aluno (STANISLÁVSKI, 2017), que iria de encontro com o próximo tema-despertar, sairíamos do nosso microuniverso para adentrar o universo do outro. E eu estava cada vez mais sendo atiçada pelo texto de Luigi Pirandello Seis Personagens à Procura de um Autor⁴. Ele não me saia da cabeça, assim como as personagens, no texto, não saem do teatro enquanto não são vividas, e fez mais sentido, principalmente, após as apresentações dos estudos dos manifestos propostos pelos estudantes nesse encontro. Entretanto, eu ainda

O texto não é uma denúncia, mas uma possibilidade de criar laços, promover reflexões, chacoalhar os pensamentos e atravessar os nossos corações com as palavras do autor e abrir possibilidades para a mudança. Pessoas irreais, mas muito verdadeiras, personagens à procura de existir, pedindo ajuda para isso acontecer. A gente precisa de ajuda para existir no planeta. Se praticarmos o olhar com profundidade, notamos isso em tudo. Por exemplo agora, a roupa que você está usando envolve muitas e muitas pessoas, muitos e muitos materiais e matérias-primas e processos e o quanto de tempo e espaço foi usado até ela estar aí, no seu corpo, você sente a quantidade de fios e mãos e processos existindo em você?

Além do Expressionismo, metalinguagem do teatro e papéis complexos que poderiam ser muito bem trabalhados com o Sistema no processo digital-online, o tema da mostra estava ali, aquelas personagens do texto pediam ajuda e as outras personagens eram convidadas a despertar e perceber a interdependência planetária – afinal inter-somos - para ajudar ou não na existência de todas elas. Isso foi despertado não apenas na obra, mas também no comportamento dos estudantes na "sala de aula".

A definição da Supertarefa se conectava com

não conseguia achar o fundamento de como ele apareceu, também como "surgem do nada" as personagens da história, como "num sonho" ou "aparecem num pensamento furtivo numa tarde de sol", mas isso justifica-se um artigo? E as hipóteses, teses, perguntas? Ainda não sei como, mas sei que essa obra dialogava intimamente com o tema.

<sup>4.</sup> Obra escrita em 1921, que retrata um ensaio de teatro invadido por seis personagens que, rejeitadas por seu criador, tentam convencer o diretor da companhia a encenar suas vidas com seus atores.

as circunstâncias da obra e o tema da mostra. E desse modo chegamos facilmente à frase motivadora/provocadora da nossa Supertarefa que iria nos guiar nos encontros de ensino-aprendizagem na pesquisa da obra, nas vivências, na construção das personagens inspiradas pelo texto, nas assimilações dos elementos do Sistema na prática e na teoria e nas adaptações que fomos tendo que criar para o formato digital – solo – online, e nas relações pessoais: "Eu preciso de você para poder existir."

Os Acontecimentos da obra revelavam as conexões com a Supertarefa criando uma Linha de Ação Contínua individual das personagens, onde cada estudante estava livre para sua construção, trazendo muitas camadas do Ator-Personagem. Afinal, estudar um papel de um ator que está ensaiando um papel de uma personagem que vai estudar outro papel de uma personagem, e este, está direcionando os acontecimentos da ação e tudo isso no virtual em tempo real no aqui agora sozinho ou sozinha na sua própria casa transformada em outro lugar como sala de ensaio ou espaço metafísico. Muitas camadas. (Na obra são atores ensaiando uma peça que encontravam personagens e eram personagens que viviam uma história que precisavam de atores). E também revelavam e criavam uma Linha de Ação Coletiva, o nós Atores e o nós Personagens e o nós turma de domingo online do TEM (Teatro Escola Macunaíma). No decorrer do processo das vivências, as propostas eram sempre coletivas ou a turma se dividida no máximo em dois grupos, o de Atores e o de Personagens, sendo assim, todos eram relevantes e importantes.

A leitura do capítulo "Supertarefa e Ação Transversal" do livro Trabalho do Ator: Diário de um Aluno (STANISLÁVSKI, 2017) apoiou a parte metodológica do Sistema e ajudou na construção dessa Linha de Ação. Portanto, tínhamos um caminho sendo traçado em que podíamos ir e voltar e que ia se fomentado a cada encontro, com grande abertura criativa, nada era fixo, duro, nada se repetia como na primeira vez, mas esse caminho dava segurança ao processo artístico-pedagógico. A estrutura foi estabelecida em sete acontecimentos e se preenchia a cada semana de forma muito dinâmica e ativa por parte dos estudantes. Esses acontecimentos foram retirados da obra e alguns eram perguntas às quais os estudantes responderiam na ação, tais como: "Primeiro dia de ensaio: Onde está o texto?", "Qual é o seu drama? A história das Personagens", "Vamos representar essas histórias? O caráter dos Atores", "Discussão: Qual morte?", entre outras. E eram os títulos das cenas, que iam se costurando umas às outras, até chegarmos à sétima e última cena/acontecimento, "Manifesto: Eu existo", onde os estudantes se misturavam aos papéis da obra e falavam diretamente com o público/câmera.

"Uma vez que o papel tenha sido posto no caminho certo, ele segue em frente, se amplia, aprofunda e finalmente atinge a inspiração" (STANIS-LÁVSKI, 2017, p. 336).

Segue um pequeno trecho do olhar de Rudá Nefelibat durante esse período de descobertas dos acontecimentos e da Linha de Ação:

...Conversamos um pouquinho e eu anotei, "Ação Transversal é a ação que atravessa

toda obra", e a aula foi fluindo afinal, a professora perguntou: "Estão preparados para apresentar ou querem um tempinho?" A maioria numa euforia falou: "Vamos apresentar!", e eu queria um tempinho, devido ao nervosismo. Mas arrancaram meu curativo com tudo, fui disfarçando, concordando e sorrindo, correndo para pegar meu figurino, uma camiseta preta, num misto de impulsividade, mesmo com um tempinho para fazer tudo com tranquilidade. Agora eu rio, porque eu sei que deu tudo certo, na cena o nervosismo ia embora, eu estava sendo eu, porque essa era a proposta... Figuei com saudade do Jardel e da Sabrina. queria abraçá-los ali mesmo, mas não pude por causa do distanciamento.

Alguns encaminhamentos práticos relacionados à Supertarefa para a finalização do processo das vivências, foram necessários a partir da discussão gerada em um encontro sobre a necessidade de ser escutado e sua impossibilidade ou incapacidade de ouvir que ocorreu em um estudo. Essa era uma dificuldade nos momentos das improvisações coletivas, quando os estudos necessitavam de texto falado. No processo virtual, o tempo é outro. Há um atraso devido às tecnologias e dispositivos e conexões de rede de internet diferentes de cada pessoa. Então a nossa questão ficou mais forte e relevante, pois era verdadeira para nós, não era mais uma questão apenas das personagens da obra o "querer ser ouvido para existir", mas virou um querer ser ouvido para existir nesse lugar de dados e números e algoritmos de 00011001101001 na Matrix fazendo essa obra. Portanto, era uma questão de mudarmos o nosso tempo interno, o qual estávamos acostu-

mados no presencial, aquele em que eu sinto a vibração do som da voz do outro logo quando ela é emitida, em seu tempo real, ou o mais próximo dele. Mesmo já tendo experienciado uma mostra digital anteriormente, nossos corpos ainda são analógicos e precisam de treinamento. Esse caos de comunicação nos levou diretamente a nossa frase motivadora da Supertarefa e fez muito sentido O Despertar Para uma Consciência Planetária com o inter-relacionamento dos seres humanos--atores-personagens que essa obra propõe, e que é também o que eu acredito como artista e como ser vivente relacional, e como se deu nas atuações e reflexões dos estudantes após esse período. Também partimos para a prática das "tarefas" (STANISLÁVSKI, 2017, p. 142) e no momento final dos estudos e das vivências, eu questionava os estudantes para que refletissem e tivessem a consciência de tudo que foi proposto por eles e para assimilação das descobertas. Por exemplo, lancei as seguintes perguntas em um dos encontros: "Qual foi a estrutura combinada pelo grupo que apresentou?", "Como foi assistir, o que foi interessante?" e "Como foi fazer, o que foi interessante?". E assim, nosso experimento cênico formou-se como Procura-se: Existir.

Ao focarmos no nosso objetivo e não no produto final que seria apresentado, os estudantes puderam criar livremente, partindo do Eu Sou, construindo as relações, que a distância não impediu que fossem constituídas. O cronograma com o roteiro de Acontecimentos e Linha de Ação bem definido nos encaminhou e motivou à Supertarefa, então a Comunicação aconteceu de forma espontânea, forte e a mensagem que gostaríamos de passar foi entregue de alguma forma.

A experiência com o público nas apresentações foi de grande importância para os estudantes, pois foi na 2ª Mostra Investigativa Macunaíma Online que eles experimentaram mais fortemente esse lugar da vivência da Supertarefa em relação ao público. Não podemos negar que há uma diferença de energia quando estamos na "sala de ensaio" e quando estamos no "teatro", onde a comunicação acontece na troca, na relação, com muito mais potência, mesmo isso acontecendo no ambiente virtual. Ainda que seja diferente, é em tempo real, ainda é uma pessoa que está desempenhando o papel de ator e de atriz vivenciando e contando uma história que é passada pelo seu corpo-voz-espírito a alguém que assiste e se emociona. E isso ainda dá frio na barriga e nervosismo, nós ainda gritamos "Merda!" antes de começarmos o espetáculo.

Eu acredito que despertamos para o eu, para o todo, mesmo que tenha sido minimamente, já é o começo no trilhar artístico desses estudantes. Porque eles irradiavam através das cenas, e isso retornou no momento do bate-papo, onde ficou claro que o caminho trilhado pela turma foi percebido e recebido pelo público.

Afinal, eu preciso de você para poder existir é algo inerente a nós, desde tempos imemoriáveis somos interdependentes, queiramos ou não. E a essa conclusão nós chegamos logo no início, nas primeiras pesquisas, nas leituras dos primeiros textos provocativos do projeto da mostra, nos primeiros estudos pessoais, nas relações que precisaram ser criadas nesse ambiente virtual tão conhecido por nós no cotidiano e ainda tão desconhecido nas Artes Cênicas.

As possibilidades teatrais do Despertar Para uma Consciência Planetária, de acordo com o observado e vivenciado durante todo o processo de pesquisa, com as descobertas e vivências nas aulas, juntamente às apresentações eram de infinitas possibilidades, um pluriverso artístico e pessoal cheio de maravilhosidades. E isso me mostra que o experimento cênico *online Procura-se: Existir* teve apenas uma primeira camada de matéria a ser vista. Todavia, no ensino do ofício do ator e da atriz foi um processo de mil camadas para os estudantes e para mim, pois tamanha a intensidade em que estávamos inseridos no período decorrido do processo com a obra de Luigi Pirandello bordada ao Sistema de Konstantín Stanislávski, também vivíamos nossas vidas na Terra no ano de 2020.

#### Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. Nós podemos reinventar o mundo. **Nova Escola**, São Paulo, 1993. Disponível em <a href="https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo">https://novaescola.org.br/conteudo/266/paulo-freire-nos-podemos-reinventar-o-mundo</a>>. Acesso em 02 ago. 2020.

GALLIAN, Dante. **A Literatura Como Remédio**: Os Clássicos e a Saúde. São Paulo: Martin Claret, 2017.

MORIN, Edgar; PENA-VEJA, Alfredo; BUARQUE, Cristovam. **Webinar Veredas do Futuro** – Cenários Pós-COVID-19. Centro de Desenvolvimento Sustentável (UnB), Brasília, 2020. Disponível em: <a href="https://youtu.be/3VLaAVICRQA">https://youtu.be/3VLaAVICRQA</a>>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PIRANDELLO, Luigi. Seis Personagens à Procura de um Autor. São Paulo: Abril, 1977.

STANISLÁVSKI, Konstantín. **O Trabalho do Ator** – Diário de um Aluno. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

TCHERKÁSSKI, Serguei. **Stanislávski e o Yoga**. São Paulo: É Realizações, 2019. ■

# O teatro *online* e os novos desafios da comunicação

### DIRETORA-PEDAGOGA – CHRISTIANE LOPES

Assistente de direção - Thiago Dorell Atores e atrizes-criadores(as) - Glórias Simões, Heloísa Meireles, Isabelle Takahara, Ivan Balista, Letícia Brandão, Renan Mozzer, Teresinha Cristina, Vera Guedes

Este artigo pretende relatar e analisar a prática de montagem de um espetáculo durante um semestre, mais precisamente o segundo semestre de 2020, no qual trabalhamos de forma *online*.

Para Stanislávski a criação é composta de quatro processos principais: a Busca, a Vivência, a Encarnação e o Impacto. Sendo assim descreveremos as quatro etapas deste trabalho que foram, obviamente, inspiradas pela visão do mestre russo.

#### 1. A Busca

No primeiro dia de aula deparei-me com um grupo bastante heterogêneo, não apenas pela

fase etária, mas vindos de experiências diversas visto que era um PAMIX (PA2A, PA3, PA4 e PA5). A turma contava com nove alunos, e as aulas de montagem eram ministradas às quartas-feiras pela plataforma Zoom. Esse grupo, além de ter escolhido o formato online, também se colocou. voluntariosamente, em um lugar de pesquisa e disposição para essa nova forma de fazer teatro (ou "o que quer que seja isso", como falou um dos alunos). A ideia dominante era buscar um diálogo e uma compreensão deste novo veículo; sentíamos que esse era o momento de continuar buscando um melhor entendimento e utilização dessa nova linguagem que se impunha de forma contundente diante da situação. A partir dessa generosa acolhida e do tema da 2ª Mostra Investigativa Macunaíma Online - O Despertar Para Uma Consciência Planetária, iniciamos o processo de Busca com algumas questões: "Como despertar para um novo momento? Como despertar para uma nova consciência? Como despertar para uma consciência planetária?" A necessidade de pensar um novo momento da humanidade, uma nova for-



ma de ver e realizar o mundo, nos levou para uma análise do ser enquanto indivíduo. Como mudar o mundo se cada um não estiver disposto a mudar a si mesmo? Neste momento, achei pertinente trazer para o grupo uma citação do iogue e mestre indiano Sri. Aurobindo (1976): "Todas as possibilidades do mundo, no homem, estão esperando como a árvore espera em sua semente." Esta frase desencadeou muitas outras perguntas tais como: "Quais as possibilidades que ainda não tive coragem de despertar? Será que me conheço e me permito despertar para novas possibilidades? Quanto me deixo 'ser' para as milhões de possibilidades que minha alma encerra?"

Diversas questões foram surgindo como um colar de contas que segue uma à outra; em um momento em que todos estávamos isolados em casa devido à pandemia, esse "olhar para dentro" não nos pareceu uma tarefa fácil, mas, aos poucos, foi se revelando libertador e potencialmente frutífero. É estimulante e desafiador vislumbrar as possibilidades adormecidas que ainda teremos a chance de um dia despertar.

Da análise do eu e da consciência individual, deslocamos o olhar para a humanidade, a sociedade e o que podemos fazer para que o mundo se torne um lugar mais justo. "Quais valores podem melhorar a sociedade? Pelo que devemos lutar? De que lado ficaremos na história? Essa pandemia, e a experiência que virá com ela, pode realmente melhorar a humanidade?" Essas questões me remeteram a um outro texto bastante conhecido no meio teatral, mas que sempre é oportuno ser citado:

Nós lhes pedimos com insistência: / Nunca digam "- Isso é natural". / Diante dos acontecimentos de cada dia. / Numa época em que reina a confusão, / Em que corre o sangue, / Em que se ordena a desordem, / Em que o arbitrário tem força de lei, / Em que a humanidade se desumaniza... / Não digam nunca: Isso é natural. / A fim de que nada passe por ser imutável. / Sob o familiar, descubram o insólito. / Sob o cotidiano, desvelem o inexplicável. / Que tudo que seja

dito ser habitual / Cause inquietação. / Na regra é preciso descobrir o abuso. / E sempre que o abuso for encontrado, / É preciso encontrar o remédio. / Vocês, aprendam a ver, em lugar de olhar bobamente. / É preciso agir em vez de discutir. / Aí está o que uma vez conseguiu dominar o mundo. / Os povos acabaram vencendo. / Mas não cantem vitória antes do tempo. / Ainda está fecundo o ventre de onde surgiu a coisa imunda (BRECHT, 1992, p. 132).

Esse texto de Bertold Brecht foi usado como estímulo para discussões e études e, a partir dele, pudemos olhar com um certo estranhamento e crítica para práticas que se estabeleceram como costumes e regras impossíveis de serem eliminadas do nosso cotidiano. Nesse momento do trabalho, as questões que foram levantadas diziam respeito à força das mídias sociais e seu imenso poder de influência: "Como as mídias sociais nos influenciam? Essa comunicação virtual pode nos aproximar ou criar mais abismos? Como estamos elaborando e vivendo esse isolamento social que intensificou a comunicação virtual?" Como a necessidade de isolamento acabou fortalecendo a comunicação através destes veículos tecnológicos, fomos levados a uma pergunta fundamental: "Vamos aprender algo com essa pandemia ou ficaremos mais isolados e individualistas?"

Usando alguns textos de Edgar Morin como lanternas, fomos desbravando novos caminhos. A cada encontro nos deparávamos com novas e diferentes perguntas sobre o mundo contemporâneo, suas "armadilhas" e possibilidades. Alguns alunos da turma faziam a defesa "calorosa" das novas mídias e nos provocavam, positivamente. lembrando que alguns comportamentos humanos sempre existiram e que as mídias poderiam ter potencializado, mas não criado, por exemplo, a vaidade, a inveja, os padrões de beleza. Em um dos encontros, achei que seria interessante revisitar O Mito da Caverna, de Platão. Então assistimos a um vídeo, e pedi que os alunos realizassem études em grupos. Os trabalhos revelaram uma percepção de que a humanidade está presa em imagens/miragens e, dentro dessa "realidade", consegue ver pouco ou quase nada de sua verdadeira existência/essência. Concluímos que as mídias sociais não são as culpadas, até mesmo porque a tecnologia, em si, não é boa ou ruim, mas que nosso mundo contemporâneo exacerba absurdamente o poder da imagem. As pessoas se tornam reféns de sua ambição narcísica, de se tornar um ideal divulgado e curtido por outras milhões de pessoas. Todos esses assuntos nos levaram até o famoso romance de Oscar Wilde O Retrato de Dorian Gray, a não menos famosa história do Dr. Fausto, de Goethe, e o conhecido Mito de Narciso. Depois de investigarmos um pouco mais as obras citadas, decidimos que o texto do autor irlandês compreendia as duas outras histórias e parecia mais acessível para o tempo e as condições que tínhamos. Enfim, finalizamos a etapa da Busca com a conclusão de que, para nosso grupo, pensar em uma sociedade melhor, mais plural, que evoluísse para uma consciência planetária, era necessário iniciar pelo cerne da questão e refletir sobre o ser humano e suas fraguezas. suas angústias, seu desejo de escapar da velhice e da morte. A questão que se colocava como fundamental no final dessa primeira etapa era: "Como almejar uma sociedade melhor se cada ser humano não enfrentar a si mesmo de frente e com coragem para perceber seus limites, sua vulnerabilidade diante do mundo e da vida?"

#### 2. A Vivência

Nesta etapa do trabalho, fizemos uma intensa exploração prática e teórica da obra. No início, fizemos discussões sobre diversos temas que nos interessavam no texto: "O que é o Belo? Quais as consequências do desejo humano de tentar vencer o tempo e suas marcas? O que está por trás das fotos que postamos nas mídias sociais? O que estamos omitindo e qual história estamos tentando contar para os outros? Como somos influenciados pelas mídias sociais?" Inspirados por essas novas questões, iniciamos o trabalho da Vivência, explorando, a partir de études, o universo que Oscar Wilde nos oferecia. Esse trabalho prático nos deu a possibilidade de novas reflexões, e percebemos que, apesar de todo o esforço para manter o mínimo de senso crítico, acabamos fisgados pelas exigências e modismos das mídias. Embora a sociedade tenha sempre imposto regras e normas de comportamento e padrões de beleza, nos pareceu que nesse momento histórico a situação está exacerbada. As discussões se intensificaram, dando mais sentido ao nosso processo e validando a escolha da obra que, a cada dia, nos parecia mais atual e necessária – como deve acontecer na releitura de um bom texto clássico.

Nossa pesquisa, instigada pelo tema da mostra – O Despertar Para uma Consciência Planetária – partia de uma pergunta ao indivíduo: "Como libertar sua consciência do julgamento e das normas e padrões socialmente estabelecidos? A questão a ser investigada era como o indivíduo se liberta do "olhar do outro", se torna mais autêntico e, desta forma, entra em harmonia com a consciência planetária.

Em uma das nossas vivências, trabalhamos com o conceito de espelho de diferentes formas: utilizando o outro como o reflexo da nossa imagem – um dos jogos mais antigos da nossa prática em aula, serviu como uma luva para explorarmos a ideia; aproveitando a câmera como um espelho que nos mostra, o tempo todo, como estamos sendo vistos pelos outros; um dos grupos sobrepôs um espelho real diante da câmera, criando um efeito de reflexo da imagem sobre a imagem.

Em um segundo momento, os études exigiram uma aproximação maior do texto, e para isso definimos as Circunstâncias Propostas, os Acontecimentos e os Objetivos de cada personagem na cena determinada. Reafirmei a importância dos études enquanto um momento de investigação, uma ferramenta que possibilita uma aproximação mais dinâmica e orgânica das circunstâncias em questão. Para a arte da vivência, é essencial uma presença "aqui e agora" como bem nos explica a pesquisadora Michele Zaltron (2016, p. 32):

O princípio fundamental da arte da perejivánie consiste em que, a cada apresentação, a cada dia e a cada instante, ao realizar a sua ação, o ator deve perceber os novos impulsos e estímulos que surgem em cena a fim de se manter em permanente estado criativo. A base da arte da perejivánie é, portanto, a capacidade de jogo, de relação, de improvisação e de adaptação do ator em cena.

Desta forma, para atingirmos o teatro da vivência, precisamos exercitar, o tempo todo, essa atitude de relacionar-se com o presente, com tudo o que envolve e modifica o ator/atriz naquele exato momento. Por isso, os *études* são fundamentais para desenvolver essa prática, e me parece necessário recordar a todo momento, que eles não são a representação de uma cena, não devem apre-

sentar ideias preestabelecidas e engessadas, mas algo que será criado a partir da experimentação.

Assim, fomos, a cada encontro, adentrando a obra através de *études*, explorando temas, circunstâncias, situações e relações de maneira real e ativa. Segundo Maria Knebel (2016, p. 51), Stanislávski dizia sempre para seus atores e atrizes: "Mergulhem neste processo e vocês entenderão que ele é *uma análise interna e externa* de si mesmo, de seres humanos nas condições de vida do papel."

Nesta fase da Vivência, costumo buscar um equilíbrio entre a análise do texto e os études. Prefiro iniciar com poucas definições e, após algumas práticas, entrar no que Maria Knebel chama de "exploração mental". Essa maneira mais pragmática de trabalhar me pareceu mais necessária no teatro *online*, pois acredito que os alunos e alunas ficam um pouco entediados e passivos se ficarmos em análises teóricas exaustivas. Desta forma, vou intercalando entre uma e outra.

Depois de algum tempo entre os études e a exploração mental do texto, iniciamos as discussões sobre a Supertarefa que, de certa forma, já estava sendo trabalhada intuitivamente. Começamos com uma reflexão sobre as ideias que surgiram para cada ator/atriz ao se deparar com a obra: "O que esse texto despertou em você? Você acha que esse texto dialoga com a atualidade? De que forma? Quais questões que o texto fomenta e você acha importante suscitar no público? Por que essa obra te parece importante nesse momento?" Essas perguntas levaram o grupo ao tema da influência e de como ela pode ser positiva ou negativa. O texto de Oscar Wilde abre para muitas possibilidades de reflexão. A personagem de Lord Henry é contagiante, instigante, contraditória e nos faz pensar de forma não convencional; o monólogo no qual ele adverte sobre o perigo da influência, ao mesmo tempo que está influenciando Dorian Gray, é maravilhoso:

Lord Henry – Boa influência é coisa que não existe, senhor Gray. Toda influência é imoral...imoral, do ponto de vista científico.

Dorian Gray – Por quê?

Lord Henry – Porque influenciar uma pessoa é emprestar-lhe a nossa alma. Essa pessoa deixa de ter ideias próprias, de vibrar com as suas paixões naturais. As suas qualidades não são verdadeiras. Os seus pecados, se é que existe o que se chama pecado, vêm-lhe de outrem. Essa pessoa torna-se o eco da música de outra pessoa, intérprete de um papel que não foi escrito para ela. A finalidade da vida é para cada um de nós o aperfeiçoamento, a realização plena da nossa personalidade. Hoje, cada qual tem medo de si próprio; esquece o maior dos deveres: o dever que tem consigo mesmo (WILDE, 1998, p. 25).

Das muitas discussões, análise da obra e de nossos objetivos com a mesma surgiu a nossa Supertarefa provisória: "Até que ponto você se deixa influenciar pelos outros?"

#### 3. A Encarnação

Com a primeira hipótese de Supertarefa, começamos a adentrar a obra e definir melhor quais Acontecimentos eram fundamentais. Importante lembrar que estávamos fazendo a adaptação de um romance para a cena, e isso exigia uma síntese muito precisa; além disso, esse teatro *online*, que ainda é uma grande e instigante incógnita, nos remete a diversos veículos das Artes Cênicas - teatro, cinema, televisão e *internet* - e suas diferentes linguagens. Foi necessário pensar nessa plataforma e no Tempo-Ritmo que ela demanda, nos enquadramentos, na força da imagem; nas exigências desse teatro *online* (ao vivo) que requer dos atores/atrizes atenção com a câmera, com o áudio, com os adereços, com a oscilação da *internet*; tudo isso sem perder a relação com seus parceiros e parceiras e manter a organicidade do "aqui e agora" tão necessária ao teatro da vivência.

Neste momento, iniciamos um aprofundamento na composição das personagens que foram sendo definidas durante o processo. Fizemos uma análise das circunstâncias específicas de cada personagem e também da linguagem e propostas da nossa montagem. Fomos descobrindo durante os ensaios que a peça não deveria ser apenas uma narrativa linear da obra de Oscar Wilde, pois o romance não se limita à fábula em si, apesar de ser muito interessante, mas nas diversas vertentes filosóficas que são exploradas pela obra. Assim, começamos a trabalhar algumas cenas específicas da obra - com diálogos e situações buscando uma fidelidade ao texto - e personagens criadas a partir de nossos ensaios, que deveriam dar conta da narrativa e da adaptação para a atualidade. No caso da narrativa, desenvolvemos algumas personagens que nos pareceram importantes para contextualizar o poder da influência das redes sociais. assim os influencers criaram dinamismo e ironia no desenvolvimento da peça. Trabalhamos, desta forma, com um eixo mais realista para as cenas específicas de alguns capítulos do livro e com um eixo narrativo, criando um certo distanciamento e "abrindo a quarta parede" em um diálogo mais direto com o público, através da ideia de lives e fofocas com e para o público.

O processo de Encarnação foi se aprofundando a cada ensaio, e quanto mais inteiros e em sintonia os atores/atrizes ficavam, mais conseguíamos avançar na busca de um enquadramento mais harmonioso e poético, ou seja, em primeiro lugar tínhamos que conquistar uma presença orgânica entre os atores/atrizes para, em um segundo momento, podermos nos preocupar com questões técnicas.

Neste momento do processo, também fomos descobrindo que nossa Supertarefa não estimulava a ação de forma concreta, caindo em uma reflexão abstrata. Então a mudamos para: "Como posso influenciar você a ver o mundo pelo meu ponto de vista?"

#### 4. O Impacto

A apresentação do espetáculo nos deu um grande prazer ao perceber a reação do público que, na sua maioria, pareceu ser envolvido pela história de Dorian Gray. E, além de ficar interessado em ler o romance - e isso já nos aliviava a ousadia de adaptar obra tão rica -, o público também se mostrou movido para discutir a força da influência e o poder da imagem e suas ditaduras estéticas. Foi muito interessante ouvir um público bastante diverso dialogando sobre o triste fim do protagonista que empenha sua alma pela beleza e juventude eternas; e principalmente, sobre as conexões que fizeram com as angústias e desejos que corrompem uma apreciação mais profunda da nossa própria existência. O próprio público trouxe a discussão, após ver o espetáculo, das dificuldades de se sustentar uma vida autêntica e livre quando tantas informações nos fazem viver dentro de "caixinhas" e "bolhas" que nos limitam a criatividade. Por outro lado, a relação dos atores e da técnica me pareceu um grande desafio, pois tivemos vários imprevistos causados pela relação com a internet e sua instabilidade. Parece uma "maldição" que alunos/alunas que nunca haviam tido problemas de conexão, neste dia, tenham "caído" justamente durante suas cenas; isso foi de uma agonia absurda e, ao mesmo tempo, de uma superação incrível, pois foi grande a minha alegria ao perceber que, apesar desses problemas, os atores/atrizes se mantiveram inteiros e conectados no jogo. E ouso arriscar que esses desafios dão uma espécie de "garra' aos atores que certamente ficarão mais fortes e potentes "por navegar por mares nunca dantes navegados". Afinal, apesar da agonia, mantém-se a magia do teatro ao vivo e a necessidade de adaptação e improviso a cada apresentação. Aqui abro um espaço para ouvir um dos atores que participou do processo e fez um interessante relato:

> Mais um semestre que, para mim, era claro que seria de reclusão, paciência e tentativa de tirar lições positivas do quadro pandêmico mundialmente instalado.

> Mesmo com as dificuldades do aprendizado online (qualidade das conexões, o fato de não conhecer pessoalmente as pessoas, de não poder olhar nos olhos, tocar as pessoas etc.), fomos sendo estimulados pela Chris e pela música Aquarius (trilha sonora do filme Hair). Aí começou a brotar uma sintonia. Dançar e sentir a música Aquarius me faz, se não me conectar com a consciência planetária, pelo menos acreditar em um mundo melhor (um desejo que me persegue), e buscar nas pequenas ações (trabalho de formiguinha) que este desejo chegue até algumas pessoas e as toque positivamente.

> Penso que a conexão com o grupo também

foi meio demorada, em função do já citado, mas fui persistente em tentar respeitar os limites, dificuldades e os momentos de cada um, pensando no coletivo para chegarmos ao melhor resultado possível.

Quando trouxemos o tema "Influenciar o outro", inspirado no texto Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde e na realidade atual, veio o desejo de compreender mais o tema. de me aprofundar individualmente e com o grupo. À princípio, surgiram questões geracionais, mas sabemos que o ser humano tem dificuldades, anseios e a expressão de algumas questões, como o narcisismo e o esvaziamento humano, por exemplo, mudam de cara conforme as tecnologias daquele período. Mudam as roupagens, mas os questionamentos continuam. Seja em relação ao aceitar-se, aceitar o outro e suas diferenças e os motivos pelos quais eu interfiro na vida das outras pessoas. Seja também aonde quero chegar e o que ganho com isso, já que a vida é da outra pessoa. Estas reflexões são sempre enriquecedoras. Só sei que me dediquei muito à criação do espetáculo. Algumas vezes não acreditava muito em que a coisa poderia acontecer. mesmo assim não desistia e buscava contribuir e estimular os demais a fazerem o mesmo.

Vinha também um desejo de levar a reflexão ao público. Afinal, continuo acreditando que a arte tem que ser revolucionária e transformadora. Tanto que, além estimular as pessoas a assistirem, figuei com o desejo de entender onde a peça pode ter tocado nelas.

São deliciosos os comentários de amigos

que dizem que estou melhor a cada apresentação semestral. Adorei uma amiga fonoaudióloga elogiar a minha dicção e postura vocal. Esta é sempre uma grande dificuldade. Parece-me um desafio importante, e sei que tem muita dedicação de minha parte, mesmo sabendo que há muito por se fazer.

Neste semestre, me preocupei em fazer um trabalho corporal melhor que no *online* anterior. Busquei ocupar mais os espaços e me expressar com o corpo como um todo, corrigindo os gestos exagerados, desnecessários e repetitivos. Nas apresentações, sempre lembrei de que era para me divertir, mesmo com toda uma sequência de coisas a serem feitas – mudanças de roupas, iluminação, cenografia, liga e desliga de som e câmera etc.

Veio um pouco de frustração quando tive alguns problemas com a conexão, pois estava muito feliz e inteiro para dar o melhor de mim. Mas sei que tudo é aprendizagem e valorizo o que foi visto e absorvido no semestre e ao longo de todo o curso. Ficou o gostinho de que consigo fazer melhor ainda e que a dedicação, caso houvesse novas apresentações, seria a mesma.

Neste segundo semestre *online*, apesar de desejar o presencial, pois eu queria estar muito mais inteiro no palco e sentindo a energia do público, notei que ocorreu um crescimento de minha parte enquanto menor desconforto em trabalhar *online* e na busca de novas soluções para as apresentações.

Enfim, foi um semestre às vezes cansativo, mas de muito aprendizado. Noto que con-

segui saborear a produção da peça e aquilo ficará marcado em mim.

Concluo esse artigo agradecendo aos atores e atrizes que tão generosamente participaram desse processo, ao nosso assistente Tiago Dorell, a professora Maria Carol Costa com quem fizemos uma harmoniosa e potente parceria, e a aluna Patricia Cunha que, infelizmente, não conseguiu permanecer até o fim do processo, mas que contribui no início com a criação dos études.

Esse segundo semestre de teatro *online* nos trouxe a certeza de que muito ainda temos que aprender dessa nova ferramenta e que nós, humanos, sempre encontraremos um lugar para fazer algo que nos é indispensável para a vida, pelo menos aquela vida que almeja mais que uma sobrevivência alienada do próprio ser, a ARTE!!!

#### Referências Bibliográficas

AUROBINDO, Sri. Ananda. **Caderno Especial VII**. Salvador: Casa Sri. Ananda, 1976.

BRECHT, Bertold. **Teatro Completo v.4**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KNEBEL, Maria. **Análise-Ação** – Práticas das Ideias Teatrais de Stanislávski. São Paulo: Editora 34, 2016.

WILDE, Oscar. **O Retrato de Dorian Gray**. São Paulo: PubliFolha, 1998.

ZALTRON, Michele A. O Trabalho do Ator Sobre Si Mesmo Segundo O Sistema De K. Stanislávski. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

## Impactos – o despertar para uma consciência planetária

#### DIRETORA-PEDAGOGA – LÚCIA DE LÉLLIS MANSO

Assistentes de direção – Gabriel Gomes, Isabella Hummel

Atores e atrizes-criadores(as) – Alexandre Lynneker, Alexsandro Soares, Ana Livramento, Andréia K., Carine Marcs, Evair Bortolatto, Fê Alves, Gabrielle Costa, Julia Sas, Leonardo Liessi, Luana Barros, Lugui Carvalho, Miguel Damelio, Paula Tonelli, Renata Gonsales, Verônica Fueta, Victor Zezza

#### Antes da Busca...

Semente do semestre: olhar para um espelho interno e perguntar-se sobre o que significa para si a palavra despertar. Ao longo da experiência, outros olhares foram despertados, o espaço sagrado do fazer artístico de cada estudante foi sendo acordado, transformado, e a relação corporal/espacial, ao longo dos primeiros estudos, foi potencializada. Ao observar esses exercícios

experimentados pelos estudantes, lembrei-me de *O Mito da Caverna*, de Platão, que alinhou pontos obscuros e trouxe luz ao tema. Assim, fiz a proposta de nos debruçarmos sobre estudos de cenas inspirados no tema da mostra e no Mito da Caverna. A reflexão seria em qual lugar cada um, hoje, aqui, agora, estaria dentro dessa caverna:

- 1. Acorrentado e certo de que a única realidade existente seria assistir às sombras?
- 2. Perceber as correntes que o aprisionam e aceitar como única maneira de viver?
- 3. Perceber as correntes e se libertar?
- 4. Enxergar que existe luz além das sombras e que as sombras não são a realidade, são ilusões que carregamos, e a partir dessa percepção ir em busca da saída?
- 5. Enfrentar todos os obstáculos, sair da caverna e despertar para realidade?
- 6. Sair e retornar à caverna na tentativa de despertar os demais sobre o mundo real?



Ao refletirmos sobre em qual dessas camadas nos encontramos, nos propusemos um outro desafio: olhar para o espelho e nos perguntar como o teatro pode contribuir para uma consciência planetária diante de tanta violência, corrupção, poder negativo, cegueira ecológica, individualismo....

#### A Busca...

Qual texto escolher neste semestre? As rodas de reflexão, vídeos, filmes, capítulos de livros, palestras, manuscritos filosóficos e muitos estudos práticos nos levaram a definir pela obra A Invasão, de Dias Gomes. Cada qual, com sua "mochila nas costas", rumo à travessia do despertar, se comprometeu com a primeira leitura solitária do texto para reflexão posterior das primeiras impressões. Vários foram os questionamentos sobre nosso olhar "miúdo" acerca da situação social no Brasil, e o nosso olhar "graúdo" para o quanto estamos alienados, confortáveis e acomodados frente a questões tão alhures, tão

algures, tão outrora, tão agora. Se não colocarmos uma lupa sobre o tema, permaneceremos no comodismo das sombras de Platão.

#### A Vivência ...

Investigação nada fácil!

Como relacionar *O Mito da Caverna* e as circunstâncias do texto? O que estamos fazendo? *O Mito da Caverna* ou *A Invasão*? O Mito dentro do texto ou o texto dentro do Mito?

#### Desafio...

Relacionar e procurar identificar, simbolicamente, em quais das possíveis camadas, as personagens da peça estariam inseridas no Mito da Caverna.

Os estudos dos Acontecimentos da peça e as reflexões posteriores nos nortearam, e, por meio da pergunta "Em qual das camadas do Mito da Caverna, cada personagem do texto *A Invasão* está inserida?", uma luz surgiu, e conseguimos relacionar os dois textos e prosseguir com os es-

tudos de cenas. Os papéis foram encantando os estudantes, e as escolhas sobre quem faria qual papel foram orgânicas. Nesse período, vários depoimentos (monólogos) e despertares sobre si dentro desse contexto foram anunciados...

Essa etapa foi bastante reveladora e recheada de potencialidades para a aproximação estudante/papel.

#### Cada um no seu quadrado, cada qual no seu papel?

#### A Encarnação... respirar mais fundo....

Existe uma tradição humana em que a saída está no caminho do ser humano em busca de si mesmo, em direção a uma "flor de ouro" que habita dentro de cada um de nós. E ao seguirmos o caminho, rompemos com a nossa solidão.

Despertar é romper com a solidão.

Na Encarnação, fortalecemos o tema da mostra e estendemos essa reflexão para as profundezas dos papéis, investigamos, por meio de estudos práticos, o que significaria para cada personagem DESPERTAR. Dentre várias descobertas, uma nos chamou a atenção: nos caminhos do despertar, reconhecemos o coletivo, despertar traz elementos para além de nós mesmos, onde a humanidade fala a mesma língua. As personagens de Dias Gomes falam a língua do povo, a língua da necessidade de acordar para o ser verdadeiramente humano, precisamos nos aproximar da nossa humanidade pessoal e coletiva.

#### Aparte...

#### Cada um no seu quadrado, cada qual no seu papel? Resposta: Não.

Os exercícios aplicados focaram na Imaginação e na Relação! Focos estes que nos tiraram da cadeira e do enquadramento. Por muitos momentos, a ressignificação do espaço cênico foi arrebatada pela imaginação criadora, e o rompimento do enquadramento aconteceu. Os estudantes se relacionaram, se ocuparam das Circunstâncias Propostas, e o lugar da plataforma Zoom passou a ser o lugar do "olho no olho", do toque, do atravessamento. Os diálogos saltavam do vídeo e expressavam suas verdades.

#### Retomadas...

Em outubro, com os papéis já definidos, mantivemos o aprofundamento das Circunstâncias Propostas, da Linha de Ação, os estudos de cenas e definimos quais Acontecimentos seriam levados para a abertura de processo com cada qual no papel escolhido. A Supertarefa foi revisitada e alterada. Antes: "Qual o meu papel no despertar do próximo?" Agora: "Como reconhecer meus momentos despertos e mantê-los ativos para a superação do comodismo?"

Ainda na Encarnação, experimentamos todos os tipos de invasão (que imaginávamos ser invasão) e retomamos alguns dos estudos individuais e coletivos que nos remeteram às memórias de guando nos sentimos invadidos e guando nos

vimos invadindo, seja um espaço físico, uma pessoa, a nós mesmos... despertar é bom, mas tem momentos que dói. Despertar para as infinitas possibilidades de invasão não foi fácil.

O texto foi dividido em cenas, Acontecimentos, Al, AP. Verticalização dos papéis. Nos perguntávamos: "Que luta é essa? Quem sou eu em uma situação limite?"

Questionamentos e reflexões sobre os papéis ao longo dos estudos ajudaram os estudantes no desvelamento interior dos papéis, por exemplo:

Não sei o que fazer com meus arrependimentos... se eu pudesse voltar no tempo... quis fugir da seca, rezei fervorosamente por chuva, agora a chuva tá aqui, na cidade grande e onde estou a água tomou conta de tudo e me levou o pouco que eu conquistei sem me avisar, a água veio e levou tudo" (GOMES, 2015, p. 50).

Questionamento geral: "Em que momentos da minha vida me sinto invadida(o) pela água que arrasta de mim o que ainda nem tenho?"

E assim prosseguimos com estudos e reflexões até o dia da abertura do processo. Nós nos surpreendemos com os comentários dos outros colegas, com as dicas, aprendizados, descobertas, partilhas...

A partir de sábado dia 07/11, iniciamos o trabalho com cenas selecionadas da obra para rea-

lização da nossa peça.

#### Encarnação, continuação ...

Ainda nesta etapa, cada estudante pôde relacionar diretamente o seu papel com o que desenvolvemos coletivamente na etapa de Vivência. Naguele período, a essência do nosso fazer artístico estava em olhar para um espelho interno e nos perguntar sobre o que significa a palavra despertar e a relação com o Mito da Caverna, de Platão. E descobrimos coletivamente, aplicando em études, as possibilidades existenciais, simbólicas e onde nos encontrávamos diante dessa metáfora platônica sobre ilusão e realidade, sombra e luz do ser humano frente a sua travessia. Assim, na etapa Encarnação, ressaltamos a etapa da Vivência e o desafio de nos debruçarmos mais profundamente sobre algumas aulas. Entender em qual lugar cada um dos papéis estaria dentro dessa caverna foi crucial para a criação. Muitas descobertas do invisível no texto potencializaram a atuação, trabalho minucioso. Porém, essa proposta ajudou muito a verticalização dos estudos sobre as circunstâncias da obra em paralelo com a simbologia do Mito da Caverna, favorecendo a compreensão, agora, sobre em qual dessas camadas a personagem, e não somente o estudante - como na Vivência -, se encontrava. Essa compreensão facilitou a empatia e aproximação com o papel, levando os estudantes a um desvelamento das motivações,

objetivos, tarefas e ações.

E quanto mais investigavam o universo interior do papel na relação com outros papéis, mais entendiam e reconheciam o universo exterior do papel e de si mesmos. Essa etapa foi bastante reveladora, um verdadeiro campo de possibilidades para a aproximação estudante/papel.

Enfim... construímos as cenas, a linha contínua de cada papel foi ficando mais clara ao longo dos ensaios, e chegamos à reta final com a clareza do despertar coletivo o qual nomeamos como um acontecimento importante: "Viemos todos de uma tradição humana em que o caminho é a busca." Assim o despertar esteve no passado, está no presente e estará no futuro. E a mudança coletiva ocorrerá, sem dúvida, ocorrerá, se cada um levantar a bandeira que rompe todas as fronteiras, fronteiras das diferenças sociais, econômicas, raciais, condição de gênero, sonhos pessoais, profissionais, identidade humana em seu ser essencial (esta conclusão reverberou fortemente no final da nossa peça). O público fez inúmeros comentários sobre o Acontecimento final da peça.

E na etapa Impacto, uma das propostas foi observar como nossa escolha e decisão de Supertarefa refletiria em cada parceiro/público que assistiu a esse trabalho.

#### Impacto-reconhecimentos...

Conhecemos muito hoje de como as coisas são durante a pandemia e muito pouco sobre o porquê elas são como são. Qual foi o passaporte de chegada das ideias a partir da primeira leitura da obra? Perceber sua atualidade mesmo tendo sido escrita nos anos 1960. Invadir é tão perigoso quanto ser invadido. A cada estudo aplicado que envolvia o tema da mostra (O Despertar Para uma Consciência Planetária) e circunstâncias da obra. Acordava, em cada estudante, a necessidade de desvelar seus olhos frente à realidade (aquilo que é eterno) e à ilusão (aquilo que é perecível). "Vivemos em um mundo onde todas as coisas são sombras, são passageiras, onde tudo é Maya, onde as coisas não existem em si e são reflexos, onde através das sombras podemos encontrar a luz" (PLA-TÃO, 2019, n.p.).

Durante o processo, percebemos a obra como um convite que acenava a nossa essência e, ao longo das experiências práticas, outro convite que nos acenava aos papéis. Assim os estudantes foram sendo confrontados face a face com o teor profundo e existencial que a obra nos oferecia e a proximidade com o papel que representava a nossa condição social e o descaso alheio. Como despertar para a dor do outro? Como reconhecer meus momentos despertos e mantê-los ativos para sair do comodismo? Como reconhecer as sombras, ir para luz e despertar para a realidade? Nossa proposta nos estudos era de confrontar aparência e essência.

O Impacto nos revelou o mistério da verticalidade e nos possibilitou construir pontes entre as diferenças sociais e a nossa corresponsabilidade frente a tanta desigualdade. Conseguimos abrir um portal em que o público, diante do impacto ao assistir à peça, se sentiu, em seus depoimentos, mobilizado a uma necessidade de tomada de consciência, mobilizado a perceber a realidade além da obra, a observar os acontecimentos de suas próprias vidas e a ressignificar pela vontade de crescer, de aprender, de superar limitações.

Concluímos: dominar nosso sentimento de auto importância facilita um ensinamento a ser captado. E uma boa pergunta: Como encarar a vida humana? Como chegar ao desenvolvimento que nos corresponde para alcançarmos a plenitude da condição humana? Como ver o que está por trás das sombras? A invasão ocorreu no passado e no Brasil e o que fazemos com o nosso passado? Vemos superficialmente e interpretamos segundo nossos preconceitos? Não sabemos o que ele representa hoje? Realmente analisamos o contexto histórico de um tempo, uma época? Captar os acontecimentos da invasão é captar os acontecimentos da nossa própria vida? Enfim, essa história nos ensinou que "a vida é inteiramente pedagógica, e que se tivesse um minuto que não tivesse algo a nos ensinar, ela já teria sido retirada de nós. A vida não deixa sobras... e precisamos nos comunicar com ela. Precisamos de vida interior, autoconhecimento..." Despertemos!

Depoimento da aluna Renata Gonsalez:

Para mim, o processo de montagem da peça foi muito enriquecedor, tanto para

crescimento pessoal quanto artístico. Ao nos debruçarmos sobre vídeos e textos acerca do tema despertar, levantamos diversas questões para as quais às vezes nos cegamos em nosso cotidiano e que passam desapercebidas ou até mesmo são normalizadas por serem corrigueiras. Poder literalmente trazer isso à tona e colocar o dedo em diversas feridas da sociedade nos torna mais humanos e sensíveis à dor do outro, e isso também nos melhora enquanto artistas, já que o teatro é um poderoso instrumento de transformação. Após a peca, recebi o relato de uma mulher que ao ver uma cena retratando abusos sofridos por mulheres, disse que se emocionou, porque se sentiu representada por já ter passado pelas mesmas situações.

Ainda hoje sonho com a paz nos corações humanos! Ainda hoje, mais que ontem, sonho com o amor, a solidariedade, a tolerância, a compaixão, a fraternidade, a gentileza onde a falta é maior...nos corações humanos.

#### Referências Bibliográficas

DIAS, Gomes. **A Invasão**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

PLATÃO. **O Mito da Caverna**. São Paulo: Le-Books, 2019. ■

## Registro síntese do vivido: Marcas, caminhos e rabiscos atravessados no processo investigativo do tema O Despertar Para Uma Consciência Planetária

#### DIRETORA-PEDAGOGA – RENATA HALLADA

Atores e atrizes criadores(as) – André Venancio, Camila Leite, Danyella Moreira, Fabiana Lima, Igor Souza, Isabella Nunes, Jonas Charmoso, Letícia Ignacio, Lorenzzo Purcino, Marcel Moura, Mônica Fernades, Pierre Sanches

#### Introdução

Todos os semestres iniciam-se com as distribuições de novas turmas, novos encontros, uma nova rotina, e a cada semestre esta sempre se reorganiza quando docente e discente encontram-se. E foi aberto o semestre, o primeiro encontro, quem são eles? Qual a trajetória deles?

A turma era composta por alunos que estavam no seu segundo semestre de formação, ou seja, todos haviam passado pelo primeiro módulo de formação técnica (PA1). Os alunos, em sua maioria, vieram da turma da professora Simone Shuba, um aluno vinha de outro horário, mas também tinha sido aluno da mesma professora, e outro que foi aluno do professor André Haidamus, totalizando onze alunos distribuídos entre cinco mulheres e seis homens. As aulas ocorriam aos sábados pela manhã, a turma configurava-se como uma turma híbrida, ou seja, assim que fosse liberado, retornaríamos às aulas presenciais na unidade

Adolfo Gordo do Teatro Escola Macunaíma.

As aulas de atuação ocorreram no 2º semestre de 2020, e o registro do processo ocorreu junto, docente-discente. A cada mês os discentes/alunos recebiam algumas perguntas norteadoras, e através dessas perguntas, esses partilhavam o seu olhar sobre o processo e dialogicamente esse olhar direcionava o processo. Dos registros dos discentes, tecia-se um registro narrativo sobre o processo, escrito pela docente, onde os fios dos alunos mesclavam-se ao registro didático da docente/professora. Desta forma, o relato sucinto a seguir, tem como objetivo elucidar o processo investigativo do tema mostra O Despertar Para uma Consciência Planetária, tendo como condutor os pontos: temas levantados no percurso, a escolhas da obra a ser investigada, o diálogo entre as Circunstâncias Proposta e tema da mostra, a investigação dos Acontecimentos e a escolha, resgate, retorno à Supertarefa na relação com a obra, tema, processo e público.

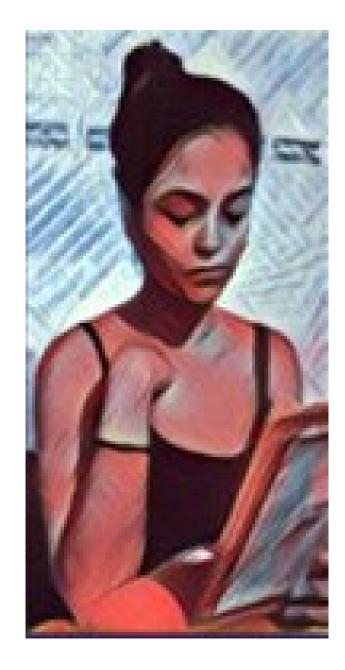
#### Trajetória de um processo

O caminho que construímos para escolha de um repertório de obras clássicas e Supertarefa que nascessem da busca pelo Despertar Para uma Consciência Planetária, nas quatro primeiras aulas, partiu do olhar o passado para se olhar o presente. Conhecer para mudar. Não é possível modificar nada sem antes conhecer ou saber onde está. (Trecho do registro reflexivo de Letícia Ignacio)

A primeira aula partiu do âmbito individual, do olhar para a sua trajetória em relação à história recente, ao semestre passado e à situação da pandemia. E, por meio do estudo a partir da pergunta "Quando se tira do teatro o direito da presença e a realidade nos impõem limites do contato com o corpo e o espaço, como ele, o teatro, pode existir?", busquei junto aos alunos investigar a relação individual com o presente.

Estou focando mais nas minhas ações buscando dar mais atenção aos sentidos desde como tocar em algo, comer, andar, ouvir, sempre prestando atenção nas articulações, o que aquele movimento desperta, ou em como aquela ação me afeta (Trecho do registro reflexivo de Igor Souza).

Na segunda aula, propus retornar ao passado por meio de uma poesia, "Sobre o teatro cotidiano", de Bertolt Brecht, para refletir o presente, pegando como norteador a pergunta: "Como despertar a poesia da vida?" Dos estudos apresentados, estudos estes que foram solicitados na aula anterior, algumas palavras e imagens saltaram



aos meus olhos, como: flores, rede, teletransporte, cápsula do futuro, voltar se para dentro, saudades, a volta ao teatro, entre outras.

Motivada por estes olhares, sugeri um estudo coletivo provocado pela questão "Como será a volta ao teatro?", com as seguintes instruções: olhar para o contexto atual e refletir a partir dele como será essa volta. E, ao mesmo tempo, solicitei que lessem a poesia que trabalhamos em aula e "mergulhassem" nas imagens que ela suscitava. Um outro apontamento fez-se presente na elaboração dos estudos: que eles se atentassem às Circunstâncias Proposta do estudo e se permitissem, em ação, ser atravessados por elas. Na aula seguinte, parti do olhar sobre presente, investigando os absurdos deste, por meio de uma citação de Samuel Beckett sobre o silêncio. E por meio de exercício e circunstâncias, proporcionei a experimentação do caos. Paralelamente a isso, foi pedido que lessem o prefácio do O Trabalho do Ator: Diário do Aluno, para começarmos a refletir sobre o que é e como estruturar o étude. Esta reflexão teve como objetivo aprofundar as circunstâncias e o Acontecimento no fazer dos alunos. E ainda propus um terceiro estudo, "O absurdo presente", a partir de alguma notícia. As instruções para este estudo foram: escolher uma notícia que estava no mundo e dessecar as circunstâncias da notícia: onde ela acontece, quando acontece, quem são essas pessoas. Feita esta primeira parte, deveriam refletir sobre o que os afeta na notícia escolhida e, a partir disso, criar um estudo a ser compartilhado na próxima aula.

> Somos o nicho do nicho, bichos únicos de máscara e primeiros, desculpe a arrogância. Algo que só se viu neste momento, durante a praga, atores nascidos digital. Nada

nos fará calar, somos os inquietos, irritados com os absurdos, somos novo normal. Obrigado pelo alívio, pelo belo horizonte, por nós permitir explorar o corpo, a voz, a história, o culto e o nobre desconhecido (Trecho do registro reflexivo de André Venâncio).

Nas aulas seguintes, aprofundamos o olhar sobre a situação absurda, por meio de imagens de Sebastião Salgados<sup>1</sup>, e foi solicitado que assistissem ao vídeo Sonho Para Adiar o Fim do Mundo<sup>2</sup>. E, na quinta aula, as dinâmicas partiram do olhar para o absurdo do outro e de si, para buscar a poesia, focando os exercícios nos sentidos corporais, e depois eles compartilharam o estudo "O absurdo presente". Foi possível vislumbrar uma temática que unia aqueles estudos, o NÃO OLHAR para as pessoas envolvidas naquelas situações, situações estas que ocorriam nos estudos partilhados pelos alunos.

Foi encaminhado, em grupos, que eles investigassem a vida e o universo da obra de três autoras, e partir disso criassem outros estudos, que tinham como norte "Onde reside a poesia da vida?" Afunilamos para dois textos e desta maneira nos reorganizamos em dois grupos, onde cada um iria ler uma das obras. Todos tinham que levantar as primeiras impressões e os temas da obra pesquisada e selecionar o que mais os afetava nela. E, partir daí, deveriam criar um estudo juntos, embasados em circunstâncias. Eles também foram

<sup>1.</sup> Nascido em 1944, em Minas Gerais, é fotografo, formou-se em Economia e é doutor pela Université de Paris na mesma área.

<sup>2.</sup> Debate integrado à programação do Na Janela Festival, produzido pela Companhia das Letras, com a participação de Airton Krenak - líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro, considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro - e Sidarta Riberio – neurocientista, biólogo, professor titular e vice-diretor do Instituto do Cérebro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw">https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw</a>).

desafiados a explorar outros espaços físicos para o estudo, para o qual foi estipulado um tempo. Ao partilharem os estudos na aula seguinte, reconheci nas suas proposições, que eles conseguiram, a partir de temas da obra, se colocar em situações análogas. E, assim, estes estudos me remeteram novamente ao NÃO OLHAR OUTRO para a situação existente. Então foram propostas a seguintes reflexões: "O que falta nas nossas relações humanas? Onde vemos presente a colonização brasileira nestas obras?" E, partir das reflexões dos alunos, eu, docente, reconheci no texto *A Hora da Estrela*, de Clarisse Lispector, uma potência de diálogo com os alunos.

Na superfície do oceano me encontrava flutuando numa bolha mental sem muita esperança e várias incertezas, sufocando naquele vazio que me limitava a visão. Eu me perguntava "o oceano é azul da cor do céu, seria apenas um reflexo? (Trecho do registro reflexivo de Igor Souza).

Mergulhamos no universo da obra. Foi proposta uma investigação a partir das questões: "Quem somos nós? Onde nos encontramos? Quem seria a personagem (papel) Macabéa?"

[...] advém o surgimento de alguns questionamentos como: o que queremos, o que procuramos, o que está vazio dentro de nós, a diferença entre felicidade interna e externa, será que tá tudo bem mesmo? Macabéa na minha elucidação transferia essas perguntas meio que sem resposta, pois temos várias fazer ao decorrer da vida e sempre haverá essa incógnita a ser feita (Trecho do registro reflexivo de Mayara Charmoso).

Assim, os alunos realizaram o seguinte experimento: cada um saiu de sua casa usando máscara, escolheu um lugar próximo a sua casa para ali ficar e, durante cinco minutos, observaram uma pessoa que ali estava ou passava. Após estes cinco minutos, iram ficar no mesmo lugar, mas deixariam os outros os observarem. Posteriormente, eles retornariam as suas casas e escreveriam sobre: quem era aquela pessoa que eles tinham observado, qual era rotina dela, onde ela morava e quais as condições de vida dela. Contudo, a escrita ocorreria na primeira pessoa do singular. Após este experimento cada, cada aluno deveria criar um étude com o tema "Chegada a São Paulo sonhos, desejos e lembrança de um transeunte", sem fala e em relação com os limites físicos do espaço escolhido.

Após a partilha dos études, da reflexão sobre eles e da retomada da obra, chegamos à palavra PERTENCIMENTO. Paralelamente a isso, foi pedido ao longo da semana, a leitura dos livros Stanislávski – Vida, Obra e Sistema e Análise-Ação - Práticas das Ideias Teatrais de Stanislávski, em específico, os capítulos referentes à Supertarefa e Ação Transversal. Buscamos também investigar a palavra PERTENCIMENTO, mas com o olhar para despertar a descolonização em nossa formação. Alimentamo-nos dos textos Sempre Estivemos em Guerra e Ecologia Política, de Airton Krenak, e revisitamos o vídeo Sonho Para Adiar o Fim do Mundo. sugerido pela professora Camila Andrade. A partir destas referências, nos questionamos: "É permitido sonhar hoje no lugar físico que habitamos? Sonhar é permito para todos neste lugar - o lugar físico em que nos encontramos?"

Quanto mais atividades relacionadas com obras e peças, mais eu pude entender e

mergulhar nesse universo de personagens e suas histórias, e como elas se cruzam. Posso dizer que comecei a estudar teatro para valer, que ele é algo muito maior do que um roteiro com alguns bocados de falas. Estou criando uma linha de conhecimento e conexão com o teatro em si, e toda a sua essência, despertando meu interior como artista (Trecho do registro reflexivo de Camila Leite).

Investigamos o Acontecimento Inicial da obra, por meio de vivência e étude. Fizemos a dinâmica "pergunte ao diretor", que consiste no jogo de perguntas ao autor da obra, onde cada aluno tem um minuto para fazer todas a perguntas possíveis ao autor. Deste diálogo, sugeri os seguintes desafios individuais ao longo da semana: responder as perguntas - "O que essa obra nos diz como indivíduo na sociedade? Qual a resposta do sistema para isso? A Hora da Estrela representa o vazio? Qual é este vazio? É permitido sonhar no lugar físico que habitamos? É permitido sonhar para todos?" E, após as respostas, eles deveriam reformular a Supertarefa provisória. Também foi proposto o estudo dos Acontecimentos da obra: o texto dramatúrgico divido em trechos foi enviado a eles, e para cada trecho, foi pedido que encontrassem uma imagem no mundo que revelasse o que estava acontecendo naquela situação. Posteriormente a escolha da imagem, eles selecionariam uma frase do próprio texto que validasse a imagem e escolheriam o papel que desejassem investigar neste processo, para a criação de um étude. Vale ressaltar que a criação do étude tinha as seguintes instruções: após a escolha do papel, cada um questionaria qual desejo move este papel, e retornaria aos estudos dos Acontecimentos da obra; e em cada trecho perguntar-se-ia quais verbos movem o papel neste trecho; e então criariam um *étude* que revelasse a trajetória do papel escolhido.

Chegamos assim à Supertarefa provisória "A completude que buscamos fora nos deixa vazios por dentro." E, em primeiro momento, nos debruçamos sobre ela em pequenos grupos, onde cada grupo iria escolher o Acontecimento da obra que revelasse esta Supertarefa e, a partir dele, criar um étude ancorado nas circunstâncias. Estas atividades e as dinâmicas de investigação da trajetória do papel por meio da expressão vocal e corporal, nos encaminhou a estudar a Linha de Ação da peça.

Então, aqui estão os principais momentos da criação psicofisiológica do artista: 1. Desenvolvimento da vontade criadora. 2. Excitação da memória afetiva. 3. Escolha volitiva do desejo. 4. Reflexo fisiológico 5. Hábito. 6. Repetição da vivência interior (VÁSSINA; LABAKI, 2015, p. 210).

Procuramos juntos olhar para estes momentos propostos por Stanislávski, como estrutura da própria dinâmica da aula, podendo destrinchá-la a cada aula, o que para nós permitiu ir e voltar durante a aula por estes momentos, buscando delinear os nossos caminhos, as passagens, aportando momentaneamente à Encarnação. E a partir dela, pegando novas jangadas ou mesmo nos permitindo aprofundar nestas vivências. Ao mesmo tempo em que íamos adentrando o universo

da obra, adentrávamos o universo e o espaço individual de nós mesmos na relação com outro. Assim como se fosse ao acaso, mas não sendo, pois os caminhos foram trilhados para que o acaso acontecesse, as potencialidades individuais foram emergindo tanto em cena, no espaço físico, como no registro. Reconheci uma turma com a habilidade na escrita poética, na música, na dança, e estas habilidades foram trazidas como fios que costuravam alguns études, na abertura de processo online.

Ah... esse cheiro que eu não esqueço / Perfume queimado me deixa assustado / Sempre lembro do começo / Sinto que não te mereço / Não sei, sinto nesse lugar / Algo familiar / Minha alma que insiste em me deixar / Vontade de te abraçar / Se esses pesadelos são reais / Por que você não me olha mais / Todos os dias parecem iguais / Vida oca, assim tinha de ser / Não dá para entender / Me abraça me deixa viver / Foi aquela maldita bola de cristal / Boca sem gosto de amor, só de final / Quero lembrar, se isso é real / Enganou o destino por meia hora / Viagem de dentro pra fora / O que faço agora³.

A abertura de processo *online*, realizada junto à turma da professora Alexandra Tavares revelou a nós, docente/discentes, a própria obra A hora da estrela. O olhar desta primeira troca com a turma citada, desvendou relações da obra com o tema

da mostra, proporcionando a ressignificação da obra em processo, por meio também da reestruturação da Supertarefa.

Foi extremamente importante à troca de experiência com a outra turma, porque percebemos que por mais que a obra das nossas apresentações não fosse a mesma, tinha muita coisa ligada uma com a outra. Por exemplo: a questão do vazio, que tinha tanto no estudo deles quanto na nossa; a questão de que no estudo deles havia o personagem observador, já na nossa havia o personagem narrador, dois personagens essenciais que ligaram um estudo com o outro. Teve muitas coisas que se encaixaram, mesmo sendo obras, estudos e turmas diferentes. Consegui entender que a vivência e encarnação estavam presentes em ambos os estudos (Trecho do registro reflexivo de Danyella Moreira).

Na aula seguinte, após abertura de processo, foi proposto uma reflexão e alguns caminhos, ao questionarmos a Supertarefa provisória na relação com a Linha de Ação de cada papel da obra. Para isso tivemos dinâmicas práticas focadas na expressão vocal e corporal e a releitura da dramaturgia original. Chegamos, assim, a uma nova Supertarefa: "Como buscar a existência sem perder a completude?" E novamente retomamos étude de situações análogas ao texto, para nos enveredar pela Linha de Ação da obra.

É importante ressaltar que entre abertura de processo virtual e a 2ª Mostra Investigativa Macunaíma *Online*, tivemos seis aulas e nelas embarca-

<sup>3.</sup> Música composta pela aluna Letícia Ignacio durante o processo, a partir da poesia do aluno André Venâncio.

mos em novas jangadas, reestruturando a própria estrutura criada a para abertura de processo. E o que nos fortaleceu neste momento foram exatamente as potencialidades individuais do coletivo, os fios da poesia, da música, da dança foram os condutores para esta nova estrutura.

Sujei de Eu o papel noites brancas / Pobre assim, entre uma mulher franca / Somos iguais, uma briga ruim / Mas quando caí a culpa, caí sobre mim / Fui de suja, e sem carne, só uma semente. / A dor no peito fedia a cachorro-quente. / Na vida eu não me humilho, quem é que se ofende? / Mas de latas vermelhas preciso pra ir em frente / Ouço na rádio homens sobre homens/ Tenho emprego, então não tenho fome /  $\acute{E}$  difícil pois pra mim é caro / Eu tenho só esse trocado e quero o mais barato4.

Neste momento, as possibilidades reveladoras nos envolviam e nos norteavam, e o desafio meu, como docente/artista, passou a ser não atropelar os alunos nas próprias possibilidades que eles mesmos traçavam, ou seja, neste momento, controlar a ansiedade.

Em termos práticos, além destas seis aulas, nos encontramos em três ensaios-extras virtuais. E vale acentuar que, neste momento, a compreensão do tema da mostra deu-se no fazer teatral coletivo.

Ao longo do semestre, ficou bastante nítida a necessidade do envolvimento, do engajamento de todos para o desenvolvimento dos atores. Ficou muito claro que teatro não é uma atividade individual, mas coletiva (Trecho do registro reflexivo de Marcel Brasil).

Então chegamos aos dias de partilha o com público, e como costumo colocar aos alunos, este não é um momento de finalização, de mostrar ao público. Este momento também é processo, e devemos estar abertos e porosos no nosso fazer, porque há ainda caminhos a descobrir e mudanças a traçar, ainda que o alicerce já esteja lançado pelos alunos. E após a troca com público e o bate-papo no final das apresentações, retornamos às perguntas: "Como despertar uma consciência planetária? E como isso se comunicou com o público?"

Aprendi que a Supertarefa nos desperta essa consciência. [...] A comunicação está em todo o circuito, no silêncio, olhar, expressões, comportamento... (Trecho do registro reflexivo de Jonas Charmoso).

A história da obra que apresentamos me fez visualizar mais concretamente essa mensagem. Como esse despertar pode se dar na realidade, nos relacionamentos, nas formas sociais. Como é, como já foi, e como pode ser. Um objeto material para trabalho e mudança. Um surgimento de ideias e manifestação de sentimentos (Trecho do registro reflexivo de Letícia Ignacio).

Para mim o tema da mostra se conectava muito com a questão individual, de pensar na transformação da consciência do indivíduo, o que é essencial também. Mas ao longo do processo fui vendo que para eu me sentir completo como indivíduo eu preciso ter a noção de coletivo, de entender que cada um está aqui para contribuir da sua maneira e que todos somos importantes. Essa mistura de cores, formas, possibilida-

<sup>4.</sup> Música composta pelo aluno Lorenzzo Purcino durante o processo, a partir dos estudos da Linha de Ação do papel.

des, opiniões dá origem à consciência humana, que é vasta. E isso torna tudo mais interessante. Acredito que despertar para uma consciência planetária é estar aberto para o amor, respeito ao próximo, respeito à natureza, olhar o mundo com novos filtros que dão mais sentido a tudo. A arte é a cura para alma, ela não se limita e sempre buscará novos meios para acontecer (Trecho do registro reflexivo de Igor Souza).

#### Considerações finais

O "sistema" não é um livro de receitas, que quando você abre, e quer preparar um prato específico, simplesmente olha no índice, procura a página adequada e está pronto (STANISLÁVSKI, 2017, p. 648).

Tomarei a liberdade de fazer uma narração em primeira pessoa para as considerações finais.

A verdade é que o processo não se dá no discente/aluno e não é dado pelo docente/professor, o processo atravessa uma relação e por ela é atravessado, moldando dialogicamente uma investigação artística.

E, ao retornamos às memórias, aos registros, às impressões fisicalizadas corporalmente, um corpo pictórico e histórico se constrói no espaço-tempo. A Arte e a Educação têm este poder, de não ser um corpo estagnado, parado, e sim um corpo em trânsito.

Logo, peço licença para reproduzir um trecho do livro *Fios do Tempo*, de Peter Brook:

Em um vilarejo africano, quando um contador de história chega ao fim de sua fábula, ele coloca a palma de sua mão no chão e diz: "Eu coloco a minha história aqui." En-

tão acrescenta: "Para que outra pessoa possa continuá-la em outro dia (BROOK, 2000, p. 312).

#### Referências Bibliográficas

ANDRADE, Milton de; BELTRAME, Valmor Nini (orgs). **Poéticas Teatrais**: Territórios de Passagem. Florianópolis: Design / FAPESC, 2008.

BRECHT, Bertolt. **Poemas** – 1913-1956. São Paulo: Editora 34, 2012.

BROOK, Peter. **Fios do Tempo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

KNEBEL, Maria. **Análise-A**ção - Práticas das Ideias Teatrais de Stanislávski. São Paulo: Editora 34, 2016.

KRENAK, Airton. Sempre Estivemos em Guerra – Entrevista de Ana Paula Orlandi. **Goethe-Institut Brasilien**, mar. 2020. Disponível em: <a href="https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/zgh/21806968.html">https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/fok/zgh/21806968.html</a> . Acesso em: 10 set. 2020.

\_\_\_\_\_\_. Ecologia Política. Ethnoscientia – Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, v.3, n.2, p 193-194, 2008. Disponível em: <a href="http://www.ethnoscientia.com/index.php/revista/article/view/193">http://www.ethnoscientia.com/index.php/revista/article/view/193</a>. Acesso em: 25 set. 2020.
\_\_\_\_\_\_\_\_; RIBEIRO, Sidarta; PIRES, Carol. Mesa 6: Sonhos Para Adiar o Fim do Mundo. In: Companhia das Letras, Na Janela Festival, 2020. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw">https://www.youtube.com/watch?v=95tOtpk4Bnw</a>. Acesso em 04 set. 2020.

STANISLÁVSKI, Konstantín. **O Trabalho do Ator** – Diário de um Aluno. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

VÁSSINA, Elena; LABAKI, Aimar. **Stanislávski** – Vida, Obra e Sistema. São Paulo: Perspectiva, 2015. ■

## Processo de criação: busca, vivência, encarnação e impacto

#### **DIRETOR-PEDAGOGO – ANDRÉ HAIDAMUS**

Assistente de direção – Cynthya Rodrigues, Leonardo Inocencio, Vitor Cruz Atores-criadores – Arian Nascimento, Brida Andrade, Debora Barboza, Gabriel Rochat, Giovana Martins, Gisele Tahara, Ingrid Gandolfi, Luísa Guimarães, Marcus Malheiros, Mariana Dorigon, Patrick Moreira, Rotiely Steves

Trato aqui do processo criativo com estudante dos módulos PA2 e PA3, no formato ensino a distância pela plataforma Zoom, com encontros às segundas e quartas-feiras à noite, no segundo semestre de 2020. O processo contou com a colaboração de três assistentes, Cynthya Rodrigues, Leonardo Inocêncio e Vitor Cruz, responsáveis pela documentação artístico pedagógica: registro escrito, reflexões do coletivo de artistas em formação, capturas e edições dos materiais audiovisuais criados e produzidos a partir da pesquisa proposta pelo projeto tema da escola, O Despertar Para uma Consciência Planetária, na relação com a investigação da obra proposta ao grupo, *As Cadeiras*, de Eugène Ionesco. Em nome da escola agradeço por contar com um coletivo afetuoso e interessado na investigação teatral. Foi um semestre onde não criamos apenas a obra cênica, mas também laços de amizade e confiança que reafirmam nosso amor pela arte da educação e pela arte teatral.



É importante ressaltar que todo o percurso de criação teve a perspectiva de estudar os princípios do Sistema Stanislávski como possibilidade de descoberta de si mesmo no fazer teatral. Aqui irei destacar alguns momentos chaves desse percurso.

### Memórias do processo de Busca: buscar o quê?

O projeto tema proposto pela escola, O Despertar Para uma Consciência Planetária, foi o disparador do processo de Busca. Mas, buscar o quê? Não sabíamos concretamente ou conscientemente o que buscar. O início de um processo de criação em circunstâncias propostas para a formação artística-humana de estudantes, professor e assistentes, ainda não quer algo lúcido, o início precisa ser despretensioso para que consiga dar conta de desvendar, de proporcionar descobertas. Então, o que queremos? O próprio processo irá revelar em seu devir, as reflexões e aprendizagens

diárias irão dizer. O trabalho foi para que estivéssemos constantemente com todos os nossos sentidos abertos, disponíveis para ouvir, perceber os sinais ou impulsos e agir, que estivéssemos sempre em Análise Ativa.

Por meio do conceito de Acontecimentos no Sistema Stanislávski (na natureza, na vida) provoquei o coletivo de estudantes a revisitarem alguns acontecimentos de suas vidas por meio de fotografias de seus acervos pessoais. A criarem uma breve narrativa com esses materiais, pensando uma sucessão de acontecimentos. Momentos, instantes de mudanças de circunstâncias em suas trajetórias. Conectado a essas partilhas o projeto tema da escola nos abriu uma possibilidade de reflexão com a citação de Edgar Morin. Durante a semana, atrizes e atores deveriam estar atentos para capturar em vídeo um momento de poesia da vida e partilhar com o coletivo um estudo cênico com o que chamamos palavra funda-

mental: uma palavra síntese de registro e resgate de como aquele instante atravessou o seu ser.

#### Um despertar para... A poesia da vida

O problema da felicidade é subordinado àquilo que chamo de "o problema da poesia da vida". Ou seja, a vida, a meu ver, é polarizada entre a prosa - ou seja, as coisas que fazemos por obrigação, que não nos interessam, para sobreviver - e a poesia - o que nos faz florescer, o que nos faz amar, comunicar. E é isso importante. Então, eu digo que o verdadeiro problema não é a felicidade - é a questão que faço a mim porque a felicidade é algo que depende de uma multiplicidade de condições, e eu diria mesmo que o que causa a felicidade é frágil, porque, por exemplo, no amor de uma pessoa, se essa pessoa morre ou vai embora, vai-se da felicidade à infelicidade. Em outras palavras não se pode sonhar com uma felicidade contínua para a humanidade. É impossível, porque a felicidade, repito, depende de uma soma de condições. Então pelo outro lado, o que se pode dizer, pode-se tentar favorizar tudo o que pode permitir a cada um, viver poeticamente sua vida e, se você vive poeticamente, você encontra momentos de felicidade, momentos de êxtase, momentos de alegria, e, na minha opinião é isso: a questão da poesia da vida é mais importante que a felicidade (MORIN, 2011).

A partir do material exposto, elegi o "tempo" como eixo para criarmos os treinamentos psicofísicos. Séries de exercícios criados com o objetivo de desenvolver a relação do corpo e alma com o tempo, com manipulações do tempo enquanto velocidade e intensidade, desde a dilatação até a diminuição mais severa, e sempre a partir da espacialidade de cada pessoa, das possibilidades de manusear e rearranjar móveis, adereços, objetos pessoais etc. Criar espaços imaginários concretos para o fazer artístico-teatral poder existir. Os princípios de tempo-ritmo, liberdade muscular, circunstâncias e ação estiveram sempre presentes como norteadores das reflexões propostas a partir dos treinos.

Quais os efeitos do evento do tempo móvel?

No treinamento experimentamos o tempo, como um conceito elástico ou líquido, não ocupando um lugar rígido em nossa consciência. Que pontos de referência foram incorporados ao seu sentido de tempo?

Ainda conhecendo os caminhos do buscar, por meio do conceito de Circunstâncias e Acontecimentos no Sistema Stanislávski, o coletivo foi convocado a eleger um fato ou evento significativo em relação ao mundo / planeta, nomeá-lo e usá-lo como referência ou ponto de partida para criação de um estudo de cena cujo objetivo era expressar, na ação e relação, a realidade como ela se apresenta e flui em nós. A citação abaixo, que compõe o projeto tema da escola, foi a inspiração para a proposição do estudo.

De acordo com Del Río e Álvarez (2007), Vygotsky atribuía essencial importância às artes e às criações culturais. Sua crença no papel da cultura na formação da consciência levou-o a investigar a arte como expressão humana, cujos estudos resultaram na publicação do livro intitulado "Psicologia da Arte", em 1926. Segundo Vygotsky (1916/1999a), a arte está em constante relação com a realidade objetiva, e intrinsecamente ligada à vida e às relações sociais de uma determinada época, sendo possível entender que "o material para o conteúdo e estilo artísticos são apreendidos da realidade e trabalhados a partir dela" (CAPUCCI: SILVA, 2018, n.p.)

Algumas referências literárias do Sistema Stanislávski conduziram e permearam as discussões e encaminhamentos dos estudos nesta etapa, são elas: "Para uma ética no teatro" e "A vontade criadora, em *Stanislávski – Vida, Obra e Sistema* (VÁSSINA; LABAKI, 2016) "Ação autêntica em Stanislávski Revivido" e "Ensaio através de *études*, em *Análise-Ação* (KNEBEL, 2016).

As respostas dadas aos estímulos até aqui me levaram a propor exercícios exploratórios e indicações de estudos de cena, ainda sem que o coletivo soubesse, a partir de temáticas e circunstâncias da obra *As Cadeiras*, de lonesco. O que mais me chamou atenção em tais respostas foi o empenho, por vezes tragicômico, das tentativas de estabelecer relação por meio de investidas fantasiosas,

por vezes com pessoas e objetos invisíveis, numa tentativa de dar conta de forjar ou suprir algo que nos faltava em função da necessidade do distanciamento social: o contato, a interação no mesmo tempo e espaço. Neste aspecto caótico de comunicação foi que, ainda intuitivamente, me remeti ao universo do teatro do absurdo.

Estimulado por essa intuição de pesquisar a obra *As Cadeiras*, de lonesco, transitamos para a etapa chamada aqui de Vivência, engajando energia em compreender que a etapa de Busca não finda, a ela se acrescenta a possibilidade de vivenciar o universo de uma obra dramática e seu autor ou autora como vislumbre de um repertório poético para a criação.

### Memórias do processo de Vivência: criar modos de ser, existir e agir em circunstâncias propostas por uma narrativa e suas camadas / planos poéticos.

No aprofundamento de nossas descobertas com a questão do tempo, propus ao coletivo de artistas criadores uma espécie de circularidade no que vejo inicialmente como território de desbravamento das temáticas da obra, ainda que não tenham entrado em contato diretamente com as imagens propostas pelo autor. Me perguntei: como proporcionar uma análise sensível da obra? Aproximei uma das indagações do nosso projeto tema, do vasto e profundo teor da obra para tatear as reações corpo e pensamento do coletivo.

Ao recordar o período de trabalho com este texto (O Grilo na Lareira), Rakhmánov nos conta um pequeno causo. Em uma viagem feita a uma aldeia de pescadores norueguesa especificamente no verão de 1914, o compositor observou como os homens cantavam de duas formas distintas enquanto jogavam suas redes ao mar e resolveu ir atrás de alguém que pudesse explicar-lhe os diferentes cantos ali ouvidos. Acabou encontrando um tradutor que o apresentou ao velho pescador estaroste do artel e, diante de ambos, pediu explicações sobre o porquê de algumas vezes a canção ocorrer em tom menor - de forma mais melancólica -, e outras, em tom major - majs alegre. Ao que o estaroste respondeu: "É muito simples, quando a pesca é boa, então nós cantamos 'Somos pessoas ruins, porque nós acabamos com você que é um peixe; e você tem filhos que precisa cuidar, como nós; somos ruins porque pescamos você e matamos para conseguir comida para nós mesmos.' E quando a pesca é ruim, canta--se uma canção em dó maior 'Que bom, peixe, que você não caiu em nossa rede; que ainda pode viver e aproveitar a liberdade do mar!'. Assim era o conteúdo desta maravilhosa canção em dó maior e menor. Eu registrei, trouxe-a para Moscou e a primeira coisa que fiz foi contar este caso a Leopold Antônovitch [Sulerjíski]. Leopold Antônovitch se alegrou: 'Isso que o senhor está contando é muito humano! E já que nosso Grilo falará sobre as relações entre as pessoas e sobre o seu amor de uma para com a outra. isso servirá infalivelmente'. Quando dei a

última demão na canção, ela foi aceita sem reservas. Assim surgiu a polca para o final da peça – em memória daqueles peixes e daquela atitude para com eles, que testemunhei na Noruega no verão de 1914" (ME-RINO, 2020, p. 12).

A partir da citação acima e em duplas, as atrizes e atores, tiveram um tempo para conviver – esse foi o estudo de cena – conviver e dedicar-se ou dedicar uma canção a quem está em jogo comigo. Estive atento ao que se apresentava diante de nós para pescar instantes que pudessem se transformar em provocações para incitar a imprevisibilidade e, portanto, o jogo. Tais provocações eram indicadas diretamente à atriz ou ator via *chat* privado. Momentos de muita beleza começaram a se constituir na experiência, e então refletimos:

- Como foi lidar com essas provocações absurdas para abrir espaços entre nós?
- Como se sentiram?
- O que é estar presente e se relacionar na experiência prática?

Como desdobramento das falas e escritas que surgiram dos questionamentos e também excitado pela possibilidade de mover a ferramenta *online* e abrir fissuras de contatos com o mundo fora da sala de aula (agir e pensar o "planetário"), desafiei o coletivo na criação de um estudo de cena em grupos e na relação com pessoas de fora do nosso processo criativo, por meio das redes sociais, amparados pelo *script* abaixo – "Experimento de pesquisa: DESPERTAR":

GRUPO DE ATORES E ATRIZES EM FORMAÇÃO: SUPEROBJETIVO LINHA AÇÃO DETALHAR O PASSO A PASSO DA EXPERIÊNCIA: Onde irá **ACONTECER?** Com guem irá **ACONTECER?** 

Como irá **ACONTECER?**Quando irá **ACONTECER?**Por que deverá **ACONTECER?** 

Referências bibliográficas: Supertarefa – Acontecimento e Circunstâncias Propostas.

O grupo 1 partilhou um estudo cênico a partir da história dos pescadores, em suas redes sociais, pedindo que as pessoas deixassem uma palavra fundamental nos comentários, que refletisse como a narrativa da história as / os tinha afetado. No final do experimento criaram uma artedesenho que contemplou todas as contribuições dos participantes. O grupo 2 entrou em contato por telefone com pessoas com as quais não viam ou falavam há algum tempo e abriram espaço na conversa para que as pessoas falassem de si, de momentos patéticos vividos durante o período de isolamento social. Ambos os grupos partilharam suas experiências e a feitura dos materiais do experimento em sala de aula.

O caminho percorrido até aqui, em especial os dois últimos estudos de cena, o material de discussão gerado por eles, e também nosso cronograma de estudos, me motivaram a anunciar a obra *As Cadeiras*, de lonesco, oficialmente como material dramático para gerar a continuidade das nossas investigações do Sistema Stanislávski e do projeto tema. Como primeiro trabalho focado conscientemente na vivência da obra anunciada,

encaminhei o Seminário Artístico sobre o universo do autor lonesco e o Teatro do Absurdo, em duas frentes de exposição:

Grupo 1 – criação de um podcast Grupo 2 – criação audiovisual – MP4

Concomitante ao desenvolvimento e partilhas do Seminário Artístico sobre o universo do autor lonesco e o Teatro do Absurdo, seguimos com nossos treinamentos e estudos de cena de circunstâncias propostas na obra e/ou análogas a elas:

- Criar um modo silencioso de dizer ao mundo o sentido da sua vida e uma mensagem que salvará a humanidade.
- Primeiras impressões da obra em imagens colocadas em jogo no treinamento.
- A partir das partituras criadas no treinamento e frases geradas pelas primeiras impressões da obra, a criação de monólogos.
- Abertura de espaço e escuta entre os monólogos criados, como possibilidade de jogo.

Encerramos esse período de primeiros passos no território da obra com a seguinte citação sugerida: "Somos pequenas expressões do universo a nossa volta, tudo está em tudo."

Respirar! Quantas novidades e complexidades na matéria do teatro, do fazer da atriz e do ator se apresentou diante de nós, no contato com a obra de lonesco? Fizemos uma parada de retomada do nosso percurso até aqui.

 O que me atravessou e me confundiu no momento presente?

- Ou, como a arte teatral pode juntar esforços coletivos?
- Ou, como o processo de criação pode estabelecer uma consciência coletiva de que a arte do ator é um enorme meio de educação e elevação?

Palavras-chave que emergiram de tantas perguntas sem respostas, mas permeadas de anseios por um "DESPERTAR" para a obra, para o Sistema, para o teatro, para si mesmo: ausência – vazio – buraco.

"Como artistas podem estar conscientes do curso que a existência humana está seguindo e também daquilo que está **faltando** em nossas relações humanas atuais?" (Provocação proposta no projeto do tema da mostra.)

Instigados por explorar na obra a circunstância / fato de que as únicas três personagens do texto constroem sua trajetória na relação com convidadas e convidados que não existem e que não devem ser representadas por atores e/ou atrizes – indicação reafirmada pelo autor em várias rubricas – iniciamos os treinamentos psicofísicos e estudos de cena discutidos e aprofundados a partir das palavras chaves acima citadas, tendo como ponto de partida trechos eleitos na obra.

Cito abaixo alguns dos títulos dados aos estudos de cena na relação com os trechos da obra, nomeações que permitiram propor estruturas para os estudos de cena e aberturas para compreensões de camadas da obra:

- 1. Qual o seu vazio o que está faltando? [Relação com a última rubrica da obra].
- 2. Amigo ou amiga imaginária. [Relação com os convidados e convidadas da obra].
- Qual a tua mensagem? O que irá salvar a humanidade? [Relação com trechos da primeira parte da obra, de acordo com a nossa divisão das unidades de ação].
- 4. Confissões! [Relação com o que se revela nos espaços entre os encontros das personagens da obra e os convidados e convidadas?]

Creio que aqui já é possível ver, ainda que como um esboço, sentidos criados coletivamente para o ato de buscar e vivenciar. As palavras chaves começam a desenhar o que viria a se tornar nossa Supertarefa e Linha de Ação, no trânsito encadeado para a etapa Encarnação.

## Memórias do processo de Encarnação: caminhos para além da narrativa da obra – recriar cenicamente as circunstâncias – torná-las nosso corpo, carne, matéria.

Nesta etapa do processo nomeio em forma de pergunta e apresento para o coletivo com caráter provisório, a nossa Supertarefa: quais são os buracos, vazios e ausências do mundo?

A Supertarefa constituída como pergunta nos move para o aprofundamento dos estudos a partir de trechos da obra e geram novos estudos também nomeados por nós em nossos interesses de investigações, identificações e estranhamentos com a obra.

Nosso esboço de Linha de Ação se estabelece como "tentativas de preencher o vazio". Essa Li-

nha de Ação nos permitiu estruturar os estudos esteticamente em cenas curtas individuais, em duplas e coros.

Ainda nesta etapa, participamos da abertura de processo e estruturamos em síntese algumas cenas, um roteiro de ações que pudesse ser feito e refletido no encontro com outros processos de criação da escola. Destaco a importância desse desconfinamento do processo criativo. Colocá-lo em diálogo, ainda que em síntese, abre registros potentes de como caminhar a partir do material que já existe. Traz uma espécie de fé para a Supertarefa e Linha de Ação, porque permite que o coletivo de criação veja e ouça como o trabalho chega ou não chega nas pessoas que estão assistindo e que têm espaço de fala. Permite que olhemos de fora, que consigamos ter lampejos do trabalho como um todo, e não só em pequenas partes como vinha sendo construído e visto pelo olhar de dentro.

Voltamos da abertura de processo fortalecidos pelas trocas. Começamos a fazer acontecer, concomitantemente, alguns modos de produção do nosso experimento cênico: sinopse, imagens de divulgação, *teasers* etc. Esse trabalho, no meu olhar, não só é também criativo, como vai margeando um olhar sensível do coletivo com a obra cênica que está sendo tecida e lapidada.

Nossa Supertarefa, Linha de Ação e encadeamento dos estudos cena nos permitiram começar a encarnar um roteiro de ações para o experimento cênico que chamamos de *BURACOS*. A cada experimentação, indicações e mudanças necessárias para a verticalização do nosso roteiro de ações. Estávamos caminhando para a etapa do Impacto, onde nossa criação seria posta em partilha e diálogo com o público.

Abro a seguir a escrita da última versão do nosso roteiro de ações, na expectativa de que essa leitura possa fluir com mais potência imaginativa e reflexiva. Esse roteiro / dramaturgia cênica corresponde honestamente aos momentos de mais liberdade criativa das atrizes e atores, no jogo com a obra *As Cadeiras*, de Ionesco, em O Despertar Para uma Consciência Planetária.

#### **ROTEIRO DO EXPERIMENTO CÊNICO**

#### **BURACOS**

S. T.: QUAIS SÃO OS BURACOS, VAZIOS E AU-SÊNCIAS DO MUNDO?

L. A.: TENTATIVAS DE PREENCHER O VAZIO.

- 1. (Público entrando no Zoom enquanto as pessoas são aceitas gradativamente na sala principal, ouve-se o som de login as câmeras das atrizes e atores se abrem e fecham, dizem repetições que se encerram em uma sobreposição de palavras até que não se entende mais o que estão dizendo.) Atrizes e atores: Boa noite senhora / senhor (nome da pessoa que veio assistir), tenha a bondade de entrar e sentar em sua cadeira. Estamos encantados em recebê-lo essa noite / Boa noite senhora / senhor (nome) muito prazer em conhecê-lo...
- ...Cuidado, não vá estragar o seu microfone e a sua câmera, mantenha esse microfone e câmera desli-

gados, será mais cômodo.

...Enquanto espera pode sentar na sua cadeira, coloque seu casaco de peles aí. Aqui não há perigo, você está seguro.

...Vocês são muito amáveis em interessar-se por nós.

...Tem mais alguém chegando?!?! Esperamos muitas outras pessoas. Tenha a bondade de nos acompanhar essa noite. Sentem-se por favor em suas cadeiras...

2. (Sobra a câmera da Luisa – ela faz um barco de papel – ouve-se o barulho do tanque enchendo de água- torneiras abertas – ela brinca com o barco de papel na água. Silêncio por talvez 3 minutos. Ela ouve e reage na brincadeira com o barco.)

Marina: Fecha a sua janelinha (câmera ou quadradinho), vai sentar.

**Arian:** Pode cair na água, vá sentar, é preciso ter cuidado.

**Brida:** É preciso ter cuidado, você sabe o que pode acontecer, não sabe? Você conhece a história, não conhece?

**Luisa** (voz – o foco da imagem é o barco e a água): *Outra vez esses exemplos. Tô cansada de exemplos, tô cansada de exemplos da história. Tô cansada da história. Quero ver barcos na água, eles parecem manchas ao sol.* 

**Brida:** Não podes ver – não há sol. Agora é noite. Está escuro, vá sentar, não verás barcos, a água está parada. É uma pena. Está escuro.

(Áudio ecos das palavras: "história – não podes ver – agora – noite – está escuro - tudo está cercado de água – a água está parada".)

(Luisa afunda e despedaça o barco de papel na água do tanque, puxa a tampa e vemos a água

escoar pelo buraco do tanque. Foco no buraco do tanque.)

**3.** (Música instrumental "Closer – Quasimoto Madlib". Gabriel e Ingrid abrem suas câmeras – ao lado uma pilha de roupas diversas – se preparam / se arrumam para o que irá acontecer essa noite – ainda na relação com a imagem do buraco do tanque que sairá de cena em algum momento. A preparação é desajeitada / exagerada, gradativamente vestem sobreposições de tecidos e acessórios durante o diálogo, até que terminam como duas grandes montanhas de roupas.)

**Ingrid:** Estou tão orgulhosa de você, estou feliz que tenhas finalmente decidido falar ao nosso Brasil, a todos os países, a todos os continentes, ao nosso planeta.

**Gabriel:** Eu tenho tanta dificuldade em me expressar, não tenho facilidade.

Ingrid: a facilidade vem ao começar, como a vida e a morte...Basta estar decidido. É ao falar que vêm as ideias, as palavras, e nós também, em nossas palavras deixamos de ser órfãos. Você convocou todas as pessoas para essa noite? É realmente pra essa noite? Convocou todos os empresários, os chefes, os grandes, todas as pessoas que entendem, os políticos, a polícia militar, civil, federal, os chefes de Estado, Ministros, Senadores, Deputados, Presidentes...

(Ingrid repete as pessoas que foram convocadas para essa grande noite, enquanto Gabriel responde "sim", com gestos e expressões afirmativas. A preparação com as roupas e acessórios vai chegando no ápice enquanto repetem, até que terminam como duas grandes montanhas de roupas – pausa.)

(Gabriel se aproxima lentamente da câmera, deixando cair de si a montanha de roupas.)

**Gabriel:** eu convoquei vocês essa noite para comunicar uma mensagem. Uma mensagem que durante toda a minha vida senti que me sufocava e agora vocês saberão qual é. Só vocês podem me compreender. Nem tudo está quebrado, nem tudo está perdido. Direi tudo a vocês essa noite, explicarei, tenho uma mensagem e é preciso viver, é preciso lutar por essa mensagem.

(Pausa – câmeras abrem e fecham no jogo das cadeiras para dizer o texto abaixo como em um jogo mecânico de repetições / palavras vazias.)

Atrizes e atores: "É preciso viver, é preciso lutar por tua mensagem. Tenho uma mensagem, é verdade, eu luto, tenho uma missão, tenho alguma coisa na barriga, uma mensagem a comunicar à humanidade, à humanidade..."

- **4.** (Transição para a cena coletiva / música "Buraco no Céu" Débora tira papéis dos buracos do corpo terminam coletivamente no buraco da boca engolindo a câmera.)
- **5.** (Gisele Gira, gira, gira...Quanto mais a gente avança, mais a gente afunda.)

**Gisele**: São (ver o horário do momento presente), já é noite. Vocês se lembram? Antigamente não era assim; ainda era dia às (horário do momento presente), às dez horas, à meia noite. As coisas mudaram muito, as coisas mudaram muito, as coisas mudaram muito, as coisas mudaram muito. É por causa da Terra que gira, gira, gira... Quanto mais a gente avança, mais a gente avança, mais a gente avança, mais a gente afunda... (repetições até o ápice em

que cai no chão.)

(Transição com o áudio do vídeo da aula de ginástica. Gisele levanta rapidamente e começa a repetir o que é dito e feito na videoaula – tentando resistir, persistir em seu vazio. Gradativamente as atrizes e atores entram no mesmo jogo.)

**6.** (Transição para o Patrick ensinando uma coreografia / ginástica para levantar a autoestima "Hoje eu tô muito feliz", música "Tindolelê" – Xuxa - que será a abertura da *live* "A Ausência na Presença e a Presença na Ausência". Fecham as câmeras durante a coreografia / sobram Marcus – Rotiely e Luisa e o compartilhamento da tela com anúncio da *live* / música diminui lentamente.)

Marcus: Bem-vindos e bem-vindas à nossa live "A Ausência na Presença e a Presença na Ausência". Estamos aqui para responder a todas as perguntas, NÓS TEMOS UMA MENSAGEM e é preciso viver, é preciso lutar por nossa mensagem. Temos uma mensagem, é verdade, nós lutamos, temos uma missão, temos alguma coisa na barriga, uma mensagem a comunicar à humanidade, à humanidade...

Roty: É isso mesmo Marcus, nós temos uma mensagem e estamos abertas para todas as perguntas. Luisa (se relaciona com a câmera como se estivesse ouvindo uma pergunta – amigos / seguidores invisíveis): Olha essa pergunta maravilhosa de um seguidor muito, muito, muito importante: "Qual é a nossa luta?"

**Roty:** Bom, a nossa luta é... É uma luta. Uma grande luta. Eu luto para... Ele luta para... Ela luta para... Nós lutamos para...

**Marcus** (se relaciona com a câmera como se estivesse ouvindo uma pergunta): *Certo, boa pergun* 

ta, gostei: Como fazer para desmascarar? O processo de desmascaramento é a ação de desmascarar. Quando a gente desmarca não tem mais máscaras, por quê? Porque aconteceu o desmascaramento, que é o processo de desmascaramento, ou seja, a ação de desmascarar.

**Luisa** (se relaciona com a câmera como se estivesse ouvindo uma pergunta): *Essa é pra você Roty, ouviu (?): o que você perdeu na sua vida?* (Marcus se despede como que impedindo a Roty de responder **à** pergunta.)

**Marcus:** essa foi mais uma live "A Ausência na Presença – A Presença na Ausência". (se despede com gestos e sorrisos – volta a música "Tindolelê" como se fosse uma vinheta de encerramento da live. Luisa e Roty permanecem para a transição.)

7. (Roty começa a procurar algo em seu espaço, gradativamente constrói um desespero / ansiedade por não achar – na relação com a Luisa – ininterruptamente durante toda a cena.)

Luisa: O que foi que você perdeu?

**Roty:** Eu perdi a... Na verdade, eu acho que deixei aí com você em algum lugar. Foi isso, eu perdi, foi isso que eu perdi.

**Luisa:** O que você perdeu? Onde está o que você perdeu?

**Roty:** *Procura aí, procura pra mim, eu perdi... perdi...* (cai no choro grotesco – como uma criança – propositalmente infantilizada.)

**Luisa** (muito sarcasticamente): Não fique assim meu benzinho, você podia ter sido tanta coisa na vida, você podia ter se tornado presidentA – chefA, rainha-chefA, doutorA-chefA, marechalA-chefA... Isso se você não tivesse perdido a sua...

(Luisa canta músicas infantis para Roty, que ao escutar, radicaliza um choro propositalmente infantilizado. Transição com Brida abrindo sua câmera na relação com sua gaiola de pássaros – Luisa e Roty fecham na relação com o que está acontecendo / com o que estão fazendo.)

8. Brida (fala com os pássaros): Eu podia ter sido..., mas eu nunca...eu nunca...eu nunca...eu nunca... (repetições – pausa) Do que teria nos adiantado? Não teríamos vivido melhor com isso. Além do mais, temos uma situação, eu sou..., sou... (pausa – consolando os pássaros na gaiola) Além do mais do que teria adiantado pra vocês? Vocês não teriam vivido melhor se... Vocês têm uma situação, vocês são... (pensando), vocês são...

(A câmera da Brida permanece ligada com foco na gaiola dos pássaros.)

**9. Débora:** Assim eu me aborreço muito. Eu estava muito mais alegre no começo disso tudo aqui, quando estava olhando a água, o barquinho, a dança, as musiquinhas... Para nos distrair, façam como fizeram na outra noite?

**Atrizes e atores** (apenas microfone aberto): *Faça você.* 

Débora: É a vez de vocês.

**Atrizes e atores** (apenas microfone aberto): *Não*, *é a tua vez.* 

**Débora** (insiste): É a vez de vocês. Marina, abre a câmera e imita o mês de janeiro (insiste até Marina abrir e fazer a careta e o corpo do que significou o mês de janeiro pra ela. Débora se diverte e gargalha durante o jogo.)

(Joga com cada mês e cada pessoa do elenco.)

**Débora:** É a vez da Ingrid, imita fevereiro?

(Ingrid abre a câmera e faz a careta e corpo do que significou o mês de fevereiro pra ela. Débora se diverte e gargalha cada vez mais e mais e só chama o mês a partir daqui – a partir daqui atrizes e atores não fecham mais suas câmeras, permanecem ligadas nas caretas e corpos dos meses que Débora segue chamando.)

(Março - Gabriel / abril - Marcus / maio - Roty - junho / Débora - julho / Luisa - agosto / Patrick - setembro / Brida - outubro.)

**Débora** (rindo descontroladamente enquanto as câmeras das pessoas-meses do ano são ligadas e desligadas): *Novembro, dezembro... janeiro, fevereiro, março, abril, maio, junho... setembro, outubro... dezembro...* 

(Transição: Débora fecha a câmera e mantém seu áudio gargalhadas e meses até sua voz ir sumindo gradativamente. Enquanto isso Arian abre a câmera de terno e gravata, ao lado do seu quadro da infância. Gabriel abre a câmera e compartilha a tela de um game que joga com o Arian.)

**10. Gabriel:** *Vai ...* (diálogo / xingamentos dos jogadores tentando vencer o jogo.)

**Arian:** *Te peguei, agora eu te matei, matei, matei* (diálogo / xingamentos dos jogadores tentando vencer o jogo.)

(Gisele / Mãe abre a câmera e observa o jogo por um tempo, lixando as unhas. Fim do jogo, sai o compartilhamento da tela do game e Gabriel fecha a câmera.)

**11. Arian** (Gisele vai jogando, confirmando, consolando Arian): *Eu perdi, perdi de novo. Poxa, eu joguei tão bem. Eu podia ter vencido. Eu podia ser* 

o vencedor. Eu enganei todo mundo direitinho. Eu fui no debate, eu falei o que as pessoas queriam ouvir, eu paguei todo mundo que precisava pagar, lancei várias fake News, eu me fiz de coitadinho... Eu queria tanto ganhar.

**Gisele:** Meu bem, meu benzinho, meu menino... Já sabes, tú és tão, tão, poderias ter sido algo mais na vida.

**Arian:** Sejamos modestos, a gente tem que se contentar com pouco.

**Gisele:** Meu bem, meu benzinho, meu menino, será que você destruiu sua vocação?

**Arian** (choro propositalmente infantilizado): *Eu quebrei? Eu a destruí? Onde está a minha mãe, mamãe, mamãe, mamãe...* 

Gisele: Estou contigo, não tenha medo.

**Arian:** Você não é minha mãe. Quem irá me proteger? Quero a minha mãe! Estou completamente destruído, estou dodói, minha vocação me dói, ela se quebrou...

**Gisele:** Mas eu tô aqui me benzinho! Está partindo o meu coração, não chore!

(Atrizes e atores sarcasticamente jogam abrindo e fechando suas câmeras – cantarolando as reclamações do Arian, imitando a Gisele, como se estivessem falando com um bebezinho. Transição Patrick abre a câmera sentado na poltrona / cadeira – terno – segura uma rosa. Pausa.)

**12. Patrick** (para Marcus): *Vai, me conta a história. Você sabe, a história: "Então a gente riu".* (Enquanto isso muda de espaço para a grade, onde fará também a fogueira.)

**Marcus** (abre a câmera – está no escuro): *Outra* vez? Tô cansado dessa história "Então a gente riu?"

Mais uma vez você me pede para contar a mesma coisa: "Então a gente riu". Mas é uma história monótona. Toda noite, absolutamente toda a noite você quer que eu conte a mesma história, me faz queimar as mesmas coisas. Toda noite, absolutamente toda noite você coloca fogo nas mesmas coisas.

Patrick: Eu não me canso disso. É a nossa vida, a história da nossa vida, do nosso planeta. Eu me apaixono. É como se eu esquecesse tudo, tenho o espírito novo a cada noite. Eu esqueço tudo, tudo, tudo, tudo, tenho um espírito novo a cada noite. Vai, conta a tua história, que é também a minha, que é também a de cada pessoa que está aqui essa noite, o que é teu é meu, o que é teu é nosso. "Então a gente riu.".

Marcus: Então a gente riu... Patrick: Então a gente riu.

Marcus: Então a gente riu (desenvolver o texto da história – página 97) ... E Paris pegou fogo, e o Japão pegou fogo, os Estados Unidos pegou fogo, a Amazônia tá pegando fogo, o Brasil tá pegando fogo...O planeta tá pegando fogo.

(No final da história "Paris pegou fogo..." comparti-Ihamento de tela do Google Earth, brincando com aproximação e distanciamento de várias partes do globo terrestre. O jogo entre Marcus e Patrick é cômico, eles riem — Marcus fala os lugares que estão pegando fogo, Patrick levanta as folhas de papel [que já devem estar escritas com os nomes dos lugares] mostra pra câmera e queima na fogueira. Até que Marcus fecha a sua câmera, permanece Patrick com a câmera aberta e foco na fogueira. Transição Gabriel abre a câmera em posição de "sentido". Patrick fecha câmera foco da fogueira. Atrizes e atores abrem e fecham suas câmeras jogando com a posição de "sentido". Sobra apenas Roty e Patrick.)

**13. Roty:** *Você não tem outra opção. Não! Não! Não!* (repetições enquanto Patrick reage.) (Patrick reage ao comando da Roty: prende o ca-

belo, posição de sentido, abotoa a camisa, posição de sentido, coloca o sapato, posição de sentido...) **Luisa – Marina - Brida** (intercalam apenas vozes / microfones abertos – intensifica-se o jogo silencioso entre Patrick e Roty): *Eu me sinto traída. / Por que eu fui traída? / Eu tô sofrendo. / Por que eu tô sofrendo? / Nós somos fomos humilhadas. / Nós fomos humilhadas. / Nós estamos doentes. / Por que estamos doentes? / Nós estamos doentes. / Nós queremos ser salvas.* 

**Roty:** *Não! Não!* (a partir daqui continua repetindo, ordenando, com microfone desligado.) (Pausa.)

**Patrick** (desfazendo – solta o cabelo, tira os sapatos - enlouquece): *Sim! Sim Sim!* (repetições para transição. Marcus abre a câmera.)

Marcus (câmera posicionada no alto — de pé e olha para a câmera): O fato é que tivemos um filho... (Gabriel abre a câmera com nariz de palhaço e uma guitarra nas mãos) Ele ainda vive, claro... Foi-se embora... É uma história comum... Um tanto inesperada... Abandonou os pais... Tinha um coração de ouro... Já faz muito tempo... Nós que o amávamos tanto... Ele bateu à porta... Tentamos segurar ele com força... Tinha sete anos, a idade da

razão, gritei para ele: "Meu filho, minha criança, meu filho, minha criança..." Ele não virou a cabeça...

(Marcos coloca - diante da câmera aberta - sua roupa e adereços de mãe e durante a fala de Gabriel, faz gestos de negação – nega o que está sendo dito sobre ele / ela – a mãe / o pai.)

Gabriel: Eu dizia "Vocês mataram os passarinhos! Por que matam os passarinhos?" Eu tinha lágrima nos olhos e não deixava que enxugassem, não deixava que se aproximassem de mim... Eu mostrava meus punhos pequenos e dizia "Vocês mentem, vocês me enganaram! As ruas estão cheias de passarinhos mortos, de criancinhas que agonizam...O céu está vermelho de sangue! O céu está vermelho de sangue!

(Marcus nega com gestos cada vez mais fortes até perder o controle, intensifica-se as afirmações do Gabriel.)

**Gabriel:** O céu está vermelho de sangue. O céu está coberto de sangue. O céu está coberto de sangue.

(Transição – Música "Buracos Negros", de Matheus Souto – Débora abre a câmera e olha fixamente até o final da música.)

**Débora:** Tudo está no BURACO. No grande BURA-CO. Completamente no BURACO. Se querem saber TUDO ESTÁ NO GRANDE BURACO, COMPLETA-MENTE NEGRO. NO BURACO NEGRO. O BURACO NEGRO É LINDO. (suspira como que encaminhando o final do experimento) **Última** história a ser contada essa noite. A última, eu juro. É a história de alguns buracos dele, alguns buracos dela, alguns buracos meus, seus, buracos nossos.

(Ingrid abre a câmera com roupa de festa – já sentada na cadeira da piscina – e muito interessada na última história dos buracos da Débora – Ingrid está livre para fechar sua câmera sempre que se desinteressar – a regra do jogo é que Débora não pode seguir na história dos buracos, se a Ingrid não estiver muito interessada na história e, portanto, de câmera aberta.)

**Débora:** Ela disse para seu buraco: "Veja, há pessoas felizes. Pela manhã fazem seu desjejum num avião, ao meio-dia almoçam num trem, a noite jantam num barco. Dormem de madrugada em caminhões que rolam, rolam, rolam..." Ele disse para um outro buraco:

"Vocês querem falar de dignidade do homem? Tratemos apenas de salvar a cara, a dignidade não é senão as costas. Eu lhes convoquei para explicar que o indivíduo e a pessoa é uma única e mesma pessoa." Ela disse para o mesmo buraco de sempre: "Desconfiem uns dos outros." Ele respondeu a outro buraco: "Há buracos por onde ela escapa". (Para o jogo – na relação direta com a Ingrid.)

**Débora:** "Há buracos por onde ele escapa." "Há buracos por onde eu escapo." "Há buracos por onde por onde você escapa. Buracos por onde nós escapamos."

(Pausa – ainda e mais intensamente na relação com a Ingrid.)

**Débora:** "Há buracos por onde você escapa". (Débora fecha a câmera – pausa.)

Ingrid: É isso gente. Isso é quase tudo. Nós convocamos vocês essa noite para comunicar uma mensagem. Uma mensagem que durante toda a nossa vida sentimos que nos sufocava e agora

vocês saberão qual é. Só vocês podem nos compreender. Nem tudo está quebrado, nem tudo está perdido. Diremos tudo a vocês ainda essa noite, explicaremos, temos uma mensagem e é preciso viver, é preciso lutar por nossa mensagem. (pausa) Como eu tenho muita dificuldade em me expressar, chamei ELE (Patrick abre a câmera - está no terreno baldio. Ingrid continua...), nosso grande, maravilhoso Patrick que irá desempenhar nessa cena o papel de Orador. Ele irá dizer tudo aqui que precisa ser dito hoje – A NOSSA MENSAGEM. Obrigada a todos e todas que vieram, que trouxeram ajuda moral, preciosa e competente, contribuindo assim para o sucesso total desse experimento, dessa videochamada... dessa reunião... dessa festa! (Atrizes e atores abrem suas câmeras, sorrindo, se despedindo com as mãos - fecham as câmeras.)

Ingrid: Deixarei vocês com o grande Orador Patrick. Obrigada ao céu que nos concedeu tão longos e pacíficos minutos. Nossa vida nesse experimento foi bem cumprida, nossa missão se cumpriu. Não teremos vivido esse experimento em vão, pois nossa mensagem será revelada ao mundo. Ao mundo, ou melhor, ao que resta dele. A vocês, senhoras e senhores, caros companheiros e companheiras... (Atrizes e atores abrem NOVAMENTE suas câmeras, sorrindo, se despedindo com as mãos – fecham as câmeras.)

**Ingrid:** Se fui desconhecida por muito tempo, subestimada por meus companheiros e companhei-

ras, é que devia ser assim. Tudo isso não importa agora, pois confio a ti, meu caro amigo e grande orador Patrick, o cuidado de fazer irradiar a posteridade da luz do nosso espírito. Faça então o universo conhecer a nossa filosofia, a nossa mensagem. (Ingrid caminha em direção a piscina – nós não

**Patrick:** A vocês ... senhoras, senhores, companheiros e companheiras...

(Atrizes e atores abrem NOVAMENTE suas câmeras, sorrindo, se despedindo com as mãos – fecham as câmeras.)

**Patrick:** ...que são o resto da humanidade, mas com esses restos ainda se pode fazer uma boa sopa. Com vocês que são o resto da humanidade, ainda se pode fazer uma boa sopa.

(Ingrid cai na piscina de costas, vestida com sua roupa de festa- sucessão de mergulhos / e repeticões.)

**Patrick:** Com vocês que são o resto da humanidade, ainda se pode fazer uma boa sopa.

(Ingrid fecha câmera.)

vemos a piscina.)

(Patrick vira de costas para a sua câmera e caminha lentamente até desaparecer no terreno baldio. Devemos ficar com essa imagem de fim, com o vazio, ausência, buraco, por um tempo estendido – talvez cinco minutos depois que Patrick desaparece – A câmera de Patrick é desligada.)

FIM

### Memórias do processo de Impacto: quais os rastros de aprendizados o processo deixou em nós?

Foram dois dias de apresentações e rodas de conversa com o público na 2ª Mostra Investigativa Macunaíma *Online*. Arrisco dizer que tão ou mais belo do que poder partilhar com tantas pessoas as inquietações artísticas geradas pelo processo de criação da obra por meio das cenas – do experimento cênico, é poder conversar com as pessoas que as receberam, o público. Perceber os possíveis atravessamentos ou resistências, transformados em palavras e olhares, em perguntas, posicionamentos, presença e escuta.

Dia desses eu conheci uma mulher chamada Dona Dulce, ela mora no Canal do Jari em Santarém no Pará. O quintal da casa dela é cheio de vitórias régias. Ao contemplar seu jardim observou que alguns animais se alimentavam das plantas. Então pensou em experimentar algumas receitas à base de vitórias régias do seu quintal. A experiência, entre erros e acertos, foi um sucesso e ela criou muitas receitas que vêm sendo saboreadas por pessoas do mundo inteiro. Creio que o processo criativo teatral é um pouco disso, contemplar a nossa natureza, observar os movimentos em nossos jardins e assim criar modos de alimentar não só corpo, mas também a alma e disseminar mundo a fora.

Finalizo esse registro com mensagens das atrizes e atores em formação neste processo e de

pessoas que estiveram presentes nas apresentações, traduções que me tocaram e trazem em sua essência, perspectivas de continuidade em nossa formação artística e pedagógica. Penso que isso é fundamental nos processos de criação, que ao invés de se encerrar em si com verdades absolutas sobre a vida, que abram portas e gerem novos questionamentos, que os impactos nos movam a continuar!

No *link* a seguir, **é possível conhecer a documentação pedagógica do nosso processo criativo: <a href="https://sites.google.com/view/pami-xandre/andre-haidamus">https://sites.google.com/view/pami-xandre/andre-haidamus</a>>.** 

Estou aqui com muitas imagens da peça. O corpo sem cabeça caminhando no terreno instável leva para o quanto nós desconectamos desta única vida que recebemos sei lá de onde é de quem ou do que. Só sei que é única... minhas perguntas foram sendo respondidas na conversa ainda estou impactada pela leveza com profundidade, pelo encantamento no caos. Incrível como o caos tem sua beleza parece tétrico achar o belo na dor. Mas o que é o conceito de Belo? Fico aqui com meus questionamentos. Eu amei como vocês conduzem tudo e a imagem que me vem São buracos móveis no espaço e por isso a conexão tão forte pois não é a imagem de buracos estanques, de um você entra em outro, tudo está conectado (Silvia de Paula).

#### É pela ferida que a luz entra. Que é pelos buracos que conseguirmos enxergar o que temos que mudar achei, conectado com a peça de vocês (Gabriel Rochat.).

Ai, eu estou me sentindo muito triste. a maioria é de outra unidade então já não nos encontraríamos em sala nem estudaremos mais juntos, isso me corta o coração. e também, vou sair do teatro semestre que vem, mesmo que eu ame isso e queira isso pra minha vida, tenho uma situação. Eu só queria que vocês soubessem que essa turma capturou meu coração, me trouxe muita alegria, muita felicidade e eu não queria deixar ninguém ir embora. Obrigada por tudo! (Brida Andrade).

Gente, muito obrigada por essa experiência, por esse semestre, por toda a companhia desse semestre. Foi um prazer afundar mais um pouquinho nesse buraco de vida com vocês! Obrigada especial aos assistentes, que foram muito parceiros, disponíveis e amigos nesse grupo! Obrigada, Ma e Fe, pelo conhecimento e profundidade que levaram para as nossas aulas! E André, um obrigada especial a você, porque nenhum de nós imagina o que foi esse semestre pra você, mas quero te dizer que o nosso foi muito melhor com a sua presença. Obrigada por todo o aprendizado, a experiência, os baldes de água fria, o acolhimento. a sinceridade entre tantas outras coisas. Tenho certeza de que todos saímos com um leque de possibilidades, caminhos e descobertas, tanto no teatro quanto fora dele (Ingrid Gandolfi).

Mil vezes obrigado!!!! O início do semestre foi tímido, acanhado, mas o final foi incendiário, no

bom sentido.... rs. Gratidão a todos pela parceria, compromisso, aprendizados, descobertas, toques, novas formas de enxergar as coisas, pelos *études*, pelas investigações que nos trouxeram até aqui, por estarem presentes, mesmo ausentes.... Agora é encarar essa ausência, esse buraco nas noites de segunda, terça e quarta.... até a próxima pessoal, beijo no coração de todos vocês! (Marcus Malheiros).

Gente, muito obrigado por estarem de corpo e alma esse semestre, foram maravilhosamente incríveis, pessoas buscando por um objetivo: crescer. Agradeço ao Felipe Menezes por nos fazer viajar todas as aulas a tempos que nunca veremos de fato, foi gratificante aprender sobre o passado da nossa profissão. A Marcela Grandolpho por toda a técnica e habilidade para falar direito e não agredir nosso instrumento de trabalho, a voz. Ao André por ser esse gênio na arte de ensinar, compreender e aprender, sei que sem vocês esse semestre teria sido mequetrefe, meu muitíssimo obrigado aos assistentes Cynthia, Vitor e Léo pelo suporte, paciência e companhia. E por fim a toda a sala, meus colegas, amigos, irmãos, meu muitíssimo obrigado, vocês escolheram direitinho o que querem fazer da vida, o mundo é de vocês!!! Bravo, Bravíssimo!!! Amo a todos e espero encontrá-los mais uma vez (Gabriel Rochat).

Mais uma vez, parabéns pelo experimento! Fiquei muito apaixonada pela coesão como vocês foram tratando o tema. Tudo muito bem costuradinho. Uma palavra ressoa em mim e me joga para o começo da peça. (Autoria não identificada).

Pessoal, que honra a minha de ter dado assis-

tência a uma turma tão maravilhosa! Confesso que lá no começo do semestre eu até pensava "já fui inventar moda né, vou perder 2 noites da semana, mas na verdade só ganhei com vocês! Recomendo a todos essa experiência de serem assistentes algum dia, especialmente se conseguirem uma oportunidade com um professor tão sensível como o André. E sobre vocês especificamente. que delícia de processo! Que orgulho ver a evolução de cada um! Que felicidade ter dividido tantas noites crescendo juntos! Por favor nunca percam essa energia, essa vontade de fazer, essa disposição, essa força e amor pela arte. Quero muito trombar com vocês na vida real algum dia e quem sabe ainda dividir muitos palcos e brejas! Estarei sempre disponível para o que vocês precisarem (Chynthya Rodrigues).

Saudade / Saudade de tudo!... / Saudade, essencial e orgânica, / de horas passadas, / que eu podia viver e não vivi!... / Saudade de gente que não conheço, / de amigos nascidos noutras terras, / de almas órfãs e irmãs, / de minha gente dispersa, / que talvez até hoje ainda espere por mim... / Saudade triste do passado, / saudade gloriosa do futuro. / saudade de todos os presentes / vividos fora de mim!... / Pressa!... / Ânsia voraz de me fazer em muitos, / fome angustiosa da fusão de tudo / sede da volta final / da grande experiência: / uma só alma em um só corpo, / uma só alma-corpo, / um só, / um!... / Como quem fecha numa gota / o Oceano / afogado no fundo de si mesmo... (Enviado por Ingrid Gandolfi, de João Guimarães Rosa na obra Magna).

#### Referências Bibliográficas

CAPUCCI, Raquel Rodrigues; SILVA, Daniele Nunes Henrique. "Ser ou não ser": A *perejivanie* do ator nos estudos de L.S. Vigotski. **Estudos de Psicologia** (Campinas), Campinas, v.35, n.4, p. 351-362, dez. 2018. Disponível em: < <a href="http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0103166X2018000400351&Ing=en&nrm=iso">http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0103166X2018000400351&Ing=en&nrm=iso</a>. Acesso em: 20 jun. 2020.

KNEBEL, Maria. **Análise-Ação** – Prática das Ideias Teatrais de Stanislávski. São Paulo: Editora 34, 2016.

MERINO, Daniela S.T. Por um Teatro Que Seja Vivo – Seguindo os Passos de Stanislávski na Pandemia. **Caderno de Registro / Pesquisa Macu**, São Paulo, n.17, p. 6-27, 2° sem. 2020.

MORIN, Edgar. O caminho: para o futuro da humanidade. Fronteiras do Pensamento. 2011. Disponível em: <a href="https://youtu.be/V3t7UFTpDHE">https://youtu.be/V3t7UFTpDHE</a>. Acesso em: 17 ago. 2020.

ROSA, João Guimarães. **Magna**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

VÁSSINA, Elena; LABAKI, Aimar. **Stanislávski** – Vida, Obra e Sistema. FUNARTE: Rio de Janeiro, 2016. ■

### De quantos brasis se faz um Brasil?

#### DIRETORA-PEDAGOGA – CAMILA ANDRADE

Assistente de direção – Bia Rosa Atores e atrizes-criadores(as) – Alana Gonçalves, Danilo Apoena, Gabriel Gomes, Gustavo Higino, Jean Guilherme Ventura, Jhes Belém, Kauê William, Mayara Gentile e Rosaly Holanda

Esse é o relato do processo de criação da disciplina de Atuação da turma de PA 4 e PA 5 do período da noite na unidade Barra Funda, que aconteceu no segundo semestre de 2020 de maneira inteiramente *online*.

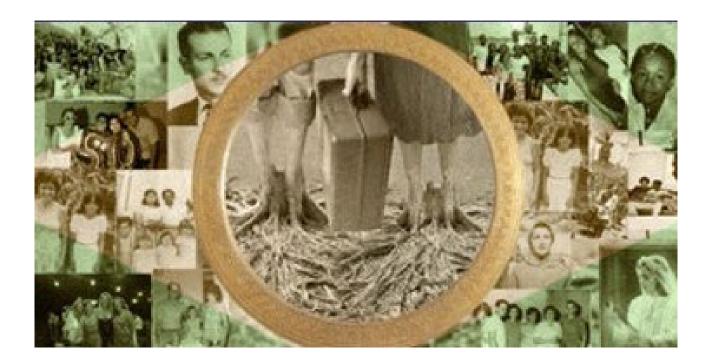
Esse artigo foi elaborado a partir dos registros reflexivos mensais feitos pela turma e pela professora Camila Andrade durante o semestre. Os registros foram feitos a partir da divisão do processo de criação em quatro etapas, conforme orientação da coordenação pedagógica da escola, são eles: a Busca, a Vivência, a Encarnação e o Impacto. A seguir a voz da professora com inserções das vozes dos alunos e alunas.

#### A Busca

Comecei o semestre buscando, desde a primeira aula, refletir sobre o tema Despertar Para uma Consciência Planetária. Já no primeiro encontro, instiguei a turma a refletir sobre o que desejavam despertar em si e no mundo, e trabalhamos com o texto "Vista Cansada", de Otto Lara Resende¹, que provoca que olhemos as coisas como se fosse a primeira vez, com o olhar da criança, olhar do poeta, que considero que deva ser também o olhar do/da artista. Um olhar atento e crítico para o mundo que o cerca. Então, a cada aula fui promovendo, sensibilização do olhar de cada um e de cada uma para que juntes descobríssemos o que, enquanto coletivo, gostaríamos de despertar em nós e no mundo.

Dentro das ações de sensibilização provoquei que olhassem para sua casa, lugar onde fazem as

<sup>1.</sup> Nasceu em São João Del Rey, Minas Gerais, em 01 de maio de 1911 e faleceu no Rio de Janeiro em 28 de dezembro de 1992. Foi um jornalista e escritor brasileiro. Seu pai, Antônio de Lara Resende, era professor, gramático e memorialista, e foi casado com Maria Julieta de Oliveira, com quem teve vinte filhos, dos quais Otto era o quarto. Na época de sua morte, trabalhaya como cronista para o jornal *Folha de São Paulo*.



aulas, como um lugar de criação, e que descobrissem nesse lugar as belezas, as poesias e como poderiam transformá-lo de alguma forma em um lugar propício para a criação. Dessas ações de sensibilização, percebi uma necessidade da turma de botar reparo em seus lugares no mundo, em se compreenderem como cidadãos e cidadãs de um país. Passamos, então, a refletir sobre nossos privilégios e a relacionar as descobertas sobre os privilégios com a história de nosso país. Vimonos como um grupo diverso, mas com a mesma fome de despertar consciências através da arte.

Abrimos o nosso olhar para os detalhes que temos ao nosso redor: objetos, fotos, cores etc. Que sensações trazem? Quantas histórias contam? Trocamos momentos e histórias, estabelecemos novos vínculos, quebramos a dureza do óbvio e encontramos poesia nos detalhes dos nossos dias. Já mais abertos e sensibilizados, refletimos sobre o que queremos despertar com a arte. Levantamos algumas palavras e a par-

tir delas surgiram novos études. Ao assistir cada um dos estudos, pudemos perceber quantas visões diferentes nós temos sobre o mundo, quanto somos plurais. Novas perguntas aparecem: O que nos toca? Sobre o que queremos falar? Eu sei ouvir o outro? O que eu ainda não entendo no mundo? Para tentar encontrar algumas respostas, fomos desafiados a pesquisar no lugar talvez mais óbvio, porém mais difícil de todos: nós mesmos. Quem sou eu no mundo? Um olhar sincero precisou ser lancado sobre cada um de nós. Abrimos não só nossas câmeras, mas partes de nossas vidas e compartilhamos nossos privilégios, nossas dificuldades, nossas dores e nossas forças. Buscamos baixar os julgamentos e olhar para o outro como um indivíduo único no mundo. O que nos aproxima? O que nos separa? Nós damos voz ao outro ou o calamos? Quanto mais tentávamos encontrar respostas, mais perguntas surgiam no processo (Trecho do registro reflexivo de Mayara Gentile).

Como nossas discussões passaram a refletir sobre privilégios de classe, decidimos ler duas obras de Máximo Gorki, Pequenos Burgueses e Ralé. Fizemos breve análise das obras e da vida do autor e études de algumas cenas, porém não houve engajamento da turma, os textos pareciam não caber em nossas reflexões e desejos, e decidimos buscar outras obras e seguir na investigação pessoal. Orientei que fizessem estudos sobre a história de suas famílias e partilhassem essas memórias em études, que foram muito profundos e íntimos. Passamos a discutir sobre as migrações e a levantar questões que apareceram nessas partilhas. Sugeri o texto: Colonização, Quilombos - Modos e Significados, de Antônio Bispo dos Santos, o Nego Bispo<sup>2</sup>, para estudarmos sobre a colonização do país e encontrar os reflexos dessa colonização nas trajetórias das famílias. Lembrei--me do texto Borandá - Auto do Migrante, de Luís Alberto de Abreu, e sugeri a leitura.

O primeiro desafio para começar o novo projeto é encontrar em si mesmo e no coletivo o que queremos despertar nesse novo ciclo. Trouxemos muitas palavras. Destas palavras, nós, como grupo através dos primeiros études, encontramos conceitos de nomes diferentes, mas que muito bem poderiam caminhar juntos. O questionamento, a consciência, a humanidade, a empatia e o privilégio. Este punhado de palavras carregava uma questão maior: Qual meu lugar e meu papel no mundo? Analisamos o texto Pequenos Burgueses, de Máximo Gorki. Encontramos essa matéria dentro dele. Seus protagonistas não tinham ciência de seu lugar no mundo e sofriam crises existencialistas sem saber por onde começar a procurar as respostas para suas inquietações. Os pequenos burgueses estavam perdidos até mesmo quando a ralé jogava as respostas em suas caras. A ralé com todos os seus problemas reais, materiais, palpáveis, tem a visão global do sistema e dos acontecimentos que oprimem a todos. Porém, o texto de Gorki não contemplava todos os nossos anseios. Estava separado por milhares de quilômetros da pluralidade que é a formação do povo e da cultura brasileira. As palavras propostas agora para contemplar nossa

<sup>2.</sup> Nasceu em 1959, no Vale do Rio Berlengas, antigo povoado Papagaio, hoje município de Francinópolis-PI. É lavrador, formado por mestres e mestras de ofícios, morador do Quilombo do Saco-Curtume, em São João do Piauí-PI. Poeta, escritor, professor, ativista político e militante de grande expressão no movimento social quilombola e nos movimento de luta pelo uso da terra. É uma das principais vozes do pensamento das comunidades tradicionais do Brasil e um dos principais críticos do modo como os povos originários (indígenas) e os afrodiaspóricos são tratados no país. Atualmente, membro da Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (CECOQ/PI) e da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

inquietação são ancestralidade e de(s)co-Ionização. Discutir nosso lugar e papel no mundo não é uma questão simples, que se responda sem pesquisa e consciência da nossa história, como indivíduos e como habitantes do mesmo território. Consultamos Nego Bispo e clareamos (ou escurecemos?) a ideia de que somos acorrentados há mais de quinhentos anos a viver sob a doutrina social eurocêntrica. Primordialmente pelo instrumento das religiões monoteístas, que dirigem nossos costumes, nossa cultura, nossa economia e a manutenção do poder através da culpa. Vivemos na terra como farelos de estratos imóveis sob o peso de camadas sedimentadas há mais de dois milênios, no território que habitamos por mais de quinhentos anos.

O que move um migrante? No momento que investigamos *Borandá*, de Luis Alberto de Abreu, minhas ideias sobre essa estratificação se retorcem e vejo novamente que o homem é também obrigado a se mover não por escolha, mas como única alternativa para tentar mudar seu destino fúnebre precoce. Porém, ainda sob pressão e no nível de seu estrato, ele só pode mover-se de lado e fugindo da morte a sua única escolha é talvez, onde terminar sua vida (Trecho do re-

gistro reflexivo de Danilo Apoena).

Seguimos trabalhando a partir das histórias das famílias e construindo personagens a partir dos relatos. O processo cada vez mais caminhou para uma criação coletiva a partir destas investigações, com uma dramaturgia inédita construída de maneira colaborativa por todes. No início das aulas, além de um aquecimento corporal e vocal, algumas vezes meditamos e cantamos juntes. E experimentei adaptar alguns jogos e treinamentos que geralmente proponho presencialmente, deu certo.

Eu acho o aquecimento fundamental no primeiro momento da aula, justamente para dar uma esquentada no corpo e a gente ficar mais disposto e preparado. Eu gosto muito dos jogos teatrais que são trabalhados em aula [...] E nós sabemos o quanto isso é importante (Trecho do registro reflexivo de Jean Guilherme Ventura de Souza).

#### A Vivência

Depois de pesquisarem sobre suas famílias e de trazerem essas histórias em études para as aulas, iniciamos um levantamento e organização de todas as histórias e personagens apresentadas. Os études compartilhados no processo foram re-

gistrados em documentos em um *drive* coletivo. Alguns já escritos como um esboço de dramaturgia, outros menos elaborados. Em uma das aulas na etapa da Vivência, juntamos todos em um único arquivo e lemos juntes para alcançarmos um panorama geral do que produzimos e vislumbrarmos uma organização deste material.

Estamos passando para fase da Vivência sem ter abandonado completamente a Busca. Parece-me que não iremos abandoná-la, pois conseguimos descobrir muitas particularidades de nossas famílias enquanto trabalhamos (Trecho do registro reflexivo de Danilo Apoena).

O objetivo, nesta fase da Vivência, era que a partir da seleção dessas narrativas elegêssemos personagens para investigá-las em uma análise pela ação. As histórias trazidas eram compostas de circunstâncias e de acontecimentos da vida real destes "familiares-personagens", e o nosso trabalho foi buscar as grandes questões humanas das histórias dessas pessoas. Criando personagens no limiar entre ficção e realidade. Inspirados por *Borandá*, de Luís Alberto de Abreu, e pelo conceito de escrevivência<sup>3</sup>, da escritora Concei-

Durante as (re)invenções dessas histórias, na busca das grandes questões humanas atravessadas nelas, seguimos refletindo sobre O Despertar Para uma Consciência Planetária. Identificamos que nossas famílias são todas migrantes, que vieram para São Paulo, em migrações forçadas ou voluntárias, atrás de trabalho. Fugindo de misérias, guerras, violências e atrás de prosperidade. Entendemos o quanto a cidade de São Paulo foi e tem sido construída e sustentada por esses e essas migrantes e quanto o povo, que aqui mora, é diverso e como é importante valorizar, fazer ecoar essas nossas histórias e respeitar essas diversidades.

Depois de eleger algumas personagens, buscamos identificar o que suas histórias têm em comum. Experimentamos criar circunstâncias para

ção Evaristo<sup>4</sup>, essas personagens eram memórias e esquecimentos familiares ficcionalizados. São ficções da memória, e como a memória esquece, surge a necessidade da invenção. "As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção" (EVARISTO, 2017, p.11).

<sup>3.</sup> É a escrita que nasce do cotidiano, das memórias, da experiência de vida da própria autora e do seu povo. Conceição Evaristo é mulher negra e compõe romances, contos e poemas que revelam a condição das pessoas negras no Brasil.

<sup>4.</sup> Nasceu em 1946, em Belo Horizonte, em uma família pobre e é a segunda de nove irmãos, sendo a primeira da família a conseguir um diploma universitário. Ajudava sua mãe e sua tia com lavagem de roupas e as entregas, enquanto estudava. Nos anos 70, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou num concurso. Concluiu o mestrado em meados da década de 1990 e o doutorado no início da década de 2010. Apesar de escrever desde sua juventude, somente conseguiu fazer sua primeira publicação aos 44 anos, nos *Cademos Negros*, série de antologias editada pelo coletivo Quilombhoje. É referência na luta contra o racismo e o machismo que se encontram na base da sociedade e da literatura brasileira.

realizar encontros entre as personagens. O vô de um encontrando a vó da outra e assim nasceu um casal, por exemplo. Procuramos também relacionar as histórias com acontecimentos históricos do país e assim fomos construindo uma dramaturgia inédita a partir dos études.

Nesse momento, além da história de cada indivíduo, também começam a se estabelecer as relações dos mesmos com seus próximos, com as circunstâncias e a partir disso as suas ações internas. Como a personagem se comportará diante da personagem trazida pelos meus colegas? Quais suas semelhanças e quais suas diferenças? Eu gostaria de apostar em um estranhamento para que exista conflito e se estabeleça a dialética narrativa, movimento, Também é hora de descobrir através das ações, suas incoerências, seus objetivos seus medos e tudo o que há por trás de como foi construída sua história. Para mim, esta percepção está chegando agora, após resgatarmos a teoria da Vivência e algumas práticas. Não cheguei a fazer essa investigação nas minhas personagens. Em tempo: pois esta fase também não está terminada. E, como a Busca, estará presente até o final deste processo. É importante ressaltar que, nesta fase, reforçamos o trabalho do ator no Sistema Stanislávski. Mais especificamente trabalhar dentro de Circunstâncias Dadas.

Não ainda as das personagens, mas nos preparando para as que se apresentarão. Já que a "arte começa quando ainda não há papel". Partindo de nós mesmos, passando pelas leis naturais e, só mais para a frente, submetermo-nos a uma lógica alheia, como propõe Stanislávski. O que é certo é que a Vivência trará a empatia e o desejo de aproximação do ator a sua personagem. Um entusiasmo que até então não havia sido despertado. Somar a Vivência à Busca/ pesquisa me dá uma sensação de movimento, talvez por isso o entusiasmo (Trecho do registro reflexivo de Danilo Apoena).

Algo muito significativo nessa jornada foi nossa participação no evento da Cia. Teatro da Cidade<sup>5</sup> de São José dos Campos. A cia. celebrou trinta anos de história em um processo colaborativo de criação com o dramaturgo Luís Alberto de Abreu, que é o autor de *Borandá*, texto que nos inspirou. Este novo processo da cia. se deu partir da história da família de uma das atrizes do elenco. Processo parecido com o que estávamos vivenciando, porém com a participação de um

<sup>5.</sup> Criada em 1990, em São José dos Campos, a Cia. Teatro da Cidade desenvolve trabalhos que reúne busca de linguagem, rigor técnico, pesquisa continuada e montagem de peças que contribuam com a formação de público. Considerada uma das companhias mais importantes do interior de São Paulo, já produziu 21 espetáculos, percorreu diversas cidades do país e conquistou mais de cem prêmios em festivais e mostras de teatro no Brasil. Em 2000 abriram sua sede – Centro de Artes Cênicas Walmor Chagas (CAC) espaço que hoje é um importante ponto de cultura independente e escola profissionalizante de São José do Campos.

dramaturgo que está escrevendo a peça durante o processo. Abreu fez uma reflexão muito inspiradora sobre os elementos fundamentais que compõem a sintaxe da linguagem teatral e sobre o teatro virtual. Defendeu que teatro é linguagem e que o palco é apenas um suporte, assim como a rua é um suporte e a *internet* pode ser também mais um suporte para esta linguagem, desde que a obra tenha um fluxo de ação e que seja feita no momento presente.

Aproveitei o encontro para perguntar para o Abreu sobre o trabalho de criação de uma dramaturgia inédita a partir de histórias reais. Ele disse: "Histórias reais são presentes. Elas nos ensinam muito. Não há imaginação que possa competir com a vida" (ABREU, 2020). Ele nos estimulou a buscar as questões humanas nas histórias que estávamos recolhendo e contou também um pouco sobre o processo de escrita de *Borandá*.

Ao mesmo tempo em que vamos montando nossos caminhos já podemos perceber que também somos parte de algo muito maior. Nossas histórias se encaixam umas com as outras, se separam, se misturam, vão traçando um desenho bem mais amplo. Somos nós reflexos da formação de um país. Linhas, riscos, nomes, datas aparecem. Lugares que já foram habitados, motivos pelos quais essas pessoas foram ou chegaram vão ganhando explicações, vão ganhando cores, vão ganhando vida. Passamos então a sermos responsáveis por nossos antepassados, por continuar a caminhada que

cada um deles iniciou desde muito antes de nós, uma caminhada também para resistirmos, para podermos permanecer aqui, vivos, e garantir que não só as nossas, mas as histórias dos outros também continuem existindo, também possam ser contadas. Enquanto estudante-atriz penso sobre o quão delicado é utilizarmos nossas próprias vivências ou de pessoas tão próximas para o desenvolvimento deste trabalho. Ao mesmo tempo em que podemos ter muito material, muita realidade, muita verdade em cada história, em cada pessoa, também precisamos lembrar que estamos desenvolvendo uma personagem, que vai além de uma mera reprodução de um membro ou fato de nossas famílias. Como desenvolver isso tudo de maneira poética, mas também crítica, reflexiva? Como honrar cada história com o máximo de respeito, mas também brincar com os exageros, as fantasias de cada uma? Talvez essas respostas estejam na próxima reflexão, rs. Que privilégio, enquanto artista, ter a chance de trabalhar tão profundamente sobre mim. Que responsabilidade, enquanto pessoa, trazer à consciência e desenvolver essas histórias (Trecho do registro reflexivo de Mayara Gentile).

#### A Encarnação

Nesta fase entramos em um momento de organização e transição para o momento da Encarnação, e alguns desconfortos ficaram nítidos, porque estávamos em um lugar de risco, porque

não tínhamos respostas. Um desconforto por sentirem o tempo diminuir para a finalização do semestre e não conseguirem enxergar a formalização de uma obra a partir do material levantado. Esse desconforto é recorrente nessa fase dos meus processos de criação na escola. A turma fica ansiosa para chegar em um "produto" a ser apresentado e insegura por não enxegar o tal "produto". Muitas vezes, nessa fase, alguns integrantes desanimam por se sentirem perdides, porém é exatamente nesta fase que o processo exige um maior engajamento, para que essa "forma", que estamos buscando juntes, vá tomando corpo a partir da contribuição de todes.

É comum os alunos e alunas esperarem que essa forma venha a partir de escolhas somente do(a) diretor(a)-pedagogo(a), e meu esforço neste momento é para que entendam que são todes agentes ativos(as) da criação.

Algo que refleti muito esse mês, foi que, cada um cria de um jeito. O ponto de partida era o mesmo, quase sempre uma indicação da Camila a partir dos materiais. E cada encontro eu ficava mais impressionado como cada ator do coletivo reagia e criava de uma forma totalmente diferente um dos outros. O que, para mim, é muito bonito e ao mesmo tempo um pouco assustador. Principalmente quando começamos a acrescentar mais atores às cenas. Cada cena, quando trocava um ator ou adicionava outro, ia para um lugar totalmente diferente do original. Continuar tentando é es-

sencial. Estou um pouco receoso do que e como será daqui para a frente, no entanto, seguimos... (Trecho do registro reflexivo de Gustavo Higino).

Conversamos abertamente sobre essas questões, e, para minha felicidade, a turma arregaçou as mangas e colocou a mão na massa. As alunas e alunos desta turma sempre estiveram muito disponíveis e confiaram no processo que eu estava propondo. Essa confiança e disponibilidade são extremamente fundamentais para um processo saudável, cheio de aprendizagens e descobertas.

O processo tem sido bem leve. Às vezes eu ficava perdida e sem ideia, mas ao ver os estudos dos outros algumas coisas foram clareando e me dando novas ideias. Também quando eu pensava na história da minha família e o ponto que eu queria trazer para contar essa história iam surgindo novos experimentos.

Uma coisa que eu tentei focar bastante esse semestre foi no que poderia usar de recursos e não ficar só em uma tela retangular e parecer um pouco monótono. Se de um lado foi nos tirado o privilégio de estarmos juntos, então por outro lado vamos usar o privilégio de poder contar com toda tecnologia possível ao nosso alcance. Então, ousei um pouco trabalhar com luzes, panos, diversidade de enquadramentos e eu gostei bastante de poder experimentar essas novas formas. E desse semestre fica isso, to-

dos os experimentos e como isso está nos levando a um lugar gostoso e delicado de trabalhar (Trecho do registro reflexivo de Jhess Belem).

A partir do material que havíamos organizado em nosso documento coletivo no *drive*, cada um e cada uma manifestou o desejo de trabalhar com determinadas personagens. A partir desses desejos, escolhemos algumas histórias para iniciar uma Análise Ativa para a criação de cenas a partir delas.

Trilhamos os caminhos das buscas individuais e encontramos desejos: O que queremos falar, o que nos move? Buscamos respostas para a perguntas: O que eu quero despertar em mim e no mundo? Retomamos nossos antepassados, demos vozes as nossas histórias e assim estamos nos fazendo presentes hoje, vivos, potentes e cheios de vontade de partilhar nossas descobertas. Para isso, estamos nos nutrindo de tantas e belas histórias, e é chegada a hora de abrir espaço em nós, em nossos corpos para que possamos experimentar cada nova circunstância, cada nova sensação. É chegada a hora da Encarnação! Não como mágica, milagre ou incorporação vazia, mas como o eu, enquanto estudante-atriz, me permitindo penetrar por relatos que não são meus, mas que agora tomarei emprestados para pesquisar, estudar, entender, sentir e transformar dentro do meu próprio universo de possibilidades. Meu corpo agora se faz disponível para contar essa nossa história,

com arte, troca e partilha (Trecho do registro reflexivo de Mayara Gentile).

Durante a apreciação dos estudos feitos sobre cada cena, íamos discutindo sobre nossa Supertarefa e tentando compreender como essas histórias que escolhemos trabalhar se relacionavam com as questões que colocamos como Supertarefa, que eram:

De onde vem o Brasil que sou eu? Como meus ancestrais contribuíram para a formação do Brasil que sou? Como eu, com meus privilégios, posso contribuir para uma sociedade menos desigual? O que é importante falar para o mundo nesse momento, pensando em gerar uma força criativa de regeneração da vida?

Elegemos três cenas para mostrarmos na abertura de processo para outras turmas. Na organização e repetição das cenas para o ensaio aberto aconteceu de algumas pessoas se apegarem à forma e passarem a dizer seus textos de maneira vazia, sem ação. Textos que inclusive eles e elas criaram a partir dos estudos. Então, nos reaproximamos da leitura de Toporkov (2016) para recordar os elementos do Sistema Stanislávski. Reforcei o quanto era importante se colocarem verdadeiramente na relação para que, a partir dela, surja a ação. No trabalho com essas histórias, investigamos também exercícios de narração, voltando a investir no estudo da imaginação e da visualização como elementos fundamentais de nossa pesquisa.

Mergulhamos nos grandes objetivos de cada uma de nossas personagens. Algo que ecoe em nossa alma para que estas personagens cumpram, componham todas essas tarefas. Em segundo lugar, através dos études, dominar o psicofísico dessas personagens. Pois eu sei o destino delas, mas elas não podem saber. Temos que nos colocar nas circunstâncias gerais, mas também nas circunstâncias isoladas, as mínimas. Conhecer seus movimentos internos e também cada gesto. Recriar a partir de nós mesmos esse humano vivo através de nossas próprias lembranças, nossas vontades e demais elementos interiores.

Para isso, ainda mais como coautores dessa obra, devemos ser artistas independentes nesse processo. Porém, evitar a memorização mecânica do texto e dos gestos, entrar no jogo com os outros atores, reagir a cada étude com suas surpresas e diferenças. Unir o psíquico e o físico para que sejamos criadores completos das personagens e por conseguência, da obra. Teatro é ação. A investigação dos fatos (histórias contadas, nossas pesquisas particulares) agora é prática. Estamos em ação criando dentro desses acontecimentos. O que era fábula, agora é real, há atividade, movimento e interação. Somente assim a Análise Ativa pode ser completa.

O resultado dessa Encarnação, além da Verdade Cênica resultante, é que nos limpamos dos nossos pré-julgamentos quando nos colocamos em cada uma dessas circunstâncias. Pois, sem isso seria impossí-

vel atingir nossa Supertarefa, tudo ficaria caricato e sem vida [...]. Encarnar exige observar. Às vezes esquecemos do nosso próprio comportamento físico e, na Encarnação, devemos redescobri-lo para depois moldá-lo ou lapidá-lo, sempre dentro das Circunstâncias Propostas pela obra (Trecho do registro reflexivo de Danilo Apoena).

Pensando em aprofundar a busca pela Supertarefa de nossa obra, propus uma vivência com a perguntas provocadoras: "De onde vem o Brasil que sou?" e "Que acontecimentos históricos moveram/transformaram a vida de minha família?". Refletimos sobre as sensações de ser migrante: esperança, tristeza, felicidade. E a partir das respostas dessas vivências e perguntas provocadoras criamos um prólogo para a peça. Apresentamos no ensaio aberto esse prólogo e o estudo das três cenas eleitas. A obra começou a tomar forma e os desconfortos do início dessa etapa deram lugar a um trabalho intenso e prazeroso de organizar a vida desta obra que estávamos criando juntes.

Participar da abertura de processos e trazer à cena, momentos marcantes das histórias dessas famílias resgatando suas origens e assumindo o protagonismo dessas narrativas repensando a formação do Brasil foi muito revigorante. A troca com os outros alunos foi bem importante. O grande desafio continua sendo as circunstâncias atuais. O contato, o calor humano, funcionam como antídoto. Estou em abstinência. Por vezes, me sinto um pouco desconfortável em atuar pra câmera, o enquadramento,

a luz, o espaço e ausência de espaço, tudo isso me limita enquanto ator criador. Me sinto pequeno, sem referências e sem muito a oferecer. O coletivo parece estar dançando a mesma música, uns com passos mais lentos e outros mais agitados, mas a canção é a mesma. Nesse período nos ouvimos mais e trocamos mais. Avançamos! (Trecho do registro reflexivo de Kauê William).

#### **O** Impacto

As descobertas e aprendizados deste processo foram imensas e com certeza irão reverberar por muito tempo ainda em guem viveu o processo e em quem viu o experimento final. A comunicação com o público foi surpreendente! Pessoas emocionadas e bate-papos intensos ao final de cada apresentação. Como nosso povo carece de se ver representado nas histórias! Como é imprescindível e urgente que contemos nossas histórias como protagonistas da história do Brasil, para que possamos descolonizar nossas mentes e acreditar que podemos mudar a história. O despertar foi coletivo e eu, como artista e educadora. acredito que essa seja uma das funções do teatro e da educação: despertar olhares críticos para o mundo em que vivemos. Neste processo, alcançamos isso. Vi algumas alunas e alunos se apropriando de suas identidades, se compreendendo como pessoas negras ou descendentes de povos originários, outres percebendo seus privilégios e buscando agir a partir deles. É uma transformação muito profunda, lenta e dolorosa, porque queremos mover estruturas que nos foram impostas, e conseguimos faíscas de transformação nesse processo, e isso já é imenso. A voz dos alunos e alunas sobre a etapa final e conclusão:

> "De quantos Brasis se faz um Brasil?" é político, é poético, é denúncia e é descoberta. Foi importante dar voz a essas histórias e mostrar a determinação de um povo que ainda hoje luta para ser dono de si. Também foi importante trazer à tona o sentimento e práticas que nações estrangeiras colonizadoras têm sobre colonizados e como esses instrumentos servem ao mesmo objetivo. O impacto maior que essa peça deixou em mim, foi a sensação de pertencimento. Foi incrível descobrir ao longo do processo de criação dessa peça e principalmente nessa reta final que sim, eu e meus ancestrais, negros e negras, pertencemos a esse Brasil e temos importante participação na formação desse país (Trecho do registro reflexivo de Kauê William).

> Chegamos ao fim de um processo lindo, árduo, construído desde a sementinha do primeiro dia, e que foi investigado a partir das nossas raízes. No início tive receio em pesquisar sobre minha família, de sentar e perguntar sobre suas histórias, e depois de tudo, no final, eu sinto uma necessidade de saber mais. Conhecer e vivenciar histórias reais tem algo transformador, tenho certeza de que saio com um olhar diferente e mais

sensível para o mundo. Foi um processo feliz e de longe uns dos mais intensos que vivi (Trecho do registro reflexivo de Alana Gonçalves).

No coletivo é muito interessante observar que somos plurais, e isso é ótimo. Quando experimentamos várias alternativas e vertentes e temos consciência do que somos sem julgamentos, e que nossa história nos trouxe até aqui, não buscamos necessariamente o espelhamento e identificação, pois quando há pluralidade, toda forma é válida e há de se ter respeito e admiração pelas histórias alheias (Trecho do registro reflexivo de Rosaly Holanda Cavalcanti).

No final do processo de criação coletiva e principalmente após as apresentações, sentimos o Impacto da transposição dos nossos temas para a atuação. As principais impressões externas foram a identificação e o abalo. Ou seja, conseguimos o objetivo de aguçar a percepção das pessoas para nossas histórias e para o cotidiano de violências e injustiças. O nosso despertar foi transmitido com sucesso. Como aluno, o Impacto veio no momento em que o texto, dramaturgia não mais nos pertencia, se tornou uma obra universal. As circunstâncias não mais eram da minha família ou da família dos meus colegas. Eram circunstâncias da dramaturgia e do contexto do mundo e das épocas em que se passaram, houve um afastamento e a reaproximação aconteceu

de outra forma, com o trabalho do ator e construção da personagem. Foram as palavras do texto e a pesquisa que me moveram como ator e que me tocaram. As personagens deixaram de ser meus familiares, mas parte de um microuniverso representativo de muitas histórias semelhantes (Trecho do registro reflexivo de Danilo Apoena).

Foi lindo ver cada história, entender um pouco mais de como foi feito o nosso Brasil, fugir daquilo que contam nos livros de História, entender que existem protagonistas, pessoas que lutaram e que jamais são citadas. Eu descobri coisas da minha família que jamais imaginava. Primeiro saber que um tio meu foi enjaulado apenas por conta de uma doença mental e morto sem qualquer direito à vida. Também fiz um estudo sobre a migração da minha mãe para São Paulo, descobri que ela trocava cartas com a minha vó. Eu nunca tinha conversado com a minha mãe sobre como ela se comunicava com a minha vó Tereza e depois que apresentei a peça ela se emocionou muito e ainda me mostrou as cartas que recebia da minha vó, foi bem impactante. Nesse estudo, a cena acabava com a minha vó morrendo e, um dia antes da estreia, eu achei um recado que a minha mãe escreveu para minha vó quando ela morreu, isso me marcou demais, figuei muito emocionada e me fez sentir ainda mais a dor que minha mãe sentiu naquela época. No começo da

pandemia, ficamos muito em dúvida sobre esse formato online, nos questionamos se isso ainda seria teatro, porém hoje podemos dizer que teatro está além de um palco e uma plateia, isso é muito importante, claro, mas a arte está em tocar vidas, em transformar pessoas, contar histórias, inspirar, nos questionar e quando recebemos o feedback de cada pessoa que assistiu percebemos que isso foi alcançado, o objetivo que o coletivo tinha foi concluído. Tocamos pessoas, choramos juntos, pessoas se sentiram estimuladas a revisitarem suas histórias. Tudo isso pelo Zoom! Não sei como será quando essa pandemia acabar, sei que descobrimos um novo jeito de fazer teatro, voltaremos aos palcos, mas não deixaremos isso que construímos de lado. Com essa plataforma online, podemos chegar a quem jamais chegaríamos se fosse ao vivo, e isso é bom, isso nos mostra que todo o esforço valeu à pena e com certeza fizemos história (Trecho do registro reflexivo de Jéssica Belém de Souza).

Nossa criação foi sobre ressignificação, sobre olhar para as nossas histórias e entender que mesmo de maneira anônima fomos protagonistas das histórias desse país. O impacto causado nos atores foi evidente, existe em nós uma vontade de levar esse trabalho para muitas e muitas pessoas, pois acreditamos que se todos e todas decidirem contar suas histórias e, de alguma forma, se enxergarem como protagonistas,

podemos então transformar uma nação. O público pegou em nossas mãos e de forma linda caminhou conosco no desenrolar desse experimento até o final, mesmo sendo longo. Nas considerações finais ouvimos: "Assistindo vocês, me lembrei das histórias da minha família." "Me deu uma vontade de sentar com a minha família e pedir pra ouvir todas as histórias do passado." Além disso, diversos ancestrais, que foram personagens em nossos experimentos, nos assistiram e se apresentaram no final com uma grande emoção, pois finalmente se enxergaram como protagonistas. Penso que houve diversos despertares. Em meio a um ano tão atípico, um trabalho como esse me salvou (Trecho do registro reflexivo de Gabriel Gomes).

Dividimos nossas buscas e encontros com o público. O que vem depois disso? Cada reação é pessoal e intransferível, cada um sente a sua maneira. Foram lágrimas, risos, pensamentos, inquietações, dúvidas, choques, surpresas... emoções e sentimentos variados tanto para eles quanto para nós. Aprendi ver minha própria história de duas maneiras: primeiro, de dentro, com fatos, enfeites, vozes, caras, memórias. Ouvir os fatos da boca de guem realmente os vivenciou, compreender o peso da voz, do olhar, da lembrança. Reativar o que já passou para que não caia no esquecimento, para que se tenha relatos, para que as histórias permaneçam vivas. Segundo, para olhar de fora e avaliar o que me trouxe até aqui, quais costumes eu carrego e por quê? Poder me colocar ativamente como dona da minha história e das minhas escolhas daqui para frente. Avaliar constantemente meus privilégios, abrir o olhar para as outras pessoas sabendo que os caminhos delas foram diferentes dos meus. Dar voz para as vozes que a minha própria história tirou e ter voz para poder hoje potencializá-las. Simplificando em uma frase de música, meu maior impacto tem a ver com "Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é" ("Dom de Iludir", de Caetano Veloso) (Trecho do registro reflexivo de Mayara Gentile).

E para finalizar, um trecho do relato reflexivo que o aluno Danilo Apoena escreveu no segundo mês de nosso processo, relacionando nossa pesquisa com os tempos sombrios que estamos vivendo em nosso país, e que sintetiza nossa Supertarefa com este projeto:

Estamos em um momento de ruptura. Não pode haver mais espaço para tal repressão. Temos de dar valor à insurgência, à desobediência civil, aos manifestos e às ações. É hora de movimento. A reação deu as caras porque percebeu que estávamos perto demais de conquistar liberdades. Eles estão certos. Porém, eles acreditam que podem parar a evolução. Mostraremos que não. Estamos em movimento.

#### Referências Bibliográficas

RESENDE, Otto Lara "Vista Cansada". Folha de São Paulo, São Paulo, 23 fev. 1991.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos** – Modos e Significados. Brasília: INCTI / UnB, 2015.

ABREU, Luís Alberto de. Dramaturgias, **Cia. Teatro de Cidade** – Projeto "Criação em Tempos de Pandemia", São José dos Campos, 23 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Borandá** – Auto do Migrante. Capivari: EME, 2004.

EVARISTO, C. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

TOPORKOV, Vassíli. **Stanislávski Ensaia** – Memórias. São Paulo: É Realizações, 2016. ■

# Registro investigativo do processo criativo online

#### DIRETORA-PEDAGOGA – RENATA KAMLA

Assistente de direção – Mariana Amâncio Atores e atrizes-criadores(as) – Ana Paula Pereira, André Gnatiuc, Bruno Gambini, Cleber Martins, Cris Christofani, Danilo Yates, Gabriel Proiete, Guilherme Marinho, João Clímaco, José Antonio, Maryy Mel, Rafa Pimenta

A proposta apresentada para a realização desta escrita segue uma linha de ação fundamentada nos pressupostos stanislavskianos seguidos pelo Teatro Escola Macunaíma dividida em quatro etapas: Busca, Vivência, Encarnação e Impacto. Pensamos esta linha apenas como um norteador, pois o Sistema de Konstantín Stanislávski é circular e não linear, uma etapa não se finda para que outra se inicie, há sempre uma contaminação de uma etapa para outra, um retorno e um avanço, como as ondas do mar, pois se trata de um processo de criação vivo, e tudo que é vivo se transforma e

está em permanente movimento. Para o primeiro momento da BUSCA, indaguei-me, como professora e artista, sobre o que buscar? Para que e por quê? E conclui que quando se busca algo que não temos, a ansiedade instaura-se, pois, deixamos de estar no presente do presente na ânsia de obter um futuro, portanto, tracei para mim, como educadora, uma meta principal: viver o momento presente de cada aula, fazendo valer a pena a vida de cada encontro, degustando todos os sabores possíveis destas trocas mesmo virtuais, emanando energia que transcendesse as telas dos computadores, celulares ou *tablets*.

Que caminho o professor deve percorrer para a escolha de uma obra clássica que apresente uma Supertarefa<sup>1</sup> que nasça das buscas pelo Despertar Para uma Consciência Planetária? Provocada por

<sup>1.</sup> Para maiores esclarecimento sobre esse conceito presente nas pesquisas de Konstantín Stanislávski sugiro a leitura do capítulo 15: "A Supertarefa e a Ação Transversal", presente no livro: STANISLÁVSKI, Konstantín. **O Trabalho do Ator**: Diário de um Aluno. São Paulo: Martins fontes, 2017. p, 322-337.



este questionamento, lançado pela direção pedagógica da escola, dei início ao processo criativo da disciplina de Atuação do PAMIX de duas vezes na semana da Unidade Barra Funda, propondo aos alunos narrativas respondendo às seguintes questões: "Quem eu sou?", "Como eu estou agora, neste exato momento?", "Qual a minha relação com o meu entorno?", "O que é ser ator?" e "Qual a função do artista neste momento de pandemia e isolamento social?" Ao destacar as palavras em negrito, estabeleço provocações acerca da diferença entre o verbo ser na sua voz passiva e o verbo estar em ação, na voz ativa. Quando se tem uma função, há um impulso para agir, um gatilho desestabilizador da ordem vigente. Esta primeira abordagem foi para que eu-professora conhecesse a turma, ou seja, a terra, o solo a ser fertilizado. Quando nos apresentamos para o outro, partículas de nós mesmos escapam e revelamos o que há de mais sublime em cada ser.

Para o início do trabalho com o tema da mos-

tra, O Despertar Para uma Consciência Planetária, eu procurei trabalhar somente com a palavra DESPERTAR, com seu significado semiótico, e anotamos, eu e minha assistente de direção, a atriz Mariana Amâncio, o que os alunos disseram. O que ficou bem forte na fala deles foi que despertar dói, não é fácil despertar e lidar com o que se vê, há uma oposição entre o despertar e o sonhar, o despertar para eles exige ação. Tateamos estes apontamentos corporal e sensorialmente, por meio de vivências acerca dos quatro elementos da natureza: terra, fogo, ar e água; fizemos investigações iniciais silenciosas sobre a poesia do dia a dia, e cenas, como tomar um simples cafezinho, balançar em uma rede, correr pelo jardim, molhar as plantas, fizeram-se presentes. Alimentados pelas leituras dos autores sugeridos no projeto da mostra, como Edgar Morin, Ailton Krenak, Humberto Maturana e ainda José Saramago, com O Conto da Ilha Desconhecida, e pelo estudo da perjivánie<sup>2</sup> no Sistema de Konstantín Stanislávski, eu solicitei a feitura de um Manifesto. Entendemos manifesto como a emissão de forma oral ou escrita de um ponto de vista, opinião, ideias, de uma pessoa ou grupo acerca de fatos legítimos. Cada aluno apresentou artisticamente e registrou suas declarações. Na sequência, o desafio foi pensar e realizar estudos para que ações fossem feitas para que o que estivesse no manifesto acontecesse de fato em cena. Estes procedimentos do primeiro mês de aula foram para aproximar a turma física e intelectualmente do tema da mostra: O Despertar Para uma Consciência Planetária. O procedimento do Manifesto foi uma proposta artística para ouvir cada uma destas vozes individuais e, a partir de seus enunciados, perceber o que nos unia para escolher uma obra clássica que dialogasse com as questões apresentadas. Destaco aqui as palavras de alguns desses alunos-artistas, já pontuando o quão difícil é elaborar recortes de momentos tão intensamente vividos na prática em aula, que eu gostaria de contemplar tudo de todos, porém em um coletivo o que é de um é nosso.

Manifesto pelo Despertar

O despertar é feito de camadas. Não se desperta de uma hora para a outra, num sobressalto ou reviravolta. O despertar é um processo, longo, muitas vezes contraditório, em ocasiões árduo, e muito pouco se sabe

2. Esclarecimentos sobre esta palavra russa e seu significado dentro do Sistema stanislávskiano consultar: ZALTRON, Michele A. "Переживание" (Perejivánie) е о "Trabalho do Ator Sobre Si Mesmo" ет К.Stanislávski. Anais do VII Congresso da ABRACE – TEMPOS DE MEMÓRIA: Vestígios, Ressonâncias e Mutações, Porto Alegre, p. 1-6, out. 2012. sobre sua finitude. Despertar exige esforço, interno e externo, demanda abertura, honestidade e consciência.

Despertar não necessariamente significa mudança brusca, resolução definitiva, mas um desvelamento contínuo e deslumbrante da ótica sobre o mundo. Do despertar não há volta. Uma vez desperto, o sono do desconhecimento, da ignorância, finalmente se anestesia. Mas não some, por isso é sempre importante entender quais as condições permitem que o despertar se mantenha por um longo tempo.

Despertar pode ser doloroso; em muitos casos pode ser chaga incicatrizável. Mas o despertar é força movedora, que surge da própria dor, da própria sensação de abandono que possa acompanhá-la vez ou outra, tornando-se potência transformadora. Despertar não é só reconhecimento, desvelamento, capacidade de análise, mas também entender as ações a serem feitas para que a realidade possa ser reorganizada.

Por isso, o ato de despertar é também um ato de coragem. É trabalho de tempo integral, porque sua existência também se ressignifica. É um milagre individual e social, que toma coração, mente e espírito, em constante construção. Estar desperto é estar maduro para o mundo; é reconhecer que não se pode abraçá-lo, mas se pode também ajudar outros a despertarem (Gabriel Proiete).

O ano é 2020...

Quantas vidas ainda se encerrarão??

Quando teremos a cura para tempos tão sombrios??

O quão longe vai a ganância do homem, e a depravação do mesmo?

Esse é 2020, o reflexo da angústia, a neo Idade Média, onde ainda se espalham pragas e pestes, queimam as bruxas, os pobres e os pretos.

Muitos estão de luto

Mas para mim, Luto é verbo

Eu luto

A minha arte é a minha espada, a minha juventude é minha armadura

E só de eu estar vivo, é a minha maior vingança... (Guilherme Marinho).

Você acha que está pronto? Pronto para fazer sua escolha? (São apresentadas as pílulas azul e vermelha) Por que essa dúvida? Não consegue escolher? A sua não escolha é uma escolha, se não faz nada para mudar, escolhe que tudo permaneça como está (André Gnatiuc).

#### Manifesto a empatia

As dores são iguais e tem as mesmas intensidades dependendo apenas da forma que nos é infringida. Não importa nossa cor, nosso credo, nossa orientação sexual, nossa nacionalidade, escolha política ou time de futebol, afinal somos seres humanos! Não faça ao próximo aquilo que você não

gostaria que fizesse a você. Antes de tomar uma atitude pense como você se sentiria nessa situação!

Antes de pedir Respeito, dê Respeito! (Cris Christofani).

Despertar para a Ética de Sustentabilidade do mundo em que vivemos

Apoiados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, todos nós temos direito às mesmas oportunidades, a ter direitos comuns e diferenciados. O projeto para avançar para a nova aliança solidária com uma civilização da diversidade e uma cultura de baixa entropia pressupõe o primado de uma ética implicada em uma nova visão do mundo que nos prepare para uma transmutação dos valores que fundamentem um novo contrato social. Nas circunstâncias atuais de bancarrota moral, ecológica e política, esta mudança de valores é um imperativo de sobrevivência. (João Clímaco).

Qual o manifesto para conscientizar a humanidade?

Humanidade até quando vamos valorizar o que não merece ser valorizado? Olha como estamos! O preço que estamos pagando! Até quando? (Ana Paula Pereira).

Este é um Manifesto / Para todos os humanos do planeta / Todos os humanos deste setor da Via Lactea / Para todos os que es-

queceram / Que não somos feitos só de carne / Nem somos esses seres com figurinos fashion / Nem somos as cifras bancárias / E nem os nossos castelos / Em que nos pomos guardados / É tudo que somos. / Não somos feitos de plástico / Não somos tecnóides / Não somos somente estes músculos / Não somos negros, nem brancos, nem ameríndios / Nem Orientais / Não somos todos totalmente definidos sexuais / Não somos nada disso / Somos humanos. / E agora neste momento em que a Mãe Terra / Sente-se invadida por este estranho / E aparentemente insignificante organismo / Precisamos mais do que nunca entender / Que é hora de nos percebermos / Como humanos ... Com sentimentos .... / Com um coração batendo dentro do peito / Com uma alma compondo a nossa essência. / Precisamos perceber antes que seja tarde / Que somos muito mais que esse vírus ... / Basta que por alguns instantes consigamos / Nos olhar... / Com um pouco de afeto ... / Esquecendo nossas buscas por tantas futilidades / Esqueçamos essas guerras descabidas / Baseadas nas nossas diferenças. / As nossas diferenças são exatamente / O que nos torna mais bonitos. / Somos muito mais do que esse vírus / Simplesmente porque somos feitos... / De amor (José Antônio).

Ao final deste procedimento artístico-pedagógico, percebemos o posicionamento do coletivo, os dizeres e necessidades pessoais, na perspectiva de nos entendermos e agirmos como seres sociais ativos, assim, eu propus trabalharmos com o clássico Eles Não Usam Black-Tie. Peça escrita por Gianfrancesco Guarnieri em 1953 e encenada pelo Teatro de Arena pela primeira vez em 1958, a obra esmiúça os muitos significados do conceito de greve. Para os operários Otávio e Tião e, também, para seus familiares e colegas de um morro no Rio, a greve é muito mais do que simplesmente a "cessação coletiva e voluntária do trabalho com o propósito de reivindicar direitos", como definem os dicionários. É uma pulsão que nos leva a refletir sobre o mundo que nos cerca e nossas relações, que tensiona e intercambia o cotidiano social por meio de seus diversos conflitos. É renúncia, abnegação, idealismo, luta por justiça; mas também medo, dúvida, intolerância e violência. As circunstâncias da peça relacionadas aos dilemas e conflitos profundamente humanos e sociais dialogavam com as questões abordadas no tema da mostra.

Vale ressaltar que o processo investigativo acerca dos aspectos do Sistema se faz na conjectura de que corpo/mente estão integrados e em fluxo, seguindo a natureza da vida. Para inspirar e provocar os alunos em relação ao tema da mostra e neste universo *online*, utilizei letras de músicas, que foram lidas, interpretadas, ouvidas, dançadas e investigadas dramaturgicamente, como molas propulsoras para a criação. Em destaque, estão: "O Último Dia", de Paulinho Moska, que apresenta a seguinte questão: "Meu amor, o que você faria se só te restasse um dia? Se o mundo fosse acabar, me diz o que você faria"; "O Poeta Está Vivo", do Barão Vermelho, "Baby, compra o jornal e vem

ver o sol, ele continua a brilhar apesar de tanta barbaridade"; "Déjà-Vu Frenesi", de Letrux, "Todo corpo tem água, lágrima, suor e gozo, todo corpo tem água, lágrima, suor e porra, ou a gente chora, ou a gente sua, ou a gente goza, só não pode magoar"; "Cálice", de Chico Buarque: "Quero lançar um grito desumano, que é uma maneira de ser escutado, esse silêncio todo me atordoa, atordoado eu permaneço atento", e o samba "Nóis Não Usa Os Bleque Tais", composto por Adoniran Barbosa e Gianfrancesco Guarnieri, que fez parte da trilha sonora da peça original: "O nosso amor é mais gostoso, nossa saudade dura mais, o nosso abraço mais apertado, nóis não usa as bleque tais." Esta letra, especificamente, foi objeto de estudo prático-teórico a respeito do que significa metaforicamente usar o traje black-tie no contexto social e histórico do Brasil contemporâneo, quem são as pessoas que usam e quem são as que não usam, em que segmento nós artistas estamos inseridos.

Instigados por estas poesias e tendo conosco a ideia de que a vida flui em constante tensão entre o interno e o externo, partimos para o segundo momento do processo de criação, a chamada etapa da VIVÊNCIA, isso não quer dizer que já não estávamos fazendo isso, mas neste momento os procedimentos artístico-pedagógicos estavam voltados para a abordagem e aproximação com obra escolhida. Diversos procedimentos foram realizados para aproximar os alunos/artistas do universo das circunstâncias da obra, como: 1 – narrar a história da peça para várias pessoas diferentes, 2 – elencar imagens poéticas da vida cotidiana dos papéis presentes na obra, 3 – estudos de aproximação de aspectos da época da peça

com a nossa época atual. Mas o mais significativo de todos estes procedimentos foi trabalhar a partir dos Acontecimentos<sup>3</sup> da obra, para que se revelasse na prática a Supertarefa condutora da encenação. Assim, por meio da feitura de études<sup>4</sup> acerca dos Acontecimentos mais significativos, como: A iminência da greve, a revelação da gravidez inesperada, a greve, aderir ou não à greve, a não adesão de Tião à greve, a prisão de Otávio, a escolha de Maria de permanecer no morro e abandonar Tião, tentamos encontrar a Supertarefa, tendo como premissa que não se trata de querer chegar a algum lugar ou passar uma mensagem para os espectadores, mas sim ter um ponto de partida, um impulso, uma alavanca, um verbo de ação forte que impulsione, que mova e esteja presente nas relações. O desafio foi, por meio da prática, encontrar a Supertarefa, sem perder O Despertar Para uma Consciência Planetária.

Combater, lutar, enfrentar, apanhar, desconfiar, descobrir, perceber, ansiar, decidir, resistir, colaborar, abençoar, duvidar, conferir, sustentar, posicionar, organizar, preparar, fugir, correr, desconstruir, reerguer, parar, escolher, despertar, mudar, protestar, arriscar, unificar, apaziguar, aguentar, julgar, trabalhar, foram alguns dos verbos selecionados pelos alunos-atores, que, segundo eles, apareciam nas situações dramáticas do texto. Investigamos alguns destes verbos nos estudos,

<sup>3.</sup> Para entendimento mais amplo sobre as etapas desenvolvidas neste momento do processo de criação sugiro a leitura do artigo: MERLIN, Bella. Here, Today, Now – Active Analysis For the Twenty-First-Century Actor. In: WHITE, Andrew (org.). **The Routledge Companion to Stanislavsky**. Routledge: Abindgon, 2013, p. 325-340.

<sup>4.</sup> Sobre os ètudes no Sistema, indico a leitura "Ensaio Através de Études" in KENEBEL, Maria. **Análise-Ação** – Práticas das Ideias Teatrais de Stanilávski. São Paulo: Editora 34, 2016. p. 50-59.

nos questionando se eram verbos fundamentais para a existência da cena em questão ou não, questionávamos o que se queria descobrir com a feitura do *étude* e o que de fato se descobriu durante o jogo entre os atores nos seus respectivos papéis investigados. E, a partir destas constatações, surgiram três seguimentos de possíveis ideias de Supertarefas:

- 1 Lutar por uma vida com qualidade. Lutar por dignidade. Lutar pela igualdade social.
- 2 Lutar pelo que se acredita ou lutar pelo que é "certo"? O que é certo? O que é se dar bem na vida? Ser bem-sucedido?
- 3 Despertar a emancipação da classe trabalhadora. O que acontece se decidirmos nos movimentar? Nos unirmos? O que acontece se nos unirmos para lutar a favor de uma causa comum? Mudar a ordem estabelecida.

Percebam que nestes campos de ideias, os verbos lutar, despertar, mudar e unir estavam próximos e presentes. Nosso desafio era sair da ideia de assunto e tema. A Supertarefa não é uma frase conceitual substantiva e nem um pensamento filosófico, é o que nos move, ou deveria mover. A questão da greve estava muito presente nas práticas, aparecendo sempre com frequência durante os estudos, então, aprofundamos este tema e estimulamos novos estudos a partir de perguntas, como: "O que é uma paralização? O que significa parar tudo? O que é mobilizar-se para algo? O que é estar em greve? O que se quer com essa

ação? O que se tem que fazer para que uma greve aconteça e seja bem sucedida? Quais são os objetivos da greve? Para que fazer essa greve? O que os motiva? Como sustentar de forma ativa essas convicções?"

Surgiram, desta proposta, dois estudos significativos, que escolhemos levar para apresentar durante a abertura de processo, com o intuito de descobrirmos, com a ajuda dos professores e dos outros colegas, alunos participantes das diferentes turmas, a nossa Supertarefa. Fomos provocados e instigados de várias formas, percebemos que a Supertarefa não é a Linha de Ação da peça, mas o que move e une todas as personagens a percorrer esta linha. Reflexões que nos foram lançadas pela professora parceira Simone Shuba e pelos alunos-artistas investigadores durante o encontro foram fundamentais e determinantes para darmos sequência ao nosso processo de criação e entendimento do Sistema: "Quero mudanças tenho que lutar, mas tenho medo. O que precisamos mudar no mundo? Se nos juntarmos, o que mudaremos? O que me move nesta obra hoje? (o individualismo x o coletivo)".

Um dos alunos-artista da turma, o Guilherme Marinho, nos provocou refletindo que a Supertarefa vai muito além das propostas que foram lançadas, pois temos que ir para o mais fundo de nós mesmos e agir. Nas palavras dele: "Temos que olhar para o buraco negro de nossas almas". Então, percebemos que a peça *Eles Não Usam Black-tie*, apesar do tema central ser o embate entre os interesses coletivos e individuais, não se trata

especificamente da greve, mas sim das pessoas que não usam as *black-ties*, daqueles que querem uma vida digna e mais humana, que querem permanecer com a cabeça erguida, constatamos que a humanidade presente em cada um dos papéis da peça, com suas falhas, pulsão de vida e morte, ódios, julgamentos, preconceitos, sofrimentos, sonhos, pontos de vistas diferentes, era a nossa matéria-prima. Tínhamos que investigar a humanidade de cada papel e intensificar suas relações.

Após este momento da abertura de processo e alimentados por estas potentes reflexões, fizemos a escalação definitiva dos alunos-atores nos respectivos papéis da peça, para que a etapa da Encarnação da personagem acontecesse. Assim, engravidados da seguinte Supertarefa: "Sustentar a existência de uma vida digna!", passamos para a etapa da ENCARNAÇÃO, ou seja, etapa em que o papel se torna carne, se transmuta em personagem encarnado pelo ator. Os encontros entre os alunos-atores nas últimas aulas foram para estabelecer o jogo, a troca, a vida, a relação nas Circunstâncias Propostas e na sequência da Linha de Ação traçada por nós para a apresentação online ao vivo, nos encaminhamos para viver o momento do chamado IMPACTO, ou seja, a quarta etapa, o momento do compartilhamento com o público de casa. Este momento tão aguardado por todos nós artistas, desta vez foi diferente, pois não pudemos ver as reações nas faces do público, nem sentir a vibração e o calor de uma plateia ao vivo e presente, pois estávamos cada um em nossas casas. Nossa preocupação maior e absoluta era em não perder a conexão da internet, nada poderia falhar, a atenção cênica, a comunhão, a sintonia, cumplicidade, calma e parceria foram extremamente potentes. Não é possível mensurar a experiência do espectador, se é que podemos chamar àqueles que assistiram pelas telas dos seus celulares, computadores ou televisores de espectadores. A experiência deles não está sob o nosso controle, mas nós estávamos inteiros, no mesmo campo vibracional, jogando um com o outro de forma intensa e verdadeira. Uma experiência única, histórica, extremamente construtiva e importante para a formação de um ator, professor, diretor. Acredito que para quem viveu este momento, algo de fato aconteceu. Obrigada, Ana, André, Danilo, João Clímaco, José Antônio, Rafael, Gabriel, Guilherme, Mary, Cleber, Bruno, Cris e Mariana por estarem comigo nesta incrível jornada e por contribuírem com seus relatos para a escrita deste artigo.

A pergunta investigativa: "Como a arte teatral pode despertar esforços coletivos para uma consciência humanitária?", que nos acompanhou ao longo do semestre, foi respondida pelos alunos na conclusão do processo. E, para finalizar este texto, escolhi as palavras do aluno Bruno Gambini, que contempla a todos nós envolvidos nesta experiência.

A pergunta me levou para muitos lugares, então, antes de tentar respondê-la, gostaria de refletir sobre suas partes constituintes. A arte teatral, acredito eu, já é um esforço coletivo em si (artistas) e move um esforço coletivo por si no seu compartilhamento (público). Do ponto de vista do coletivo de artistas, destaco duas interpretações para esse "esforço":

- 1. O artista, a meu ver, tem que se esforçar para dar o melhor de si em cada processo; e cabe ao coletivo o esforço de contar uma história que entretém, sim, mas também provoca, rompe, transcende.
- 2. A minha segunda interpretação para "esforço", ainda do ponto de vista do coletivo de artistas, é a de que, apesar de não trabalhar com arte, tenho consciência cada vez mais das dificuldades dessa profissão no Brasil, sobretudo em um Brasil em plena crise pandêmica-político-econômica. Essa interpretação não tem nada de pejorativa, pois entendo esse "esforço" muito no lugar de uma resistência e de um intensificar de forças em prol de algo em que se acredita. É difícil, mas é lindo. E lamentar certamente não é uma solução. É preciso unir forças e agir.

Agora, englobando o público, destaco uma outra interpretação para esse despertar de esforços coletivos a partir da arte teatral:
Acredito que despertar algo em alguém não é a tarefa mais fácil em um mundo desigual, polarizado, onde as pessoas estão fechadas em suas bolhas e não entram em embates para perder, mas para se autoalimentar com as próprias convicções e convencer o

outro a qualquer custo, para não dizer "lacrar". Uma discussão só é uma discussão, acredito eu, quando todas as partes estão dispostas a perder; quando há escuta, compreensão e empatia. Neste movimento de se expressar, mas principalmente ouvir, quem sabe as partes não despertam para um lugar até então desconhecido entre elas?

E, quando levamos uma história para o palco, de certa forma estamos propondo discussões também. Acho que o teatro não deve categuizar ninguém nesse sentindo, mas, na minha opinião, deve ser sensível, jogar luz e ser uma ferramenta para tudo que precisa ser transformado. Os artistas são filhos de seu tempo, é inegável, e eu, como artista em construção, no contexto atual, jamais aceitaria interpretar um papel de um rei que mora em um castelo tão, tão distante, e que não dialoga com nenhuma pauta que me é cara. Acredito que isso está muito ligado com a nossa Supertarefa da peça, mas também, e principalmente, à nossa Super Supertarefa como ser humano/atores.

Eu entendo esse despertar de "esforços coletivos" a partir de dois pontos de vista também: interno e externo. A arte que fala ao meu coração pode provocar um movimento interno, como uma quebra de paradigma por exemplo, ou um movimento externo, uma ação.

Refletindo sobre o despertar de esforços

coletivos para uma consciência humanitária, na minha opinião, é uma tarefa que me assusta de uma certa forma pela responsabilidade que ela carrega. Como disse, não quero convencer ninguém, não quero ser o portador de uma verdade absoluta, mas, ao mesmo tempo, tenho consciência que posso afetar e provocar movimentos a partir dos meus processos. Se eu acreditar na minha potência humana e empregar verdade naquilo que eu faço, acredito que já vou promover essa consciência humanitária. Também acredito que isso não depende só de mim, ou do meu coletivo, ou da arte teatral, mas de todas as áreas, afinal, o ser humano está presente em todas elas. Não adianta, por exemplo, o teatro criar com uma mão e a publicidade destruir com a outra. Mas, nesta roda viva, acho que a cultura deve ser a primeira a "arregaçar as mangas" e ser essa ferramenta de transformação, promovendo a transição de uma sociedade machista, racista, e muitas vezes irracional, para uma sociedade sustentável. solidária, criativa, plural. Porque é a partir de cultura que a gente enxerga o mundo é a partir da arte do ator que o ser humano é revelado em todas as suas contradições. Já o "como" isso pode ser feito já acho mais complexo de responder, porque o "como" me leva à ação. É fazendo que se descobre; não cabe em uma resposta. Quero destacar a importância dos processos, pois acredito que são eles que vão nos orientar nesse sentido. Com *Eles não Usam Black-tie*, por exemplo, temos algo construído, algo a ser dito. Por meio do personagem, quero dar voz a todos que sofrem violência, que são silenciados, mas, de alguma forma, suportam, resistem, porque essa vida digna ela existe. Despertando para ela, juntos, podemos despertar mais e mais pessoas para essa corrente que norteia o tema da mostra e que está pulsando em nós.

## Referência Bibliográficas:

KENEBEL, Maria. **Análise-Ação** – Práticas das Ideias Teatrais de Stanilávski. São Paulo: Editora 34. 2016.

MERLIN, Bella. Here, Today, Now – Active Analysis For the Twenty-First-Century Actor. In: WHITE, Andrew (org.). **The Routledge Companion to Stanislavsky**. Routledge: Abindgon, 2013, p. 325-340.

STANISLÁVSKI, Konstantín. **O Trabalho do Ator** – Diário de um Aluno. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

ZALTRON, Michele A. "Переживание" (Perejivánie) e o "Trabalho do Ator Sobre Si Mesmo" em K.Stanislavski. Anais do VII Congresso da ABRACE — TEMPOS DE MEMÓRIA: Vestígios, Ressonâncias e Mutações, Porto Alegre, p. 1-6, out. 2012.

# Teatroamorafeto O amor em 5 atos – uma experiência cênica sobre a revolução através do amor

### **DIRETOR-PEDAGOGO – RODRIGO POLLA**

Assistente de direção – Jéssica Mendes Atores e atrizes-criadores(as) – Dea Flores, Dreca Nunes, Júlio Sinkevicius, Marcelo Moreira, Rafael Maia, Tata Lisboa, Thayná Gurisan, Tiago Perilop, Vuka Pereira

### Introdução - Prólogo

Partindo das quatro etapas de criação do Sistema Stanislávski – Busca, Vivência, Encarnação e Impacto –, o presente artigo foi sendo construído (e desconstruído) ao longo do processo de uma turma de PA3 A – Unidade Barra Funda – do Teatro Escola Macunaíma, durante o segundo semestre de 2020.

Tanto a turma como o professor já haviam experimentado o estudo *online* no primeiro semestre de 2020. Mas os desafios continuavam. Cada um em sua casa, criando e respirando a arte. Descobrindo modos e meios do fazer teatral à distância. Vale destacar que o diretor-pedagogo orientou

o processo em Piracicaba/SP, a assistente estava em Campinas/SP, e os atores-jogadores-criadores em São Paulo/Capital. Com toda a possibilidade que a *internet* e o aplicativo ZOOM nos oferecem para esses encontros remotos.

Desde o início do processo, já tínhamos algo em comum: a necessidade de fazer o experimento cênico AO VIVO. Para nós, é o meio que mais se aproxima do teatro e do estado de presença cênica.

Escolhemos falar sobre o AMOR, e entendemos que para isso, precisávamos falar sobre a ausência dele. E para isso, entendemos que nosso processo seria pela via de um ARTEVISMO. Por conta disso, o processo ganhou o nome de TEATOAMORAFETO.

O processo é relatado como um clássico teatral: em atos! São cinco atos, além de um prólogo e um epílogo.

Embarquem agora em nossa jornada no encontro com o AMOR.



### ATO I

TEATOAMORAFETO – Nossa Busca sobre aquilo que queremos comunicar.

Agosto de 2020. São Paulo. O mundo vive uma pandemia, talvez a maior da história. "Trancados" em nossas casas, (re)existimos dando significado a nossas vidas através da Arte, do TEATRO.

O primeiro encontro acontece. Como diretor--pedagogo de nove artistas-aprendizes-jogadores, sinto-me à vontade de presentear a turma no início das aulas com música e poesia. Encontro de afetos. Vamos nos reconhecendo e percebendo o que cada um já vivenciou dentro da plataforma Zoom (para onde fomos transportados há alguns meses). O que há para despertar em nós? Esta pergunta – a partir do tema proposto pela escola –, nos provoca a refletir e se colocar como artista-cidadão inserido neste mundo, de forma poética e política.

Seguimos caminhando, e a turma apresen-

ta seus "pequenos grandes talentos", através do canto, da dança, das artes visuais e da poesia, potencializando tudo isso no teatro. Essas apresentações acontecem no segundo encontro e também é um procedimento que traz a possibilidade de conhecer mais dos nossos educandos, e assim vislumbrar as possibilidades de levar esses "talentos" para nosso experimento cênico.

Sentimos que é preciso falar sobre o Amor. Mas o Amor como um ato de despertar da consciência. Amor como Artevismo. Amor como um ato revolucionário, para que possamos sair da caverna da ignorância e do ódio.

Buscamos através dos textos *Banquete* e do *Mito da Caverna*, de Platão, *Lisístrata*, de Aristófanes, *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare, um encontro com o Amor nas suas diferentes abordagens.

Mas precisávamos ir além. Filmes, documentários, livros, músicas. Vamos coletando e compartilhando materiais. Mitos, como o de Rudá e Oxum, nos levam para outros caminhos possíveis. A música de Chico César "O Amor é um Ato Revolucionário" e o livro *O Amor Como Revolução*, do Pastor Henrique Vieira, nos estimulam dentro do nosso processo criativo.

Cada estudante é convidado a escrever seus manifestos sobre o Amor. Esses manifestos são apresentados como um ato cênico. Potência no ato-afeto. Nossos encontros se transformam em Arte-Afeto-Manifesto. O amor transforma e nos faz transcender. A ancestralidade feminina se manifesta em beleza, força, potência e cuidado.

Escutamo-nos como um ato de amor. "Eu te escuto, eu te amo". Aqui cabe citar um trecho do texto "A Escutatória", de Rubem Alves (trecho do seu livro – O Amor Acende a Lua): "Para mim, Deus é isto: a beleza que se ouve no silêncio. Daí a importância de saber ouvir os outros: a beleza mora lá também. Comunhão é quando a beleza do outro e a beleza da gente se juntam num contraponto..."

E quando falamos sobre escuta fina, estamos falando sobre Comunicação, uns dos conceitos do Sistema Stanislávski, que serve para pensarmos sobre a relação entre os parceiros de cena e também aquilo que gueremos comunicar.

Um outro procedimento utilizado em sala do Zoom foi trazer presentes para nosso início de aula. Cada aula, um aprendiz era convidado a presentear a turma no início do encontro. Presenteamo-nos com carinho e manifestamos nosso amor saindo da sala de aula, buscando os encontros afetivos e efetivos possíveis nas redes sociais, perguntando sobre o nosso tema: o despertar através do amor.

E esse foi um recorte da nossa primeira etapa, nosso primeiro ato, nossa Busca. Nossa próxima jornada nos mobiliza para a criação de uma dramaturgia, através das vivências que já estão sendo propostas a partir dos textos levantados.

Não ficaremos somente nos encontros virtuais semanais. Nossa provocação precisa ir além dos nossos muros. Afetar o outro, tocar o outro, despertar a consciência do amor. Essa era a provocação constante.

# ATO II TEATOAMORAFETO – Das vivências e pelo afeto

Setembro de 2020. São Paulo. Piracicaba. Campinas. Seguimos fazendo ponte-conexões.

Agora começamos a nos conhecer e a nos reconhecer como artistas-criadores, sendo atravessados pela nossa Supertarefa que se define a partir das vivências dos nossos encontros e dos nossos materiais: "O despertar da consciência planetária através do amor para que possamos sair coletivamente da caverna da ignorância, do medo e do ódio."

Nosso Artevismo ganha as redes sociais. Buscamos nos provocar e ser provocados com nosso ato político e poético.

Mergulhamos nos estudos sobre *O Banquete*, de Platão, e *Lisístrata*, de Aristófanes, e a cada encontro nos divertimos e nos contagiamos pelo amor. Vivenciamos a dificuldade de alguns saírem de uma zona de conforto; é necessário nos aproximar também daquilo que nos causa repulsa e indignação. Como falar de amor, se vivemos tempos de guerra?

Mas que guerra é essa? Não é mais sobre Atenas e Esparta... percebemos que a guerra é outra; a destruição segue a galope... Será possível respirar daqui a poucos anos? Qual é a paz que queremos???

Enfim, essa guerra começa a aparecer em nosso processo criativo. Através dos études, vamos nos provocando a encontrar novos caminhos e descartar outros. Pode o amor por um fim a tudo isso? Depositamos nossas forças na ancestralidade feminina, através das vozes das mulheres que estão trazendo toda sua potência de alegria/afeto dentro dos estudos cênicos improvisacionais.

Nossos manifestos sobre o amor são resignificados e trazidos na perspectiva da cena. Revisitando os manifestos, cada aluno-criador-jogador cria seu monólogo, que deverá ter um conectivo com a figura presente em *O Banquete*.

A partir desses encontros, estudando e vivenciando, finalizamos nossa segunda etapa com um pequeno esboço/roteiro/dramaturgia.

Agora seguimos para o aprofundamento das relações, nas construções dos afetos, no estudo das fricções entre artista/personagem. Num mergulho intenso e criativo.

Algumas vozes do e sobre o processo:

Estudamos e experimentamos vários études, tudo sempre com aquela animação do Polla, muito animado, com uma energia boa, isso faz muita diferença, principalmente nesse momento pelo qual todos estamos passando. Minha cabeça voa sobre explorar as situações, ou seja, falar de amor sem deixar de explorar e apontar figuras da vida cotidiana que tanto mal fazem à sociedade (fico às vezes viajando para explorar essas situações que me incomodam tanto). Mas enfim, preciso de um pouco mais de tempo para elaborar isso (Dreca Nunes).

Mais um mês. Meu Deus, está passando

muito rápido! Passamos por muitas experiências que levantaram pensamentos e questões a serem analisadas para a montagem da peça. Definimos nossa Supertarefa para assim seguirmos todos numa mesma linha de raciocínio. A peça agora vem criando formato e vem sendo bastante divertido. As tarefas continuam interessantes devido ao seu ponto investigativo. Apesar de permanecermos no virtual, elas provocam os alunos a sempre se aproximar da teatralidade. A diversidade em cada um me traz um conforto de aprendizado, com as propostas dos outros me provocando a ser mais solto. divertido e espontâneo nos études e ensaios propostos (Marcelo Moreira).

Terminamos nosso mês de setembro dando início a nossa primeira tentativa de "passadão" do espetáculo, de acordo com os estudos vivenciados ao longo do início do semestre. Estamos muito orgulhosos e satisfeitos com o caminhar de nosso processo, pois estamos mergulhando nesse tema do amor, cuja abordagem é tão necessária a nossa situação atual (Jéssica Mendes).

Seguem também duas escritas sobre o amor que nos serviram de provocação e estímulo:

A palavra AMOR se compõe, em latim, do negativo "a" e do substantivo "mors" (morte). Portanto, o amor em seu sentido etimológico é o apelo de vida (Eros) contra a mor-

te (Thanatos), a não morte, a não paralisia, o não conformismo, a não adaptação. O amor é o sentimento provocativo que nos vivifica e nos reanima, nos preenche de "anima", de alma, de sensibilidade (Marcos Ferreira dos Santos, provocador do processo).

"O amor também é o contrário de Roma. Então, se Roma é a civilização, a ordem, a lei, o amor é bárbaro, selvagem, inculto e livre" (Tito Kehl, provocador do processo).

# ATO III TEATOAMORAFETO – Uma ponte entre a Vivência e a Encarnação nos amores e afetos

Outubro de 2020. São Paulo. Piracicaba. Campinas. Seguimos fazendo ponte-conexões.

Nossa Supertarefa se expande e define com uma palavra que faltava até então: COLETIVO. Isso dá mais sentido ao nosso processo, já que estamos vivenciando a arte do coletivo: o TEATRO!!!

"O despertar da consciência planetária através do amor para que possamos COLETIVAMENTE sair da caverna da ignorância, do medo e do ódio"

No começo do mês, uma aluna é contaminada pela COVID-19. Nossos laços se estreitam através do cuidado, e as vibrações positivas fazem com que nossa aluna tenha uma melhora significativa e, assim, ela permaneça apenas uma semana afastada do processo.

Nosso movimento nas redes ainda é tímido. Sinto que precisamos amplificar nossas vozes nesse ciberespaço.

Entender a guerra no nosso corpo através de estudos se faz necessário. E sendo assim, qual a paz que queremos??? Foi assim que iniciamos nossa jornada no mês de outubro.

Uma pausa necessária. Dia 10 de outubro. Um silêncio e um respirar para voltarmos mais fortes, afinal, não tivemos uma pausa desde fevereiro, nem o professor e nem os alunos. Pedimos essa pausa, e a conquistamos com amor e afeto.

E a volta foi realmente significativa. Eu, diretor-pedagogo da turma, já havia esboçado um roteiro do espetáculo a partir dos estudos trazidos. Mas foi uma grata surpresa quando a turma chegou com um novo roteiro, partindo daquele que já havíamos esboçado, mais completo e mais potente. Isso me fez escutar e perceber o quanto a turma já agia com autonomia no processo. Para mim, isso foi um acontecimento pedagógico significativo durante o semestre.

Depois de muitos estudos e com a Linha de Ação definida, é chegada a hora de fazer a distribuição das personagens. Embora natural, por conta dos estudos já feitos, a escolha das personagens é quase sempre um momento de alegria para uns e de frustração para outros. Mas aparentemente, nessa turma, esse acontecimento foi sem grandes surpresas, já que todos já haviam expressado suas preferências, e conseguimos contemplar praticamente todos através dos estudos cênicos.

Enfim, cada vez mais, o texto de Aristófanes - Lisístrata - vai se tornando um pano de fundo

para aquilo que queremos comunicar. Vale citar também a palestra do dramaturgo Luís Alberto de Abreu, feita para o grupo Teatro da Cidade, de São José dos Campos. Alguns integrantes da turma assistiram a esse encontro, que nos ajudou a olhar para nosso processo em meio à pandemia, e para a possibilidade de se fazer teatro *online*. Percebemos que nossa escolha em apresentar nosso espetáculo AO VIVO vai ao encontro daquilo que acreditamos ser o mais próximo daquilo que entendemos como TEATRO.

Personagens definidos, mergulhamos no nosso processo de Encarnação. Agora é a hora de aprofundarmos nossos estudos, nossas escolhas, nosso processo.

### ATO IV

### **TEATOAMORAFETO –**

### A Encarnação nos amores e afetos

Novembro de 2020. São Paulo. Piracicaba. Campinas. Seguimos fazendo ponte-conexões.

Nossa supertarefa se mostra cada vez mais presente e necessária: "O despertar da consciência planetária através do amor para que possamos COLETIVAMENTE sair da caverna da ignorância, do medo e do ódio."

Agora é chegado o momento de fazermos escolhas, definir os caminhos. Escolher os materiais e montarmos um quebra-cabeça dessas cenas. Nossa Linha de Ação está pronta, porém, é possível ajustar uma ou outra cena em lugares diferentes para que a dramaturgia cresça em potência e a Comunicação seja mais efetiva.

Uma das escolhas é retomar os manifestos individuais sobre o amor e os transformarmos no prólogo do espetáculo. A ideia seria que cada aluno – nove no total – ficasse em uma sala separada e assim recebesse o público, com sua cena--manifesto, e partilhassem sobre o amor. Alguns integrantes da turma ficaram muito empolgados com essa cena inicial que já se ligaria com o nosso "Banquete" (cena coletiva). Outros ficaram com receio, com medo de que poderia dar errado, que seria um risco grande. Teatro é risco, é experimento. E o ambiente escolar é o lugar próprio para que possamos experimentar e buscar uma Comunicação mais efetiva com nossa plateia virtual, mas real! Optamos pelo risco, mas deveríamos estudar muito para que tudo acontecesse da melhor forma possível.

Música, cenografia, figurinos, maquiagem: todos esses elementos externos vão se afirmando a cada encontro.

O coro, elemento tão importante no teatro grego, não poderia ficar de fora. A cena que mais evidencia esse elemento cênico é a "Mulheres de Atenas", onde as mulheres do grupo executam uma dança-performática sobre o universo feminino.

Nesse momento, vamos nos aprofundando cada vez mais nas personagens e nos estudos, buscando entender nossas escolhas e aquilo que nos afeta. E nesse aprofundamento, nos emocionamos e nos tocamos uns aos outros. Isso faz a gente acreditar que podemos tocar a alma do outro, mesmo que fisicamente distantes.

Mas, mesmo sendo grande o amor, também

temos os nossos problemas internos. Uma das alunas decidiu deixar o processo faltando apenas duas semanas para nossa apresentação. Uma reunião de emergência é feita em plena segunda--feira à noite. Conversamos muito para tentar entender o que estava acontecendo. Descobri que o clima estava tenso entre duas pessoas do grupo, e isso levou à saída dessa nossa parceira. Mas como falamos bastante durante o semestre sobre a escuta e a Comunicação, percebi que naquele momento de tensão, faltou um diálogo mais amoroso entre as duas partes, e isso nos fez perceber o quanto precisávamos aprender a escutar e também a falar com amorosidade. E essa amorosidade passa pelo afeto e pela empatia. Decidimos continuar o processo, e deixamos aberto para aqueles que quisessem conversar com a nossa parceira "em fuga". Eis que na mesma semana, na quinta-feira, recebi o recado dessa aluna que ela estava voltando e que a força do coletivo a fez retornar ao processo. Voltamos aos nove aprendizes-jogadores-artistas da cena.

A fim de afinarmos nosso experimento cênico, decidimos fazer dois ensaios extras e uma abertura de processo. Essa abertura seria para nos auxiliar na relação com o público. Convidamos algumas pessoas e, pela primeira vez, tivemos o contato com uma plateia. O fato é que a plateia era pequena, e nossa prova de fogo seria a estreia programada para os dias 05 e 06 de dezembro, às 19 horas.

O Amor É (R)evolução é o nome que damos ao nosso ato-performático.

# ATO V TEATOAMORAFETO –

### O Impacto nos amores e afetos

Dezembro de 2020. São Paulo. Piracicaba. Campinas. BRASIL e MUNDO. Seguimos fazendo ponte-conexões, agora nosso encontro é com a plateia, e o desejo de comunicar através da nossa Supertarefa se faz presente: "O despertar da consciência planetária através do amor para que possamos COLETIVAMENTE sair da caverna da ignorância, do medo e do ódio"

Ensaio pela manhã, dia 05 de dezembro. Alguns sonham com essa estreia, que muita coisa dá errado (como acontece com muitos de nós). A ansiedade bate forte, ainda mais que estamos experimentando as salas simultâneas. Combinamos de fazer os ajustes finais às 17 horas.

Encontramo-nos novamente no horário combinado, e muita coisa dá errado. A *internet* falha, a caixa de som começa dar problemas, algumas pessoas estão nervosas, e os ânimos se exaltam um pouco. Mas respiramos e focamos no nosso experimento. Os vídeos feitos pela assistente Jéssica Mendes em conjuntos com os alunos dizem muito a respeito daquilo que estamos querendo comunicar.

É chegada a hora. Aquecemos, cantamos e dançamos para Dionísio. Pedimos força e alegria para manifestarmos a presença do amor! Evoé! MERDAAAAAAA.

O público é recebido pelo diretor e pela assistente com a música "O l'Amour" do grupo Erasure, sucesso dos anos 1990, com muita festa. Passamos os vídeos da escola (sobre a mostra) e

explicamos como será a interação com a plateia. Ensinamos o público a abrir e fechar as câmeras, a fim de interagir com os atores e atrizes.

Um susto com a entrada da plateia nas salas simultâneas. Uma das atrizes têm dificuldade em ir para sua sala, e vamos ajustando até todos estarem em suas respectivas salas. Ufa, demorou, mas entendemos a dinâmica e conseguimos.

A peça segue, e há mais um momento de interação com a plateia: as mulheres são convidadas a relatar sobre ser mulher no Brasil de 2020. Falas emocionantes, eu como homem, entendo meu lugar de escuta.

Estreamos enfim! Recebemos algumas devolutivas e fizemos alguns ajustes. A cena do casal Mirrina e Cinésias ficou um pouco longa, na verdade, perdeu um pouco o ritmo.

Segundo dia! Aquele momento em que precisamos de uma atenção redobrada, pois passou a ansiedade da estreia, e muitas vezes, pode acontecer de cair o ritmo das cenas.

Reunimo-nos e ajustamos o que foi possível. Em nosso prólogo inicial corre tudo bem, até um click errado meu, logo no começo, trazer todos de volta para a sala principal. Brincamos com isso, e rapidamente todos voltam a suas salas simultâneas. Terminada a apresentação, novamente temos um bate-papo com a plateia, e uma das falas que mais ouvimos foi com relação ao nosso experimento cênico, foi como tratamos de um tema tão intenso de uma forma leve e irônica. Isso nos fez perceber que estávamos no caminho de uma Comunicação efetiva com a plateia.

Recebemos um convite para uma reapresen-

tação do espetáculo e prontamente ajustamos nossos horários para que essa apresentação acontecesse dentro da mostra Virtual do Projeto "Feirinha da Horta", uma mostra virtual feita em conjunto com o Clube da Horta, da Chácara Brasil, em Piracicaba SP.

Mais uma vez montamos nosso cenário em nossas casas, para receber o público em suas casas, no dia 18 de dezembro de 2020.

E no dia seguinte, encerramos nossos encontros desse semestre, com um olhar de quanto fomos afetados pelo Sistema Stanislávski, num estudo sobre a temática do amor.

### **Considerações Finais** – Epílogo

Finalizo esse material com algumas considerações e olhares sobre o processo.

Minha percepção sobre o processo é sobre o quão importante se faz que a turma assuma o processo para si, ganhando a autonomia, autoralidade e a "atoralidade". Isso é uma conquista que exige uma escuta e uma comunicação com afetividade e amorosidade. Desafiar-se e se colocar em risco faz parte do nosso processo de aprendizagem.

De como também, se pensarmos na lógica da Comunicação, o quão importante é a escolha da nossa Supertarefa, a fim de traçarmos nossa Linha de Ação.

Olhando para a escrita final de cada integrante da turma, é nítido o quanto o processo nos trouxe pequenas transformações. E isso nos mostra a potência do teatro em nós.

O Amor nos conectou, nos proporcionou encontros felizes, trouxe a alegria da presença, potencializou a nossa essência a transbordar. Oxalá, sustentemos nossas potências e que cada vez mais possamos irradiá-las através do nosso Artevismo.

# Referências Bibliográficas

ARISTÓFANES. **Lisístrata** – A Greve do Sexo. Porto Alegre: L&PM, 2003.

D'AGOSTINI, Nair. Stanislávski e o Método de Análise Ativa – A Criação do Diretor e do Ator. São Paulo: Perspectiva / CLAPS, 2019.

KONSTANTÍN, Stanislávski. **O Trabalho do Ator - Diário de um Aluno**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

PLATÃO. **O Mito da Caverna**. São Paulo: Le-Books, 2019.

\_\_\_\_\_. **O Banquete**. São Paulo: Edipro, 2017. VIEIRA, Pastor Henrique. **O Amor Como Revolução**. São Paulo: Objetiva, 2019.



